A CIA. NITRO QUÍMICA. INDÚSTRIA E VILA OPERÁRIA EM SÃO MIGUEL PAULISTA.

2013

A COMPANHIA NITRO QUÍMICA
INDÚSTRIA E VILA OPERÁRIA EM SÃO MIGUEL PAULISTA

Luciana Lepe Tonaki
Dissertação de Mestrado

LUCIANA LEPE TONAKI

**A CIA NITRO QUÍMICA :
INDÚSTRIA E VILA OPERÁRIA EM SÃO MIGUEL PAULISTA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: **Profª.Drª Telma de Barros Correia.**

Área de Concentração: **Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo.**

São Carlos

2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

T663a Tonaki, Luciana Lepe
 A Companhia Nitro Química: indústria e vila
operária em São Miguel Paulista. / Luciana Lepe Tonaki;
orientadora Telma de Barros Correia. São Carlos, 2013.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em
Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo --
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de
São Paulo, 2013.

1. Vilas Operárias. 2. Indústria. 3. Art Déco. 4.
Patrimônio Industrial. I. Título.

FOLHA DE JULGAMENTO

Candidata: Arquiteta e Urbanista Luciana Lepe Tonaki

Título da dissertação: "A Companhia Nitro Química: indústria e vila operária em São Miguel Paulista".

Data da defesa: 01/08/2013.

Comissão Julgadora:

Resultado:

Profa. Assoc. **Telma de Barros Correia (orientadora)**
(Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP)

Aprovada

Profa. Dra. **Maria Lucia Caira Gitahy**
(Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - USP)

APROVADA

Prof. Dr. **Paulo César Castral**
(Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP)

APROVADA

Presidente e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura Urbanismo: Professor Titular **Renato Luiz Sobral Anelli**

Agradecimentos

Agradeço a todos que colaboraram direta e indiretamente para a realização desta pesquisa, em especial à professora Telma de Barros Correia, pela orientação, confiança, estima e amizade ao longo de quase dez anos.

Aos professores Maria Lúcia Caira Gitahy e Paulo César Castral, pela dedicação e paciência no acompanhamento da pesquisa.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela bolsa concedida.

Aos funcionários, professores e amigos do Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos (IAUUSP), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUUSP) e da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH USP).

Ao Memória Votorantim, Memória Klabin, CPDOC São Miguel (Fundação Tide Setúbal), Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp), Departamento do Patrimônio Histórico (DPH), Divisão do Arquivo Municipal de Processos (MDGDP-2), Arquivo Histórico de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros (IEB USP) e Sindicato dos Químicos e Plásticos de São Paulo pela disponibilidade e atenção.

Aos amigos queridos e consultores ocasionais: Caio Forte Ribeiro, Aron Guelfi Palo, Dany Z. Hladky, Iris Gonçalves da Silva, Camila Ferrari, Lygia P. de Castro e Bárbara Guazzeli.

À minha família, especialmente mamãe, papai e meu irmão Adolfo, pelo suporte, carinho e incentivo nas horas mais difíceis.

Ao Guto Morbiolo, por estar sempre ao meu lado.

RESUMO

TONAKI, L. L. **A Companhia Nitro Química**. Indústria e vila operária em São Miguel Paulista. 2013. 208f. Dissertação (Mestrado), Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013.

Esta pesquisa teve como foco o estudo de caso da Companhia Nitro Química Brasileira instalada no bairro de São Miguel Paulista em São Paulo pelo Grupo Votorantim e Klabin Irmãos e Cia; dos espaços e arquitetura que gerou e de sua política de benefícios sociais com foco no papel das vilas operárias e equipamentos implantados pela fábrica para uso de seus trabalhadores. Buscou analisar a configuração espacial da fábrica e de seu núcleo residencial, estudando a arquitetura das instalações fabris, vilas operárias e equipamentos de suporte aos trabalhadores, considerando o programa dessas edificações, o tipo de habitações oferecidas, as formas de obtenção desse benefício e os funcionários contemplados; registrando a construção e transformação desses espaços e o papel da indústria e de suas vilas junto aos trabalhadores e na ocupação e configuração urbana do bairro onde foi implantado.

Palavras-chave: Vilas operárias, Indústria, Art Déco, Patrimônio industrial.

ABSTRACT

TONAKI, L. L. **A Companhia Nitro Química.** Indústria e vila operária em São Miguel Paulista. 2013. 208f. Dissertação (Mestrado), Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013.

This essay focused on the study case of the Companhia Nitro Química Brasileira settled in São Miguel Paulista district in São Paulo by Votorantim Group and Klabin Irmãos e Cia; on the spaces and architecture that generated and on its social policy benefits, with the focus on the labourer villages and equipments established by the factory for the use of its employees. It intended to analyze the factory spatial configuration and its residential center, studying the architecture of the industrial installation, labourer villages and support equipments of workers, considering the program of these constructions, the kind of the habitation offered, the ways of acquirement of this benefit and the contemplated employees; registering the construction and the transformation of theses spaces and the role of the industry and its villages to the workers and on the occupation and the urban configuration of the district where it was implanted.

Keywords: Labourer villages, Industry, *Art Déco*, Industrial heritage.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
 1. A VOTORANTIM, A KLABIN E A HABITAÇÃO OPERÁRIA	09
1.1 A AÇÃO DA INDÚSTRIA NA MORADIA.....	10
1.2 VOTORANTIM E KLABIN – breve histórico	22
1.2.1 VOTORANTIM.....	22
1.2.2 KLABIN IRMÃOS E CIA.....	29
 2. A COMPANHIA NITRO QUÍMICA BRASILEIRA	35
2.1 A FÁBRICA	37
2.2 A LOCALIDADE..	48
 3. A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	61
3.1 A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL.....	62
3.1.1 AVENIDA PRINCIPAL.....	65
3.1.2 VILA AMERICANA	71
3.1.3 CIDADE NITRO QUÍMICA	76
 4. OS EQUIPAMENTOS DE USO COLETIVO E COMÉRCIO	83
4.1 ORGANIZANDO O COTIDIANO OPERÁRIO	84
4.2 O ART DÉCO COMO LINGUAGEM OFICIAL DA EMPRESA	111
 5. AS HABITAÇÕES	155
5.1 BANGALÔS: A SIMPLICIDADE E CONFORTO NAS CASAS OPERÁRIAS	156
 6. CONCLUSÃO.....	187
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	188
 REFERÊNCIAS	195
ANEXO.....	200

INTRODUÇÃO

Das inúmeras formas assumidas pela habitação popular no Brasil, a construção de moradias para trabalhadores em vilas operárias e núcleos fabris¹ constitui uma das mais abrangentes com exemplares presentes em todas as regiões do país desde pelo menos meados do século XIX.

No Brasil, as Empresas Votorantim e a Klabin Irmãos e Cia, destacam-se dentre as indústrias que adotaram extensamente esse método. A Votorantim, com conjuntos habitacionais construídos ao longo de mais de um século de atuação em pelo menos cinco estados brasileiros, foi apontada pela Prof.^a Telma de B. Correia como provavelmente a empresa que mais construiu casas operárias no Brasil²; e, teve pelo menos um de seus conjuntos fabris, talvez o mais antigo deles, da Fábrica de Estamparia e Alvejaria da cidade de Votorantim (SP), destacado pelo Prof. Nestor G. Reis Filho como "um caso especial" por sua dimensão e importância (REIS FILHO, 1994b, p. 131). A Klabin tem também uma atuação de grande interesse para o tema, não apenas pela quantidade de casas construídas, mas, sobretudo, pela proposta arquitetônica e urbanística do núcleo fabril da IKPC – Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A instalada na cidade de Telêmaco Borba (PR)³, uma interessante experiência de urbanismo de viés cidade-jardim em solo brasileiro.

A atuação da Votorantim e da Klabin na manutenção e construção de moradias para seus operários torna-se um capítulo essencial no entendimento desse fenômeno e do impacto social e urbano que vilas operárias e núcleos fabris tiveram no Brasil.

Apesar do reconhecimento da importância dos conjuntos erguidos pela Votorantim e Klabin para a história da habitação e da urbanização no Brasil pela bibliografia recente, raros são os trabalhos que se aprofundam no estudo de seus exemplares, o que se

¹ Adotou-se aqui a classificação estabelecida por CORREIA (1998a), ou seja, por vilas operárias entendem-se as vilas construídas por industriais em cidades existentes ou subúrbios; e por núcleos fabris as vilas em localidades rurais.

² Palestra de Telma de B. Correia proferida no Segundo Seminário de Patrimônio Agroindustrial: Lugares da Memória na Universidade de São Paulo, 2010, São Carlos.

³ Sobre a IKPC consultar: CORREIA, Telma de Barros. Núcleo Fabril x Cidade Livre: os projetos urbanos da Klabin no Paraná. In: V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Campinas. In: Anais do V SHCU, 1998b.

faz urgente devido ao acelerado processo de “desmonte” ⁴ e descaracterização dessas edificações.

Esta pesquisa visa contribuir para o preenchimento desta lacuna, analisando o interessante, e ainda pouco conhecido, caso da Companhia Nitro Química Brasileira, empresa que uniu as ações destes dois grandes grupos industriais na promoção de habitações operárias.

Instalada na periferia leste de São Paulo, em meados de 1930, a companhia ergueu um extenso conjunto fabril composto por fábricas, casas e equipamentos de suporte ao trabalhador. O conjunto destaca-se dentre as empresas brasileiras que adotaram este método pela extensão do empreendimento, pela diversidade de equipamentos que criou e pelo impacto que exerceu sobre os trabalhadores e sobre o lugar onde se instalou o longínquo e, até então isolado, bairro de São Miguel Paulista, periferia leste de São Paulo.

Neste trabalho interessou-nos a análise da Companhia Nitro Química, dos espaços e arquitetura que gerou e de sua política de benefícios sociais com foco no papel exercido pelas casas e equipamentos de uso coletivo e comércio construídos pela empresa.

No primeiro capítulo desta Dissertação procuramos apresentar a discussão teórica em torno da criação de casas e equipamentos por indústrias, buscando, desta forma, introduzir o tema que permeia a pesquisa; ressaltando as origens dessa forma de gestão do trabalho e as principais razões que levaram seu êxito. Procuramos ainda, apresentar, brevemente, os dois grupos principais responsáveis pelas ações da Companhia Nitro Química, pois, interessou-nos, sobretudo, o ponto de vista patronal a partir do entendimento de que a experiência de São Miguel não representou um empreendimento isolado, mas parte de uma política ampla aplicada por ambas em outras cidades e estados do Brasil.

Em seguida tem início uma aproximação maior com o estudo de caso, uma análise que parte da formação da sociedade entre Votorantim e Klabin, passa pela análise do sítio (histórico, localização, particularidades que levaram à sua eleição como espaço à instalação da empresa) e chega às edificações construídas pela fábrica considerando tanto

⁴ Além das ações diretas de “desmonte” e descaracterização sobre esse patrimônio, devem-se considerar também as enormes perdas de acervo referente a esses conjuntos, tanto pelo não reconhecimento da importância dessas edificações pelo público leigo (moradores e ex-moradores, familiares e atuais diretorias das próprias fábricas) quanto pelas más condições de armazenamento do acervo (bibliográfico, iconográfico e arquitetônico) em arquivos privados e públicos.

seu papel como instrumento de dominação e controle patronal quanto o aspecto físicos das ruas, casas e equipamentos (sua configuração urbanística e arquitetônica).

Podemos sintetizar a metodologia utilizada em quatro etapas: **revisão bibliográfica teórica sobre o tema abordado; levantamento de material bibliográfico/iconográfico sobre a Cia. Nitro Química; pesquisa de campo e organização e análise do material obtido;**

A revisão bibliográfica teórica constituiu a base para a conceitualização dos temas da pesquisa e para as investigações do caso em estudo. Abrangeu obras nacionais e internacionais de Arquitetura e Urbanismo referentes à habitação, moradia popular, industrialização, vilas operárias e núcleos fabris no Brasil, Art Déco, Bangalôs, arquitetura industrial e sobre a constituição dos bairros operários paulistanos. A bibliografia selecionada concentrou-se nos seguintes temas para o qual listamos as principais referências:

- A criação de vilas e núcleos fabris: no qual se destaca os trabalhos da prof.^a Telma de B. Correia dentre livros e artigos: "Pedra: plano e cotidiano operário no sertão", "A moradia na Paisagem Industrial: a forma de vilas operárias e núcleos residenciais de empresas no Brasil" e "Vilas operárias e Núcleos fabris e de mineração no Brasil, a construção e o desmonte" e de Eva Blay, "Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo" e "Habitação: a política e o habitante", tomados como referência pela riqueza dos levantamentos de vilas operárias no Brasil e a atenção delegada às questões que determinaram esta opção de gestão do trabalho.

- A Votorantim e a Klabin: para cuja análise foram fundamentais os trabalhos também da prof.^a Telma de B. Correia (o artigo "Núcleo Fabril x Cidade Livre: os projetos urbanos da Klabin no Paraná"), José de Scantimburgo ("José Ermírio de Moraes: o homem, a obra") e Jacques Marcovitch ("Pioneiros e empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil"). Destaco especialmente o estudo de Paulo Fontes "Trabalhadores da Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50" que tem a mesma empresa como objeto de estudo mas à partir de um enfoque antropológico e com foco nos movimentos grevistas que passaram a assolar a fábrica à partir da década de 1950 e, também, os escritos de um dos ex-diretores da fábrica, Fábio Ravaglia, responsável pelos principais relatos da história da empresa com "Contribuição à História da Nitro Química".

- A cidade de São Paulo e a região de São Miguel Paulista: a análise do sítio

tomou por base as obras de Nestor Goulart Reis Filho ("São Paulo e outras cidades: produção social e degradação dos espaços urbanos"), Richard Morse, com o já célebre "Formação histórica de São Paulo" e Aroldo Azevedo. É de Azevedo, a partir da tese de 1945: "Subúrbios orientais de São Paulo" a base para a análise de São Miguel no momento de instalação da fábrica.

- **Arquitetura, urbanismo e habitação:** as obras de Nestor G. Reis Filho ("Quadro da Arquitetura no Brasil" e "Habitação popular no Brasil:1880-1920), Carlos Lemos ("Os primeiros cortiços paulistanos"), Telma de B. Correia ("A construção do habitat moderno no Brasil- 1870-1950") e Sidney Chalhoub ("Cidade febril cortiços e epidemias na corte imperial") foram fundamentais para o tema da habitação. Em relação às questões de urbanismo e arquitetura cabe destacar os estudos de Telma de B. Correia, especialmente o artigo "Art Déco e Indústria, Brasil décadas de 1930 e 1940", Margareth Crawford ("Building the workingman's paradise: the design of American Company Towns", Maria Lúcia Bressan Pinheiro ("Arquitetura residencial verticalizada em São Paulo nas décadas de 1930 e 1940"), Silvia Wolff ("Jardim América: o Primeiro Bairro-jardim de São Paulo e sua Arquitetura") , Anthony King ("The Bungalow: The Production of a Global Culture ", Henry Bresler ("O Art Décoratif Moderno na França"), Maria Lúcia Pinheiro Ramalho ("Da "Beaux-Arts" ao "Bungalow: uma amostragem da arquitetura eclética no Rio de Janeiro e em São Paulo "), Luiz Conde ("O Art Déco. Modernidade antes do Movimento Moderno") e Victor Campos (com a tese de doutorado "O Art Déco e a construção do Imaginário Moderno: um estudo de linguagem arquitetônica"), que ajudaram-nos na investigação acerca da influências urbanísticas nos planos das vilas operárias e arquitetônicas nos edifícios "nitrosos".

Nesta etapa foram especialmente importantes as consultas aos acervos das bibliotecas da EESC-USP, CEDOC-SAP-EESC, FAU-USP, FAU-Pós Graduação USP, FEA-USP, FFLCH-USP, Universidade Presbiteriana Mackenzie, IEB-USP e PUC São Paulo.

Ao mesmo tempo em que foram realizados os estudos teóricos, se avançou nos levantamentos em fontes primárias e iconográficas – sobre a Votorantim e Klabin, suas vilas e núcleos fabris e o conjunto fabril da Nitro Química. Nesta etapa recorreremos aos acervos do Memória Votorantim, Centro de Memória Klabin, Sindicato dos Químicos e Plásticos de São Paulo, Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (CONPRESP), Divisão de Arquivo Municipal de

Processos de São Paulo (MDGDP-2), Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo (DPH), Biblioteca Nacional (acervo online da hemeroteca) e Centro de Documentação Tide Setúbal. Neles selecionamos documentos, relatórios, atas, livros, artigos em periódicos, fotografias e processos que determinaram os rumos do trabalho de análise da pesquisa. Ainda que todas as fontes tenham sido fundamentais para o resultado do trabalho, devo ressaltar a contribuição da documentação das empresas Votorantim e Klabin, que se tornaram essenciais para a elaboração do estudo de caso e, especialmente, o material selecionado junto ao Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2) que subsidiou praticamente toda a análise arquitetônica que empreendemos. Através do MDGDP-2, conseguimos acesso aos processos de aprovação, demolição e reformas encaminhados pela Cia. Nitro Química para a Prefeitura Municipal de São Paulo no qual constavam as plantas, cortes e fachadas de boa parte das edificações de propriedade da fábrica entre 1930 e 1960. Este material ajudou-nos a revelar um conjunto de edificações bastante interessante que surpreende pela uniformidade arquitetônica no qual predomina o Art Déco para os equipamentos e os Bangalôs para as residências. Estes registros, além de garantir maior certeza sobre a configuração urbana e arquitetônica do conjunto, compõem um acervo inédito sobre a Companhia Nitro Química e, já essencial, dado a precoce extinção da maior parte das edificações pertencentes à empresa. Procuramos, sempre que possível, fazer valer este vasto material iconográfico sobre a fábrica por reconhecermos a importância desses registros como fontes documentais e também históricas, apesar da má condição dos desenhos já quando o encontramos. Optamos, portanto, em manter esses "registros originais", mas incluir outros desenhos elaborados por nós para não comprometer a leitura e análise arquitetônica pretendida na pesquisa.

Infelizmente, este trabalho ressentia-se da impossibilidade de uma análise mais aprofundada sobre os edifícios das fábricas que compunham esse grande complexo da Nitro Química (Fábrica de Ácido Sulfúrico, Fábrica de Colóquio, Fábrica de T.N.T, etc.) dado o estado já completamente deteriorado das plantas existentes às quais tivemos acesso. Além disso, não nos foi permitida a visita ao interior das fábricas que, durante a pesquisa passava por um processo de reestruturação que culminou com sua venda para um grupo de investidores estrangeiros. A outra alegação versou sobre o perigo dos processos químicos ao visitante leigo. No entanto, não acreditamos que esse impedimento tenha prejudicado

substancialmente a pesquisa, pois os edifícios fabris mais antigos já foram desmontados e os atuais não guardam interesse arquitetônico para esta pesquisa, além disso, as vilas e os equipamentos coletivos e de comércio encontram-se fora dos muros da empresa.

As visitas a São Miguel Paulista e ao conjunto fabril da Cia Nitro Química foram realizadas com frequência desde o início da pesquisa, em 2011. Num primeiro momento visaram o reconhecimento e a familiarização com o bairro, as edificações e os habitantes de São Miguel. Para isso, os registros fotográficos realizados nessas ocasiões tornaram-se um instrumento importante que com o decorrer da pesquisa e associados ao levantamento bibliográfico e iconográfico sobre a Nitro Química permitiu-nos recompor boa parte do conjunto fabril hoje já demolido e descaracterizado. A pesquisa "in loco" permitiu ainda a verificação da transformação dos espaços e arquitetura construídos pela fábrica e da situação atual das edificações ainda existentes.

Todo o material levantado foi organizado e analisado segundo os temas que norteiam os objetivos da pesquisa: a configuração espacial da fábrica e de seu núcleo residencial, a arquitetura da fábrica, das casas e dos equipamentos de suporte aos trabalhadores, o programa dessas edificações, o tipo de habitações oferecidas, as formas de obtenção desse benefício e os funcionários contemplados; a construção e transformação desses espaços; o significado da indústria e de suas vilas junto aos trabalhadores; a ocupação e configuração urbana do bairro onde foi implantado; a situação desses espaços hoje e suas atuais relações com São Miguel Paulista.

Sempre que possível e necessário procuramos relacionar a trajetória da Nitro Química com conjunturas mais gerais do período estudado, especialmente reconhecendo a sincronia entre a empresa e o governo federal de Getúlio Vargas, quando a fábrica teve seu auge.

Na análise optamos por privilegiar o período entre 1930 e 1960 no estudo da Nitro Química pois foi este o período que abrangeu sua implantação (início das negociações da sociedade Votorantim-Klabin e construção dos primeiros edifícios), a construção do conjunto completo da Nitro Química (fábricas, casas e equipamentos), o auge da empresa (o período em que a empresa tornou-se uma das mais importantes e lucrativas da cidade de São Paulo e empregou a maior quantidade de funcionários, cerca de quatro mil) e seu declínio (fim da sociedade, deterioração das relações trabalhistas, demissões em massa e

início do desmonte das casas e equipamentos).

Por fim, a conclusão do trabalho vem acompanhada de uma breve nota sobre o destino dessas construções, buscando com isso fechar o estudo dessa importante fábrica paulista.

Esta pesquisa justifica-se pela importância de vilas e núcleos fabris para a história da habitação popular no Brasil; pela relevância arquitetônica do conjunto de prédios erguidos pela companhia (vinculados ao Art Déco e aos bangalôs), também pelo papel exercido pela companhia na ocupação da periferia paulistana e para a história da indústria nacional, já que a Nitro Química foi pioneira no setor químico e uma das mais prestigiadas indústrias de São Paulo entre 1930 e 1960.

Figura 1- Vista geral da Companhia Nitro Química Brasileira, trechos da Vila Americana e Cidade Nitro Química, rio Tietê, Estação de São Miguel (com o desvio férreo que adentrava a empresa). Na parte inferior direita da imagem a praça da Capela de São Miguel.

Fonte: Memória Votorantim [194-?], adaptado por Tonaki (2013).

Capítulo 01

A VOTORANTIM, A KLABIN E A HABITAÇÃO OPERÁRIA.

Seção de cozimento e purificação de linter.
Fonte: Memória Votorantim [194-?]

1.1 A AÇÃO DA INDÚSTRIA NA MORADIA

A construção de casas para trabalhadores constitui uma prática antiga com inúmeros e variados exemplos em todo o Brasil. Percorrendo-se os bairros de São Paulo é marcante a presença destes conjuntos: Brás, Moóca, Belém, Belenzinho, Lapa, entre outros, ainda mantém belas vilas que garantem vivacidade ao bairro.

Alguns autores como Blay (1985) e Correia (1998a) associam suas origens às senzalas e colônias de imigrantes nas fazendas, quando a habitação serviu como mecanismo de ajustamento de produção, vinculando empregadores e empregados para além das relações patrões-funcionários. No entanto, é consenso entre as autoras que, apesar da origem em passado remoto, é com a emergência e difusão da moderna indústria que as habitações vinculadas ao trabalho passaram a constituir efetivamente um meio de gestão operária baseada em forte controle social, do qual vilas operárias e núcleo fabris são a forma mais completa.

A construção de casas por empresas no Brasil atingiu grande êxito e representou um capítulo importante assumido pela habitação popular no país. Segundo Blay (1985), o principal período de criação de habitações operárias coincide com o período de emergência da indústria no Brasil e formação do operariado, quando o trabalho industrial encontrava forte resistência. A atividade industrial pressupunha mudanças caras ao trabalhador acostumado ao campo: longas jornadas de trabalho, regulamentos e horários rígidos, baixos salários, etc.; refletido, constantemente, em oposição ao trabalho fabril e abandono do emprego mesmo mediante quebras de contrato.

Correia (2011) mostra, entretanto, que a construção de casas por empresas para seus funcionários ocorreu com grande intensidade até a década de 1950 chegando até períodos recentes (década de 1980) criados por empresas privadas e também estatais.

O século XIX marca um período de intensa transformação no Brasil: mudou-se a forma de governo, criou-se a imprensa, alterou-se a forma de trabalho (o escravo foi substituído pelo assalariado) e emergiram novas formas de lazer e consumo baseados nos modelos europeus. Neste processo assistiu-se a um crescimento vertiginoso das cidades associados ao início de um processo de industrialização. Entre 1840 e 1880 foram inauguradas cerca de 100 fábricas no país, de tecidos, de chapéus, de cervejas, de sabão,

entre outras que, por sua vez, vieram acompanhadas de atividades complementares de comércio e serviço como lojas, bancos, companhias de transporte e de seguros. Este chamado "surto" industrial acabou transformando as principais cidades em polos de atração populacional de indivíduos em busca de melhores condições de vida.

Reis Filho (1994a) relata, por exemplo, que a população urbana de São Paulo em 1890 era de cerca de 65.000 habitantes; apenas dez anos depois, em 1900, passou a 240.000, entre migrantes e imigrantes, principalmente italianos atraídos por oportunidades de emprego. Conforme Lemos (1998, p. 09) "A modesta cidade caipira viu-se às voltas com questões até então insuspeitas e de difícil solução"

O despreparo das cidades ante as alterações econômicas e sociais da nova época tornou-se evidente. Os problemas gerados pelo aumento do lixo, pela ineficiência ou inexistência de um sistema regular de infraestrutura e serviços (água, esgoto, energia, gás, iluminação, transporte urbano, etc.) passaram a ocupar as principais notícias sobre a cidade e a atenção da população.

Crescendo significativamente sua população, a ausência de um sistema regular de infraestrutura sanitária, de transporte coletivo e de sistema viário tornava as cidades não apenas feias e desagradáveis, mas conhecidas internacionalmente como focos de epidemias de toda ordem (LEMOS, 1998, p.11).

Estrangeiros, operários, negros (recém-libertos) e toda espécie de indivíduos aglomeravam-se em moradias precariamente divididas, em condições péssimas de salubridade e higiene. Sob as mais variadas denominações (cortiços, casinhas, pensões,...) essas moradias, em geral, coletivas, alastraram-se por São Paulo, especialmente nas áreas centrais, e passaram a consituir a principal forma de habitação popular.

A situação sanitária era agravada progressivamente caracterizando uma crise urbana sem precedentes. O grande número de pessoas por cômodo e a precariedade das instalações contribuíram para que fosse atribuída à habitação do pobre a proliferação de doenças.

A palavra cortiço apareceu mesmo antes da popularização do termo operário e da expressão casa operária. Mesmo porque cortiço não era bem uma casa, mas um conjunto de habitáculos singelos onde havia a superposição total de todas as funções da habitação, simples resguardo, meros asilos precários e providenciais abrigos (LEMOS, 1998, p.09).

(o cortiço) originariamente, designava (e ainda pode designar) a casa das abelhas que é justamente caracterizada por um grande aglomerado de células, de alvéolos todos idênticos entre si. Por catacrese foi dado o nome de cortiço à construção composta por inúmeros cubículos iguais entre si e destinada à habitação coletiva, sendo que as instalações sanitárias e os tanques de lavagem de roupas eram de uso comum (LEMOS, 1989, p. 60).

A partir da associação da insalubridade com a imoralidade, crescia o repúdio às habitações pobres consideradas propensas à sujeira, às doenças e aos maus comportamentos e com ela a atenção com o tema da moradia. As cidades, especialmente a habitação das camadas mais pobres, surgem para os setores letrados como ameaça social e um desafio ao poder público, favoráveis não só às doenças físicas como à degradação moral.

Por não ser um ambiente acolhedor (a casa), era responsabilizada por atirar seus moradores às ruas, aos bares e bordéis, onde se entregavam aos vícios, à devassidão e ao ócio, enfim a toda uma série de atividades marginais à sociedade do trabalho, que então a burguesia estava empenhada a construir (CORREIA, 2004a, p. 8 – 9).

Os intelectuais-médicos grassavam nessa época como miasmas na putrefação, ou como economistas em tempos de inflação: analisavam a “realidade”, faziam seus diagnósticos, prescreviam a cura, e estavam sempre inabalavelmente convencidos de que só a receita poderia salvar o paciente. E houve então o diagnóstico de que os hábitos de moradia dos pobres eram nocivos à sociedade, e isto porque as habitações coletivas seriam focos de irradiação de epidemias, além de, naturalmente, terrenos férteis para a propagação de vícios de todos os tipos (CHALHOUB, 1996, p. 29).

A necessidade de interferência na habitação e na cidade vinculada ao desejo de solução do problema sanitário passa a justificar tanto ações públicas de melhoramentos urbanos e intervenções na moradia pobre quanto propostas de indústrias, médicos, intelectuais e engenheiros na busca de um novo padrão habitacional e moral. Segundo Sampaio (1998), havia por trás da criação de casas operárias a ideia de transmissão de novos valores e de constituição de um novo brasileiro. Pretendia-se “elevar” o nível das camadas populares, sendo para tanto necessárias profundas modificações na saúde, na alimentação e na habitação dos trabalhadores.

À medida que constantes surtos epidêmicos atingiam as cidades brasileiras e a infraestrutura da cidade passou a não suportar a grande massa populacional que para ali se deslocava, a questão higiênica surge como um determinante no incentivo governamental às construções de habitações operárias. Diante do maciço contingente populacional recém-chegado à São Paulo a demanda por habitações estimula o mercado imobiliário que neste momento torna-se um investimento de retorno certo, com altas taxas de lucro atraindo toda uma variedade de investidores especialmente industriais.

As vilas operárias construídas por empresas foram uma das primeiras respostas ao agravamento das condições de moradia dos trabalhadores urbanos e consolidaram-se ao longo do século XIX como proposta modelar para uma sociedade limpa, honesta, saudável, de relações familiares concretas, no qual reinava a disciplina e a ordem em contraponto aos cortiços onde imperava a sujeira, a doença e a miséria.

[...] (vilas operárias) uma das primeiras soluções coletivas, encontradas pelos patrões, para resolver o problema da moradia da força de trabalho assalariada urbana empregada pelos patrões, para resolver o problema da moradia da força de trabalho assalariada urbana empregada pela emergente indústria capitalista. Como solução proposta pela classe empresarial ela sempre visou, em todos os momentos, garantir um suprimento de força de trabalho, controlar níveis salariais e dominar movimentos políticos. Em consequência, a habitação foi um meio, na relação patrões-empregados, que permitiu uma atuação em dois níveis: serviu para pressionar o comportamento social do emergente operariado urbano a atuou no processo de acumulação de capital a ser investido na indústria e na reprodução ampliada do capital, permitindo que certos empresários construíssem verdadeiros impérios (BLAY, 1980, p.143).

O comportamento patronal é encarado por alguns, neste contexto, como uma atitude paternal. Sob sua supervisão e tutela, determinados setores entendem que o operário e sua família receberiam proteção e meios para uma vida digna e honrada.

Utilizadas, inicialmente, como uma forma de atração e retenção de mão de obra, vilas e núcleos revelaram-se investimentos vantajosos ao difundir padrões de comportamento adequados sob a ótica capitalista industrial e também como uma fonte de renda indireta, pois permitiam ao industrial recuperar parte deste investimento

mensalmente sob a forma de aluguel. Além de atrair a mão de obra, principalmente especializada, também serviam como um meio de incorporar os trabalhadores a um regime de trabalho que preconizava disciplina e obediência. Representavam, segundo Eva Blay (1985) um duplo mecanismo de extração de mais valia na medida em que o dono (da casa e da fábrica) retirava do salário a parte correspondente ao emprego direto da força de trabalho e também a parcela correspondente ao uso do solo urbano associados a um poderoso mecanismo de pressão no conjunto das relações sociais entre patrões e funcionários, já que a perda do emprego significava simultaneamente a perda da casa e de todos os benefícios.

Várias indústrias brasileiras adotaram a construção de casas para trabalhadores. Estas construções podiam dar-se inicialmente, já quando da instalação da fábrica; progressivamente à medida que a fábrica crescia ou mesmo adquiridas já prontas pelas empresas (CORREIA, 2011).

Nas cidades, as vilas operárias além de fixar o trabalhador, possibilitavam a empresa a manter a mão de obra próxima à fábrica, vigiada, e em constante estado de prontidão, mesmo fora dos horários de trabalho regular. A cidade oferecia a possibilidade de utilização de uma infraestrutura já consolidada (vias férreas, canais, estradas), proximidade do mercado de bens, serviços, trabalho e de outras empresas (BONDUKI, 1994 e CORREIA, 1998a).

O principal fator que levava algumas empresas a construir vilas ou alojamentos para seus empregados era, provavelmente, a necessidade de manter o pessoal de manutenção ou de reparação de máquinas ao lado do local de trabalho, para que a qualquer hora do dia ou da noite, estes pudessem ser chamados a serviço (BONDUKI, 1994.p.52).

No campo, ao contrário das vilas em cidades, as indústrias criaram aglomerações isoladas autônomas e por isso exigiam a presença de uma diversidade maior de equipamentos complementares à produção fabril e à reprodução do trabalhador (casa, escolas, armazéns, hospitais, clubes...). Apesar do maior investimento em equipamentos, os núcleos fabris permitiam à empresa ter maior controle na gestão de produção e do grupo operário, podendo exercer poder local de fato, sem grandes interferências do Estado. Nas

vilas operárias essa autonomia também era almejada, mas as limitações eram maiores. No Brasil, a necessidade de proximidade com fontes de energia e matéria prima e a disponibilidade de terras baratas aliadas às necessidades intencionais de maior controle e gestão do corpo operário, isoladamente, longe dos “perigos” da cidade foram fatores decisivos para o afastamento das indústrias das cidades, seja para áreas rurais ou periferia dos grandes centros urbanos já estabelecidos (CORREIA, 1998a).

A criação de equipamentos de uso coletivo e comércio (igrejas, cinemas, restaurantes, creches, clubes, armazéns, etc.) foram frequentes no Brasil e relacionavam-se à manutenção dos funcionários em localidades distantes e à formação de uma mão de obra fiel e eficiente. Através dos equipamentos a empresa conseguia, se achasse conveniente, o controle da educação, das atividades extra fábrica e até mesmo do consumo (CORREIA, 1998a).

Em âmbito nacional há várias instalações recentes de núcleos empresariais, inclusive envolvendo o Grupo Votorantim, a citar: Bacarena, no Pará (da empresa Alubrás-Alunorte, da década de 1970); Carajás (de uma empresa estatal de mineração na década de 1980); Vila Piccadilly, no Rio Grande do Sul (da fábrica Piccadilly de calçados, da década de 1970); Aracruz Celulose (de 1975), da Batistella Indústria e Comércio (1987); Vila da fábrica de Celulose e Papel de Pedras Brancas, também no Rio Grande do Sul (do Grupo Votorantim), entre outras, o que apenas reafirma a importância dessas ações para além dos períodos iniciais da industrialização (CORREIA, 1998a).

No Brasil uma grande variedade de empresas atuou na criação de moradias para seus trabalhadores como siderúrgicas, empresas de geração de energia, de mineração, de papel, têxteis, de cervejas, de fósforos, de vidros, de chapéus, frigoríficos, etc., configurando, portanto, uma ação que envolveu empresas privadas e também estatais. Os primeiros e principais setores no Brasil a se envolverem na adoção desta prática até a década de 1880 foram os engenhos de açúcar, as fábricas de ferro, as empresas mineradoras e as empresas têxteis, também os primeiros setores industriais desenvolvidos (CORREIA, 2004a e 2004b).

No século XIX a prática de criação de habitações operárias aumentou significativamente, principalmente nos estados da região sudeste, em especial São Paulo e Minas Gerais, com destaque para as forjas e fábricas de ferro. Nas proximidades da cidade

de Sorocaba (SP), a Real Fábrica de Ferro de Ypanema (1811) criou desde seus primeiros anos de atividade um núcleo que continha: habitação para funcionários livres, senzalas para escravos, alojamentos para soldados, armazém, hospital, capela, escola, além de uma sociedade de dança, grupo musical e dramático. Tratava-se de uma sociedade anônima subordinada ao Ministério da Guerra, portanto, um exemplo pioneiro de empresa estatal que adotou a prática de criação de moradias e equipamentos para funcionários (CORREIA, 2004b). A fábrica marca o início de um grande impulso à criação de vilas e núcleos residenciais por empresas no Brasil. Tendo funcionado de 1811 a 1895, a Fábrica de Ypanema produziu gradis, utensílios de ferro (ferramentas, enxadas, etc.), cilindros para engenhos de açúcar, rodas e armas, inclusive balas de canhões, sobretudo no período da Guerra do Paraguai (CORREIA, 2004b).

No período colonial a atividade mineradora foi uma das poucas atividades não proibidas pelo Alvará Português de Proibição de Manufaturas e Teares de 1767 e até incentivada devido ao alto valor econômico da atividade. Neste período a mineração gerou grandes deslocamentos populacionais para áreas do interior do país pouco habitadas gerando uma série de pequenos núcleos residenciais em propriedades particulares. A mineração foi um fator importante para o desenvolvimento do comércio do país e para o povoamento e expansão territorial, sobretudo de grandes áreas do interior de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. No século XIX, um núcleo de grande porte surgiu em Morro Velho (MG) criado pelo Saint John d'El Rey Mining Company como um grande complexo que reunia casas, uma capela anglicana e outra católica, armazém de consumo, hospital, clube, escola, cemitério, senzala e hospedaria para visitantes. Tendo sido responsável por 56% do ouro produzido no país entre 1860 e 1884, abrigou cerca de 2.400 trabalhadores e teve, inclusive, um departamento próprio responsável pela construção de suas habitações. José Ermírio de Moraes, recém-formado, trabalhou na Saint John d'El Rey Mining Company em meados de 1920, poucos anos antes entrar para o Grupo Votorantim (MINERAÇÃO, 1878).

No entanto, é consenso entre os autores pesquisados que o mais importante setor a adotar o método de construção de habitações para seus operários no Brasil foi o das indústrias têxteis. O surgimento da grande indústria no Brasil, assim como na Europa, esteve, sobretudo, ligado a este setor. Segundo Stein (1979), as primeiras indústrias têxteis de maior porte foram fundadas entre 1840 e 1866, ainda em período escravocrata,

sobretudo nas regiões da Bahia e do Rio de Janeiro, principalmente devido à relativa disponibilidade de matéria-prima, fonte de energia e à existência de um mercado interno rural e urbano para tecidos, o que não ocorria em outros setores. É desse período a fundação das fábricas pioneiras de fiação e tecelagem no Brasil como a Fábrica Santo Aleixo (RJ) e a Fábrica de Todos os Santos (BA) provavelmente a primeira indústria têxtil no Brasil a criar um núcleo fabril, com dormitórios operários, restaurante, capela e médico.

No entanto, na segunda metade do século XIX é a região centro-sul, em especial as províncias de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, que passa a concentrar a maior parte das indústrias têxteis brasileiras, o que, segundo o mesmo autor, reflete a crescente importância política e econômica adquirida pela região após 1850. Reis Filho (1994b) destaca que a industrialização em São Paulo fez-se a partir da indústria de tecidos de algodão ali instalada na segunda metade do século XIX, cujo desenvolvimento está associado ao capital advindo do café e posteriormente da cana de açúcar. Foram nas regiões de predomínio do café onde se deu o desenvolvimento rápido das relações capitalistas e a instalação da maior parte das indústrias nascentes do Brasil. Além disso, a expansão da produção cafeeira exigiu a construção de ferrovias que possibilitaram a formação de novos centros urbanos e novos mercados comerciais aproveitados pelas primeiras indústrias, sobretudo para escoamento de produção.

As regiões de Sorocaba e Itu desempenharam papel de destaque no processo de industrialização do estado de São Paulo, tendo sido sede de algumas das primeiras experiências do setor têxtil. No caso de Sorocaba o destaque dá-se num primeiro momento pela Fábrica de Ferro de Ypanema, e posteriormente com as unidades têxteis: a Companhia Nacional de Estamparia (que conglomerou as Fábricas Nossa Senhora da Ponte, a primeira da cidade; a Fábrica de Santa Maria e a Fábrica de Santa Rosália) e abrigou em meados de 1910 cerca de 700 casas, duas creches, grupo escolar, escola SENAI, escola maternal, igreja, posto de abastecimento, banda musical, clube de lazer, cinema e hospital, e aos nomes de Antônio Pereira Ignácio, que deu início às primeiras fábricas da hoje gigante Votorantim e Francesco Matarazzo, que criou o maior complexo industrial da América Latina do início do século XX.

Francesco Matarazzo é um exemplo de industrial de rápida ascensão. Imigrante italiano veio para o país na juventude e estabeleceu-se inicialmente na cidade de

Sorocaba por volta de 1881, instalando uma fábrica de banha de porcos. Posteriormente ampliou os negócios produzindo uma variedade imensa de produtos como banha de porcos, óleo, tecidos, algodão, farinha de trigo, etc. e passando a atuar em outras cidades como São Paulo e Porto Alegre, mas nunca deixando os investimentos em Sorocaba. A companhia de Matarazzo também possui amplas experiências de conjuntos de moradias operárias associadas às suas fábricas.

Já a Votorantim, de Antônio P. Ignácio, cujo início das atividades relaciona-se às unidades têxteis da cidade de Votorantim ⁵, diversificou sua produção e conta hoje com operações em setores de base da economia, como cimento, mineração e metalurgia (níquel, alumínio, zinco), siderurgia, papel e celulose, suco concentrado de laranja e autogeração de energia; além de atuar no setor financeiro tanto no Brasil quanto no exterior.

A consolidação de Sorocaba como pólo industrial está ligada também à expansão da lavoura algodoeira naquela região, o que possibilitou que, com o final da Guerra de Secessão Americana, o excedente da lavoura brasileiro antes exportado para os Estados Unidos, fosse revertido para uma atividade nova, ou seja, a indústria têxtil.

O papel das cidades de Sorocaba, Salto, Itu, Tatuí e também Campinas é primordial para entender o desenvolvimento industrial do estado inclusive no setor têxtil. A cidade de Campinas destaca-se também por ter sido um centro de difusão de tecnologia contribuindo para a mecanização de lavouras de café e algodão e pelas fábricas de tecidos da região como a Fábrica de Tecidos de Carioba em Americana e a Fábrica São Luiz de Itu.

No entanto, a criação de habitações por indústrias é de uma ação presente, no caso brasileiro, em todas as regiões. Milhares de casas e alojamentos foram erguidos por empresas para abrigo de seus funcionários, concretizando uma prática ainda existente com forte impacto urbanístico e arquitetônico. Inúmeras cidades em todo o país desenvolveram-se a partir de núcleos habitacionais construídos por empresas. É o caso de Votorantim (SP), Luís Antônio (SP), Camaragibe (PE), Moreno (PE), Nova Lima (MG), Timóteo (MG), Ipatinga (MG), Volta Redonda (RJ), Ilha Solteira (SP), Carajás (PA), Paulista (PE), Rio Tinto (PB), João Monlevade (MG), entre outros (CORREIA, 1998a).

⁵ Data de 1º de Dezembro de 1963 o plebiscito que instituiu o desmembramento do Distrito de Votorantim da cidade de Sorocaba.

Vilas e núcleos surgem no Brasil com variados tamanhos, materiais construídos, metragens, formatos, disposição, tipologias e programas, entre pequenos assentamentos com poucas casas e núcleos de grande extensão com centenas de casas e inúmeros equipamentos de suporte ao trabalhador. Além de vincularem-se a diferentes estilos arquitetônicos: Art Déco, Missões, Neoclássico, Moderno, Eclético, Neocolonial entre outros (CORREIA, 2011) colocando esses conjuntos como difusores de estilos arquitetônicos por todo o país. De certo, vilas e núcleos trouxeram novidades e incorporaram mudanças significativas na arquitetura.

Correia (2011, p.36) associa às vilas operárias a construção de um habitat proletário moderno, ou seja, o momento no qual são estabelecidas novas relações entre a moradia e o urbano:

Nesta nova relação a casa surge articulada a redes de infra-estrutura que alteram o seu funcionamento, a equipamentos de uso coletivo – escolas, creches, etc.- que absorvem algumas de suas antigas funções e a lugares de trabalho externos à habitação, que modificam seu uso. Tal habitat pressupõe a moradia restrita à família nuclear, com uso eminentemente residencial e de repouco, protegida por estranhos e penetrada por uma nova racionalidade. Esta racionalidade consubstancia-se na ênfase em questões de limpeza e comodidade, na especialização dos ambientes e na redefinição dos comportamentos adequados em seu interior. A ideia de governo do tempo é central na construção desse habitat (CORREIA, 2011, p. 36).

A Votorantim foi, provavelmente, a empresa que mais ergueu vilas operárias e núcleos fabris no Brasil. Como mostra Correia (2010, p. 175), “entre os construtores nacionais de vilas e núcleos residenciais, o Grupo Votorantim se destaca pelo número de casas que edificou para seus operários e funcionários e pelo porte de vários dos núcleos fabris que criou”. Esse grupo ergueu núcleos e vilas em vários estados do Brasil, entre os quais Pernambuco, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, ligadas a usinas de açúcar, fábricas, de cimento, de tecidos, de papel, de cloro, siderúrgicas, etc. Em São Paulo, a ação da Votorantim foi particularmente relevante:

No estado de São Paulo, possuiu mais de 1800 casas e muitos equipamentos sociais, construídos, sobretudo, entre a última década do século XIX e meados do século XX. O núcleo fabril erguido pela Fábrica de

Estamparia e Alvejaria Votorantim, em Sorocaba (hoje Votorantim), entre 1890 e 1950, incluiu cerca de 600 casas, teatro, clubes, hospital, escolas, creche, igreja e armazém de consumo. Em localidades próximas, este grupo econômico criou outros dois núcleos fabris: a Vila Santa Helena, da Fábrica de Cimento Votorantim (Votoran) criada em 1936, com cerca de 250 casas, capela, escola, cinema e clube; e a Vila Votocel, da fábrica Votocel inaugurada em 1948, incluindo duas escolas, armazém de abastecimento, clube, igreja e cerca de 120 casas. Em São Paulo, a Votorantim criou duas vilas para os empregados da Companhia Nitro-Química Brasileira, empresa fundada em 1935, em São Miguel Paulista: a Vila Americana (destinada a técnicos da Tubize Chatillon) e a Vila Nitro Química (destinada a gerentes, técnicos e operários qualificados), às quais se somava um conjunto de serviços e equipamentos de uso coletivo criados pela empresa que incluía hospital, berçário, grupo escolar, cooperativa de consumo, farmácia, clube e escola Senai. Ainda neste estado, a Votorantim criou: Alumínio, um núcleo fabril junto à Companhia Brasileira de Alumínio, edificado na década de 1940, com cerca de 440 casas, igreja, escolas, clube, posto de saúde e armazém de consumo; um núcleo fabril reunindo cerca de 40 casas, uma escola, uma praça de esportes, uma cooperativa de abastecimento e um clube junto à Indústria de Papel Simão, em Jacareí; e ergueu em 1990 a vila operária da Celpav Votorantim Celulose e Papel, em Luis Antônio, com 250 casas e um clube (CORREIA, 2011, p. 275).

A Votorantim criou vilas operárias ou núcleos fabris em pelo menos mais seis⁶ de suas fábricas: Fábrica de Cimento Poty (PE), Fábrica de Cloro de Igarassu (PE), Companhia Mineira de Metais (MG), Siderúrgica Barra Mansa (RJ) e Votoran (RS) (CORREIA, 2011).

A Klabin manteve vilas operárias certamente em três de suas fábricas: nos arredores das indústrias Klabin do Paraná de Celulose (IKPC) na cidade de Telêmaco Borba que ocupou uma área equivalente a 15 mil hectares abrigando pelo menos 6 mil trabalhadores; junto à Empresa Caolim Ltda em Belmiro Braga (MG) que chegou a 60 casas e 800 trabalhadores na década de 1980 e à Fábrica de Papel Klabin Kimberly em Mendes (RJ) com cerca de 240 habitações. Apesar de ter uma atuação menor comparada ao total de casas construídas pela Votorantim; a Klabin tem como particularidade a criação de núcleos fabris muito grandes (com um número bastante grande de casas e equipamentos) e abrangendo áreas territoriais imensas como o da Fábrica de papel do Paraná.

⁶ Dado à variedade de fabricas que compõem o Grupo Votorantim e Klabin situadas em diferentes estados do país e inclusive no exterior e, ao tempo de existência, e atividade de ambas, é impossível afirmar quantas vilas ou núcleos fabris foram construídos pelas duas empresas. É bastante possível que além dos que citamos e conhecemos haja outros.

Ambas representam importantes agentes de atuação sobre as cidades, seja como proprietárias de áreas amplas, pela transformação que operam sob o território urbano, pela criação de casas e equipamentos e pela política de benefícios que, via de regra, acompanha ainda em dias atuais suas relações com seus empregados.

1.2 VOTORANTIM E A KLABIN – breve histórico.

1.2.1. Votorantim

A Votorantim atuou na manutenção e criação de moradias operárias desde as primeiras fábricas do grupo, ainda sob a liderança de seu primeiro diretor e fundador Antônio Pereira Ignácio.

Imigrante português da aldeia de Baltar, Pereira Ignácio chegou ao Brasil em 1884, ainda criança, na companhia do pai. Estabeleceu-se em Sorocaba, onde implantou uma pequena sapataria. Adolescente, transferiu-se para São Manuel onde montou um pequeno armazém; em pouco tempo migrou em busca de maiores possibilidades de comércio para as cidades de Botucatu, Itapetininga e finalmente, Boituva, onde instalou uma pequena fábrica de descaroçar algodão que selou sua vocação industrial. A alta rentabilidade da atividade associada ao bom momento vivenciado pela indústria têxtil no princípio do século XX permitiu a expansão dos negócios.

Por volta de 1903, após um curto período vivendo nos EUA onde buscou contato com métodos industriais mais modernos retornou a Sorocaba e instalou uma pequena fábrica e refinaria de óleo de algodão: a Fábrica Santa Helena, com maquinário adquirido na Inglaterra e Alemanha:

Desta data em diante, mas, sobretudo, a partir de 1914, Pereira Ignácio multiplicou de forma prodigiosa seus negócios. Em 1918, quando cessaram as hostilidades na Europa, seis anos antes de seu encontro com José Ermírio em Valmont, já era um dos homens mais ricos de São Paulo. Montara um total de 14 descaroçadores e comprara as três fábricas de tecido pertencentes aos sucessores de Anhaia e Diogo de Barros: a Fábrica Paulistana – antiga Fábrica de Tecidos e Fiação Anhaia -, a Fábrica Luzitânia – antiga Cia Industrial de São Paulo – e a Fábrica Lucinda – Antiga Fábrica de São Bernardo. Eram estabelecimentos consideráveis: só a Luzitânia dispunha de 330 teares mecânicos movidos por motores que desenvolviam 550HP e produziam anualmente mais de quatro milhões de metros de tecidos. Além disso, diversificava seus investimentos adquirindo uma companhia telefônica e a antiga fábrica de cimento Rodovalho (MARCOVITCH, 2005, p. 234).

Figura 2- Casa construída pela CBA em Alumínio (SP).
Fonte: Correia (2008,p.76).

Figura 3- Vila operária em Votorantim (SP)
Fonte: Memória Votorantim [193-?].

Figura 4- Casa da Fábrica de Estamparia e Alvejaria Votorantim (SP).
Fonte: Correia (2008,p.75).

Figura 5- Vila operária em Votorantim (SP).
Fonte: Memória Votorantim [194-?].

No entanto, é em 1918 que Pereira Ignácio em sociedade com outro industrial, Nicolau Scarpa, fez sua maior aquisição; tratava-se da Fábrica Votorantim de Tecidos pertencente à massa falida do Banco União, uma sociedade fundada pela família Lacerda franco em 1920. Situada na Fazenda Cachoeira de Votorantim (nas imediações de Sorocaba) abrangia uma área de quase dois milhões de metros quadrados (incluindo área construída e terrenos anexos). A sociedade com Scarpa durou poucos anos, mas a aquisição da Votorantim colocou o nome de Pereira Ignácio dentre os pioneiros da Grande Indústria do Brasil. Segundo Rago (2008) a capacidade de produção das indústrias de Pereira Ignácio após a aquisição de Fábrica. Votorantim levaram-no a controlar cerca de 17% de toda a produção de tecidos de algodão do estado de São Paulo. Em 1921 Pereira Ignácio compra a Fábrica de Cimentos Rodovalho pertencente ao Cel. Antônio Proost Rodovalho, dando

início ao conglomerado⁷ e a atuação no setor de cimentos, ainda hoje uma dos mais fortes da empresa.

Em meados da década de 1920, o casamento entre Helena, filha de Pereira Ignácio, e José Ermírio de Moraes trouxe à Votorantim aquele que viria a ser o sucessor dos negócios da família. Pernambucano de Nazaré da Mata, herdeiro de importantes famílias de usineiros (Pessoa Albuquerque e Moraes do Inhaman), José Ermírio foi criado pela mãe e irmãs. Aos 16 anos, após terminar os estudos no Colégio Alemão do Recife, foi encaminhado ao Colorado School of Minning em Golden (EUA) onde se graduou engenheiro de minas. No exterior conheceu Helena Pereira e, de volta ao Brasil, em 1925 casaram-se no Hotel Esplanada em São Paulo, hoje sede do grupo. Imediatamente ao casamento, José Ermírio passou a trabalhar com o sogro até a morte deste em 1951, a quem substituiu no comando da Votorantim.

Figura 6- Fábrica Rodovalho.

Fonte: Memória Votorantim [194-?].

Com José Ermírio e Antônio Pereira a empresa ampliaria ainda mais os negócios. Em 1940 faziam parte do grupo de empresários fundadores da Cia. Nitro Química

⁷ É apenas em meados da década de 1960 que a Votorantim chamar-se-ia conglomerado, isto é, grupo de empresas de atividades diversas.

Brasileira (C.N.Q.B) e em 1955 fundariam a Companhia Brasileira de Alumínio (CBA) origem da cidade de Alumínio (SP).

O hoje denominado Grupo Votorantim conta com operações em diversos setores de base da economia, como cimento, mineração e metalurgia (níquel, alumínio, zinco), siderurgia, papel e celulose, suco concentrado de laranja e auto geração de energia; além de atuar no setor financeiro no Brasil e exterior.

Figura 7- Fábrica Rodovalho.
Fonte: Memória Votorantim [193-?].

Figura 8- Fábrica de Óleos Santa Helena.
Fonte: Memória Votorantim [193-?].

Desde as primeiras unidades em Sorocaba às unidades mais recentes como a vila da Fábrica de Celulose e Papel de Pedras Brancas do Rio Grande do Sul (década de 1980), a Votorantim adotou a criação de habitações operárias apoiadas em serviços e equipamentos complementares de assistência ao trabalhador, construindo núcleos habitacionais de grande extensão e importância.

Reis Filho (1994b) destaca o papel das indústrias para o desenvolvimento da região de Sorocaba, a “Manchester Paulista” ou “cidade das chaminés fumegantes” dos princípios do Século XIX e qualifica a Votorantim como o caso mais importante:

A fábrica mais importante terminou por ser a mais afastada do centro [de Sorocaba], a Votorantim. Alfredo Moreira Pinto a ela se referia como fábrica de chitas Votorantim. Era um caso especial. Fazia parte de um grande conjunto, envolvendo a fábrica de tecidos, uma represa para geração de energia, uma ferrovia, uma vila para operários, uma olaria, uma fábrica de cal e dois grandes canteiros para extração, corte e polimentos de pedras, sendo uma para calcários e outro para mármore. Foi criada pelo Banco União, no surto empresarial ocorrido nos primeiros anos após a Proclamação da República. Na construção desse conjunto destacou-se o então jovem engenheiro arquiteto Ramos de Azevedo, na época Diretor da

Carteira Imobiliária do banco União. A fábrica foi localizada a 7 quilômetros de Sorocaba, junto à Cachoeira de Votorantim, cuja energia era aproveitada, para mover uma turbina de 350 cavalos. Era um imenso edifício de 6.400 metros quadrados, com um corpo central e duas alas (REIS FILHO, 1994b, p. 131).

Figura 9- Cia Brasileira de Alumínio (em detalhe a vila operária).
Fonte: Memória Votorantim [195-?].

Figura 10- Cia Brasileira de Alumínio (em detalhe a vila operária).
Fonte: Memória Votorantim [195-?].

Figura 11- Vista geral da S/A Votorantim.
Fonte: Memória Votorantim [195-?].

Figura 12- S/A Votorantim.
Fonte: Memória Votorantim [194-?].

Figura 13- Saída da Fábrica Votorantim.
Fonte: Memória Votorantim [194-?].

1.2.2. Klabin Irmãos e Cia

Foi também a imigração que trouxe a Família Lafer-Klabin ao Brasil. Originários de Poselvaj, uma pequena aldeia de judeus nos arredores da capital da Lituânia viviam em situação instável, dedicando-se ao pequeno comércio com os camponeses da região. Sob o domínio russo e as constantes invasões alemãs e polonesas, ao final do século XIX, a corrente migratória de judeus lituanos incorporou-se às correntes migratórias da Europa em direção ao continente americano. Dentre eles estava Moishe El-Chono Klabin, mais tarde, Maurício Klabin.

O Brasil não foi o primeiro destino de Maurício Klabin, dirigiu-se inicialmente para a Inglaterra onde passou cerca de quatro anos. Não tendo conseguido grande progresso, embarcou em direção ao Brasil; chegou a São Paulo com 29 anos, por volta de 1890. Fez pequenos trabalhos informais até empregar-se numa tipografia no centro de São Paulo. Em pouco tempo, adquiriu esta pequena empresa formando a Maurício F. Klabin & Irmão (MARCOVITCH, 2005).

Imediatamente começou a ampliar e diversificar as atividades da tipografia, que era também papelaria no varejo e atacado. Produzia impressos de todas as qualidades, livros em branco para contabilidade, importava e revendia máquinas para copiar e escrever, artigos variados de escritórios, papéis para carta, mata-borrão, papelão, cartolinas, papéis de seda (MARCOVITCH, 2005, p.196).

Por volta de 1894, em melhores condições financeiras, mandou buscar o restante da numerosa família: a noiva Bertha Osband, os irmãos Luiz, Salomão, Hessel, a irmã Nessel (casada com o primo Miguel Lafer - pais de Horácio Lafer) e a tia Fanny Lafer casada com Israel Kadischewitz (pais de Wolff Klabin).⁸

Com a chegada dos irmãos, em 1899 forma-se a Klabin Irmãos & Cia (KIC), congregando Maurício, Salomão, Hessel e o cunhado Miguel Lafer. A pequena empresa

⁸ Conforme oportunamente relata Carlos Heitor Cony e Sérgio Lamarão apud Marcovitch (2005, p. 197) a confusão entre os sobrenomes Lafer e Klabin pode-se explicar pelos casamentos cosanguíneos e pelo fato de alguns membros terem permanecido como Lafer e outros incorporado o nome Klabin, da aldeia ou cidade em que um ramo da numerosa família se instalou. Dessa forma, em Posevja alguns assinavam apenas Lafer, outros Klabin e outros ainda Lafer-Klabin. Em suma, o nome Klabin foi adotado para diferenciar um ramo da família Lafer.

importava produtos de papelaria e produzia artigos para escritório, comércio, repartições públicas e bancos.

Em 1902, buscando ampliar a atuação no mercado de papéis, arrendam a Fábrica de Papel Paulista de Salto de Itú⁹. Com o lucro gerado, Maurício Klabin vai à Europa e adquire equipamentos para uma fábrica mais moderna. Montam então, em 1909, a Companhia Fabricadora de Papel, situada no bairro de Santana (zona norte de São Paulo).

Já por essa época, Wolff Klabin e Horácio Lafer começam a dar os primeiros sinais de sucessão nos negócios da família, fato que se concretizaria com as mortes de Mauricio Klabin em 1923 e Miguel Lafer em 1926 e a entrada na sociedade de Wolff Klabin em 1928. Ao longo da década de 1920, a Klabin foi progressivamente aumentando sua produção nas duas fábricas que mantinha, chegando, em 1929 à liderança na produção de papel e celulose, ultrapassando a Companhia Melhoramentos do Coronel Rodovalho, sua grande concorrente no setor.

Para Marcovitch (2005), Horácio e Wolff "completavam-se", cada um a sua maneira. O primeiro era o "intelectual", o segundo o "self made-man". Enquanto Horácio dedicava sua atenção à São Paulo, Wolff viajava pelo país. Em comum, o fato de serem "homens de relações públicas", o que certamente auxiliou no envolvimento político de membros da família como Horácio Lafer e Salomão Klabin.

Em 1929 constituem a S/A Jd. Europa (SAJE) pela aquisição de grande gleba de terras na cidade de São Paulo e que logo se tornaria o Jardim Europa.

Pelas mãos de Wolff, a Klabin adquire a Fábrica de Papel Santo Antônio no Rio de Janeiro, consumida por um incêndio pouco tempo depois.

⁹ Segundo Reis Filho (1994b) é comum atribuir ao imigrante a responsabilidade pela industrialização em São Paulo, mas ainda segundo ele, as primeiras grandes fábricas do estado foram instaladas antes de se iniciarem as correntes migratórias, fundadas por famílias ricas (Silva Prado, Lacerda Franco, Rodovalho, Pacheco Jordão, Sousa Aranha, Sousa Queirós, etc.) ligadas às atividades mercantis e à produção de café entre 1860 e 1890. Apenas no final do século XIX é que, segundo o autor, apareceram os primeiros imigrantes de peso no setor industrial: os Matarazzo, Lafer-Klabin, Crespi, Scarpa e Siciliano. Foi depois de 1889, com a implantação da República que se tornou mais simples a implantação de indústrias e as empresas de pequeno porte fundadas por imigrantes ganharam importância. Interessante notar que diversas fábricas fundadas com capital proveniente da elite rural brasileira foram posteriormente compradas por estrangeiros, como é o caso Fábrica Votorantim de Tecidos (já citada), patrimônio original dos Lacerda Franco; da Fábrica de Papel Paulista de Salto de Itú, fundada pelos irmãos Melchert em 1888 e adquirida pelos Lafer-Klabin. Semelhante foi o caso da Ítalo-Americana, constituída em 1904 pela compra e incorporação das Fábricas Júpiter, Fortuna e Papel de Salto, todas do interior paulista e da Fábrica de Tecidos de Carioba de Campinas, fundada em 1875 por membros da família Souza Queiroz, e vendida em 1901 para um grupo alemão.

Figura 14- Indústria Klabin do Paraná de celulose (IKCP): casa operária.
Fonte: Gunn, 1998.

Figura 15- IKCP: hotel.
Fonte: Gunn, 1998.

Figura 16- IKCP: cinema.
Fonte: Gunn, 1998.

Figura 17- IKCP: igreja.
Fonte: Gunn, 1998.

Em 1931 enfrentam novo risco e arrendam a Manufatura Nacional de Porcelanas S/A de propriedade do Visconde de Moraes, presidente do banco Português do Brasil. Dez anos depois, após sucessivos investimentos do grupo, a indústria tornar-se-ia a maior produtora de azulejos do mundo (MARCOVITCH, 2005).

Em 1935 organizam a sociedade com José Ermírio de Moraes e dão início a implantação da Cia Nitro Química Brasileira. Simultaneamente, adquirem a Fazenda Monte Alegre em Tibagi (PR) para a construção das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A (IKPC). Posteriormente adquirem e/ou constroem inúmeras outras unidades, totalizando em dias atuais 16 unidades industriais (15 no Brasil e uma na Argentina), além de escritórios comerciais em oito estados do país (São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Santa Catarina, Pernambuco e Bahia), além de uma filial nos Estados Unidos e um distribuidor logístico na Europa. A empresa é líder no mercado de papéis e seus

derivados (papéis, papelões, papel cartão, Kraftliner, embalagens de papel e sacos industriais) na América Latina¹⁰.

Além da Companhia Nitro Química Brasileira e do núcleo fabril da IKPC, que será discutido com mais detalhe nos capítulos seguintes, a Klabin construiu casas para seus funcionários em pelo menos mais duas de suas unidades, a Fábrica Klabin Kimberly S/A (RJ) e, em períodos mais recentes, a Fábrica Caolim Ltda (MG).

A primeira situava-se na cidade de Mendes (RJ). A antiga Fábrica de Papel Gutemberg fundada em 1889 foi adquirida em 1923 pelo conde Alexandre Siciliano e dirigida por Nicolau Scarpa até a aquisição pela Klabin em meados de 1930 quando foi rebatizada como Fábrica Klabin Kimberly S/A. A indústria chegou a ter mais de mil funcionários e cerca de 240 casas operárias nos arredores da fábrica. Além das casas manteve assistência médica para os trabalhadores, uma farmácia, um cinema, um coreto e um ginásio de esportes¹¹.

Assim como ocorreu com a Fábrica Klabin Kimberly S/A, no qual a Klabin adquiriu uma empresa já existente, o empreendimento de Minas Gerais partiu da aquisição de uma indústria existente. Na década de 1950, a Klabin instalou-se em Belmiro Braga pela compra de uma empresa pertencente à Gabriel Caula Soares iniciando a exploração em larga escala de minérios não metálicos: feldspato, mica, quartzo e caulim, este último, matéria prima básica para exploração de minérios. O material extraído era levado para a Klabin Cerâmica S/A uma das principais do grupo.

A empresa adquiriu inicialmente a Fazenda Malacacheta, onde instalou suas máquinas de beneficiamento, a escola (denominada Escola Wolff Klabin) e a vila operária que chegou a ter mais de sessenta casas. Com o crescimento da indústria, adquiriu ainda as áreas pertencentes às Fazendas Cruz Alta, Paraíso, Santo Antônio do Retiro e os Sítios Santo Antônio e Bandeira onde explorava jazidas próprias. A Klabin adquiriu também a produção de pequenas propriedades de Belmiro Braga chegando à década de 1980 à marca de quatro mil toneladas por mês e oferecendo mais de 400 empregos diretos ao município.

Em 1991, a Fábrica Caolim Ltda encerrou suas atividades, pois o caulim perdeu sua aplicação na cerâmica e no papel e passou a ser inviável dado o alto

¹⁰ Disponível em <<http://www.klabin.com.br/pt-br/a-klabin/unidades-escritorios>>. Acessado em 27/04/2013.

¹¹ Disponível em <<http://www.mendes.rj.gov.br>>. Acessado em 05/10/2012.

investimento na exploração e beneficiamento do produto. As casas foram doadas pela Klabin para os operários que nelas residiam na época do desmante.

Cabe salientar que as casas desta unidade foram construídas sob o comando de Armando e Israel Klabin, filhos de Wolff Klabin. Assim como a Votorantim, a prática de criação de casas e equipamentos pela Klabin estendeu-se ao longo de vários anos sendo continuadas pelas gerações que se seguiram na diretoria dessas empresas, o que demonstra mais uma vez o êxito de vilas operárias e núcleos fabris no Brasil.

Capítulo 02

A COMPANHIA NITRO QUÍMICA BRASILEIRA

Torre da caixa d'água
Fonte: Memória Votorantim (1955).

Figura 18- A Companhia Nitro Química Brasileira nos primeiros anos de funcionamento. Detalhe do rio Tietê fazendo divisa com os terrenos da fábrica e a via férrea da Variante de Poá.

Fonte: Memória Votorantim [194-?].

2.1. A FÁBRICA

A década de 1930 é considerada por vários estudiosos como a da consolidação da Indústria no Brasil, quando pela primeira vez a atividade ultrapassaria a agrícola em produção e importância econômica e política.

Como um dos pilares do nacional-desenvolvimentismo de Vargas que se apoiou na classe proletária, a criação de indústrias de base pelo Estado e os incentivos à industrialização, passariam a estruturar o parque industrial brasileiro. É deste período, por exemplo, a criação da Companhia Vale do Rio Doce (1942), Cia. Siderúrgica Nacional (1941), Fábrica Nacional de Motores (1942), Companhia Nacional de Álcalis (1943) e a Cia. Hidrelétrica de São Francisco (1945).

Dentre a série de grandes indústrias implantadas com a política varguista algumas iniciativas privadas merecem destaque, é o caso da Companhia Nitro Química Brasileira. Construída com o intuito de ser a "CSN do setor químico", fruto da associação entre as gigantes Votorantim e Klabin e alguns pequenos empresários, a companhia se colocaria dentre as propostas em prol do progresso nacional. Aprovada por Vargas, que vislumbrou na Nitro Química o desenvolvimento do Brasil na inédita área química, a abertura de frentes de trabalho regular, essencial a uma política que tinha a assistência ao trabalhador como elemento fundamental e a utilidade na defesa do país (em vias de eclosão da Segunda Grande Guerra), a indústria liderada por José Ermírio de Moraes e Horácio Lafer mudaria definitivamente as feições do isolado bairro de São Miguel Paulista, na zona leste paulistana.

A ideia de construção da Nitro Química surgiu de Wolff Klabin em virtude da notícia de fechamento de uma grande indústria americana de fios sintéticos em Hopewell, situada na Virginia. Interessado em ampliar a atuação da Klabin Irmãos e Cia, já líder em papel e celulose no Brasil, o industrial propôs aos americanos que a fábrica fosse transferida e reativada em solo brasileiro.

Preocupados com a inexperiência da Klabin no setor têxtil os americanos sugerem que à associação seja incorporada alguma outra empresa do ramo. Imediatamente chegou-se ao nome de José Ermírio de Moraes, à frente da S/A Votorantim desde meados de 1920.

As relações e parcerias entre os dois industriais (Wolff e Ermírio) já contava de longa data à época de fundação da Nitro Química e se manteve nos anos posteriores; o apoio mútuo já se mostrara bastante fecundo em pelo menos dois importantes episódios: foram fundadores e membros da primeira diretoria da Ciesp (Centro das indústrias do Estado de São Paulo) em 1928 e parceiros políticos na campanha de Lafer à deputado estadual de São Paulo em 1933; além da Nitro Química ainda seriam sócios em outra indústria, a Rilsan Brasileira S.A.

Para a Klabin e para a Votorantim a aquisição de uma indústria desta natureza simbolizava diversificação de produção pela entrada no moderno mercado de fibras químicas já bastante popular internacionalmente e que começava a conquistar o público brasileiro. Mas, para ambos, não significava a inserção em um mercado totalmente diferente, mas uma ampliação dos negócios.

A fabricação de fibras artificiais ou celulósicas tem como princípio a transformação via agentes químicos de sua matéria prima, a celulose (principal produto da Klabin Irmãos e Cia). A Nitro Química consistia, não em uma única grande fábrica, mas em um conjunto de unidades fabris para a produção ou transformação destes agentes, por isso, é considerada uma empresa do setor químico. Apesar de a seda artificial (o rayon) ser o produto final para o qual a companhia foi criada, o excedente dos produtos químicos envolvidos no processo como ácido sulfúrico, sulfato de sódio, ácido nítrico, éter, colódio e nitrocelulose poderiam ser aproveitados economicamente configurando um nicho de mercado quase não explorado no país. Por esta razão, a C.N.Q.B. chegou a ser conhecida como a “Fábrica das fábricas”.

Nas palavras de Assis Chateaubriand, em um artigo publicado no Diário Associados intitulado “Uma Indústria-chave”:

Este parque não é uma fábrica, mas um complexo de fábricas. Estamos diante de um sistema industrial, e precisamente o mais amplo, o mais interessante que ainda se articulou no Brasil e no continente sul-americano. A que a Dupont de Neumours está montando na Argentina é metade da nossa. A daqui é qualquer coisa do gênero daquela genial concepção farquariana, que era a Brazil Railway, e desse outro estupendo organismo econômico, que são as Empresas Reunidas F. Matarazzo. Para se fazer uma idéia das proporções dessa máquina industrial, cumpre dizer que só uma parte dela pode produzir 50 toneladas diárias de ácido sulfúrico concentrado. Essa é a produção apenas de uma parte do “concern”. Dagora

por diante, é possível pensar no desenvolvimento da indústria química no Brasil. Essa indústria quase não existe entre nós e não existe pela boa razão de que não há ácido sulfúrico em quantidade apreciável para se constituir sua matéria-prima. Este ácido é chamado o pão da indústria química. Onde ele existe há indústria química que é o que vai ter o Brasil, de agora por diante, porque ele vai produzir o pão que a alimenta. (...) Mas não são só a seda artificial, a nitrocelulose e o ácido sulfúrico que o enorme empreendimento irá produzir. O ácido nítrico vai ser outro dos seus importantes subprodutos. Não há fábrica de produtos químicos que não careça de ácido nítrico. A Nitro-Química produzirá, além de 12 toneladas por dia de seda artificial, 50 de nitro-celulose e 50 de ácido sulfúrico, mais de 30 de ácido nítrico para os quais o Brasil só terá consumo nos próximos cinco anos para a metade. O excedente teremos que exportar, com vantagem para a balança de comércio. (CHATEAUBRIAND, apud SCANTIMBURGO, 1986, p.180-181)

Para a Votorantim, a Nitro Química surgia como uma ampliação de sua atuação no setor têxtil, antes restrita às fibras de origem natural (algodão), mas que começava a perder mercado para as fibras artificiais importadas.

Celebrada a sociedade entre a americana Turbize Chatillion e as brasileiras Votorantim e Klabin, outros nomes vieram a se juntar ao grupo, visando maior respaldo financeiro ao ambicioso projeto. Dessa forma, à joint venture¹² Brasil-EUA juntou-se Numa de Oliveira, diretor do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo e ex-presidente da Votorantim, os engenheiros Richard P. Monsen, Paulo de Mesquita, Ary de Oliveira, além do próprio José Ermírio de Moraes. De um total de 36.000 contos de réis, a Turbize era detentora de 50%, a Klabin Irmãos e Cia. de 22,2 %, Numa de Oliveira 13,8%, S/ Fábrica Votorantim 12,5%, José Ermírio de Moraes 1,37% e o restante em parcelas inexpressivas entre Richard P. Monsen, Paulo e Mesquita e Ary de Oliveira (RAVAGLIA, 1988).

Ficara estabelecida a utilização dos equipamentos e apoio tecnológico dos americanos, mas sob administração brasileira, apesar de a Turbize constituir-se como sócia majoritária do empreendimento.

Após os acertos jurídicos iniciais, inaugurou-se a Companhia Nitro Química Brasileira em 11 de setembro de 1935, sendo a primeira diretoria composta por: Salomão Klabin (Presidente), José Ermírio de Moraes (Diretor Comercial), Eduardo Sabino de Oliveira

¹² *Joint venture* significa associação cooperativa entre duas ou mais organizações que compartilham um interesse comum em um negócio ou empreendimento.

(Diretor Industrial), Raymond S. Burrows (Diretor Técnico), George Juer (Diretor Técnico Assistente).

Num processo arriscado e especialmente difícil para as condições da época, a fábrica foi desmontada de solo americano e cerca de 18 mil toneladas de equipamentos foram transferidos para o Brasil onde seria remontada, incluindo móveis e instalações sanitárias. O local escolhido foi um terreno de cerca de 503.300 metros quadrados na periferia leste de São Paulo.

O que houve foi, de fato, a transferência de uma fábrica inteira dos Estados Unidos para o Brasil, após a conclusão das negociações sobre a constituição jurídica da nova empresa. Todo o processo, inclusive treinamento de mão de obra local, demorou cerca de dois anos e meio. Foram 30 meses de trabalho, que permitiram o progresso do Brasil na produção de uma série de produtos químicos para uso indústria (RAVAGLIA, 1988, p.2-3).

Apesar das dificuldades no processo de instalação, a CNQB iniciou seu funcionamento em setembro de 1937 com 1.554 funcionários. Ravaglia (1988) aponta que as dificuldades na implantação da empresa consumiram boa parte do capital dos sócios, de forma que a companhia já iniciou suas atividades comprometida com vultosos financiamentos.

Com apenas dois anos de funcionamento, em 1939, os sócios americanos retiram-se da sociedade vendendo sua parte para os brasileiros. Imediatamente todo o grupo de funcionários americanos que vieram para apoio tecnológico também se desligou da empresa, entre eles os dois mais importantes, Raymond S. Burrows (diretor técnico) e Georges Juer (diretor técnico assistente), substituídos por Jacob Klabin Lafer e Eduardo Sabino de Oliveira, engenheiro industrial formado pela Escola Politécnica de São Paulo e filho de Numa de Oliveira (sócio da Nitro Química e representante do Banco de Comércio e Indústria de São Paulo). Com as alterações, a Nitro Química tornou-se uma empresa totalmente brasileira às vésperas de eclosão da Guerra Mundial.

Ainda na década de 1930, outras reformulações de cargos foram feitas em virtude da morte do presidente Salomão Klabin.

Com o falecimento de Salomão Klabin, a diretoria passou a ser presidida por Horacio Lafer, tendo como membros José Ermírio de Moraes, Eduardo Sabino de Oliveira, Jacob Klabin Lafer e Arthur José da Nova. Este último

permaneceu por pouco tempo na direção da fábrica, pois faleceu em outubro de 1940, sendo substituído por Marcello Milliet Kiehl (RAVAGLIA, 1988, p.5).

A primeira unidade a funcionar foi a de ácido sulfúrico, a única não adquirida da Turbize Chatillion Co., que, já obsoleta, acabou sendo substituída por instalações novas da também americana Chemical Construction Co. Ao longo dos anos os demais departamentos foram sucessivamente sendo ativados. Até a década de 1960, várias outras fábricas foram sendo agregadas ao conjunto.

Em 26 de abril de 1940, já em franca atividade e com cerca de 2.600 funcionários, a Nitro Química foi oficialmente inaugurada com a presença do presidente Getúlio Vargas.

O apoio governamental foi um fator importante para a companhia não só do ponto de vista político quanto econômico. Segundo Ravaglia (1988, p. 03), “o governo federal, por decreto, concedeu isenção de direitos de importação a todo equipamento, utilizado na Nitro Química, que entrasse no país até 31.12.1935”, fato sem o qual a transferência da fábrica não teria sido viável.

As indústrias de base interessavam particularmente ao governo de Vargas empenhado no desenvolvimento nacional. As dificuldades geradas pela Guerra Mundial se tornaram favoráveis à política de substituição de importações empreendidas pelo Estado Novo no Brasil. A Industrialização pressupunha ainda a utilização de uma grande massa de trabalhadores, classe que se colocou no centro das atenções do governo que começava a conformar as primeiras regulamentações trabalhistas.

A presença de Getúlio em 1940 não foi exclusividade da Nitro Química; ele esteve presente na inauguração de várias outras indústrias nas décadas de 1930, 1940 e 1950, como a da Indústria Klabin do Paraná de Celulose em 1937 e das Indústrias Reunidas de Ferro e Aço no Rio Grande em 1950. A visita do Presidente da República para a inauguração de indústrias durante o Estado Novo reforça o apoio governamental e a importância adquirida pelo setor; no caso dos empreendimentos dos Lafer-Klabin e Votorantim demonstram as estreitas relações entre estes industriais e o governo federal e assumem um caráter social exercendo uma atitude simbólica de poder e importância dessa Indústria, especialmente para com seus funcionários. Outros recursos como a beleza e monumentalidade dos edifícios construídos pela empresa e a abrangência da assistência

social para funcionários foram utilizados com o mesmo intuito, conforme será colocado mais adiante.

No caso da Nitro Química, o apoio de Vargas foi também imprescindível para a viabilidade de um empreendimento desse vulto e complexidade e à sua consolidação no setor químico, que já contava com pelo menos mais duas fortes concorrentes na fabricação de fios sintéticos: a S. A. Indústrias Reunidas Matarazzo (1924) e a Rhodia Indústrias Químicas e Têxteis (1929).

Para Getúlio Vargas¹³, com a guerra latente, a Nitro Química, mais do que suas concorrentes, serviria à defesa do país. A Matarazzo, a Rhodia e a Nitro Química utilizavam processos diferentes para a produção de rayon. As duas primeiras adotaram os métodos mais modernos do período, o rayon viscose e acetato, respectivamente; e a terceira, o processo Chardonnet, já ultrapassado, mas que, diferente das outras, envolvia a possibilidade de fabricação de explosivos.

O interesse governamental fica claro nas palavras do discurso proferido pelo presidente na inauguração da companhia:

Só tenho motivos para felicitar-me pelo auxílio inicial que o governo do país pôde, avisadamente prestar para a instalação da fábrica. O que acabo de verificar pessoalmente ultrapassou a minha expectativa. Os produtos aqui fabricados são uteis, não só à defesa militar do Brasil como à defesa de sua economia. Mas, a obra realizada não é tudo. A potencialidade, a capacidade de expansão de que estaes dotados é ainda uma promessa maior. Apresento-vos por isso, as minhas calorosas felicitações e desejo declarar que os momentos destinados a esta visita foram bem aproveitados, deixando-me grata e forte impressão (presidente Getúlio Vargas apud SCANTIMBURGO, 1986, p. 185).¹⁴

A Segunda Guerra Mundial marcou uma época de grande êxito para a Nitro Química favorecida com a expansão do mercado interno. O rayon mostrou-se uma aposta bem sucedida; nas décadas de 1930, 1940 e 1950 tornou-se bastante popular no Brasil; para alguns isso é devido à sua leveza, portanto, adequado ao clima quente brasileiro e à sua popularização como material nobre, porém de menor custo. O auge e o declínio do rayon, a

¹³ O filho de Vargas, Getúlio Vargas filho trabalhou como químico no Laboratório de Pesquisas da Nitro Química até seu falecimento em 1943, aos 25 anos. A Praça 01 construída na Vila Americana, uma das pertencentes à empresa, foi denominada Praça Getúlio Vargas filho na década de 1960, em homenagem a ele.

¹⁴ Discurso do Presidente Getúlio Vargas proferido na inauguração oficial da Companhia Nitro Química Brasileira em 27 de abril de 1935.

“seda dos pobre”, como chegou a ser conhecido, marca também o apogeu e a queda da Cia Nitro Química.

Em 1941 foi fundada a Fábrica de Tintas e Vernizes para aproveitamento de nitrocelulose, um dos subprodutos envolvidos na fabricação do rayon. Ao mercado foram lançadas, com boa aceitação, as marcas Nitrol (tinta a óleo), Nitrolux (esmalte sintético) e Nitrolac (laca).

Na mesma década optou-se por modernizar a unidade de rayon substituindo-a por uma mais moderna que utilizava o processo Viscose, o mesmo da maior concorrente, a Matarazzo. Novamente os dirigentes recorreram à tecnologia americana, desta vez, adquirida da companhia Oscar Von Kohorn de Nova York. Da mesma empresa foram ainda adquiridas uma fábrica de floco viscose e uma de rayon para pneumáticos.

Poucos dias antes do início das atividades da unidade viscose um incêndio acabou por destruir a fábrica antiga, do processo Chardonnet. O prejuízo seria ainda maior ao se constatar que a nova unidade não correspondia às expectativas em eficiência e qualidade.

Com a explosão da velha unidade o medo começaria a rondar São Miguel e os operários da empresa, o que se acentuaria com a inauguração da Fábrica de TNT em 1946.

Respondendo aos pedidos das autoridades federais, a companhia adicionou ao conjunto uma moderna fábrica de TNT, mas, novamente, esclarece Ravaglia (1988), dificuldades técnicas levaram à decepção:

Fábrica de TNT – A Segunda Guerra levou o país à fabricação de armamentos e a um grande desenvolvimento da produção de explosivos na fábrica do Exército de Piquete (SP). Consideravam, no entanto, as autoridades federais, que havia a necessidade de uma maior produção de explosivos e nesse sentido, contataram José Ermírio de Moraes para montar uma fábrica de TNT. Decidida a implantação, a fábrica, com uma capacidade de produzir 5t, foi projetada pela equipe técnica da Nitro Química com base em tecnologia francesa, repassada por engenheiro de Piquete. Embora a montagem tenha sido feita por elementos da Companhia, o seu início de operação (setembro de 1946) foi dirigido por um técnico peruano que trabalhara na fabricação de TNT nos Estados Unidos, durante a guerra. Sua permanência no Brasil foi, porém, extremamente curta, passando posteriormente a operação para técnicos brasileiros pouco treinados para a difícil e perigosa missão. Logo de início constatou-se que a tecnologia e o próprio equipamento não eram os mais

adequados, o que causava grandes dificuldades operacionais e permanentes riscos (RAVAGLIA, 1988, p. 11).

Em julho de 1947 uma nova explosão atingiu a companhia e destruiu um dos reatores da Fábrica de TNT, desta vez causando a morte de nove operários. Apesar do acidente a fábrica reconstruiu a unidade que voltou a funcionar no final de 1948, desta vez, utilizando os serviços da Quilmex do Brasil, especializada em explosivos; mas, com o fim da Guerra em 1945, a produção veio a se revelar acima das reais necessidades brasileiras sendo finalmente extinta em 1955.

Entre os anos 1950 e 1965 foram feitos, ainda, outros investimentos de grande porte relativos às Fábricas de dissulfeto de carbono (1950) (matéria-prima para o rayon e o rayon para pneumáticos); Fábrica de floco viscoso (1952) (outro fio sintético alternativo ao algodão); Fiação visco floco (1952) (para fiação do produto); Fábrica de soda e derivados (1951) (visando em longo prazo a fabricação de fertilizantes); Fábrica de ácido sulfúrico a partir de Pirita; Fábrica de rayon para pneumáticos (tire cord) (para utilização em pneus) e Fábrica de celulose de linter (matéria-prima da nitrocelulose ¹⁵).

De maneira geral as unidades citadas foram mal sucedidas; parte delas como a Fábrica de dissulfeto de carbono e a Fábrica de ácido sulfúrico tinha como intuito atender à política da empresa de não depender de matéria-prima de terceiros, o que nunca se concretizou.

Ainda na corrente de novos empreendimentos, a Rilsan Brasileira S.A. merece destaque. Tratava-se de uma fábrica para produção de nylon, uma nova aposta da empresa no ramo de fios químicos.

Assim foi criada a Rilsan Brasileira S.A., com fábrica em Osasco, da qual a Nitro Química detinha 70% das ações, sendo que as restantes 30% pertenciam ao Grupo Klabin e a S.A. Indústrias Votorantim. (...) Com estas previsões a empresa deveria ser a maior fábrica exportadora do país. Entretanto, a Rilsan Brasileira, que poderia representar a expansão das atividades da Companhia, no campo das fibras químicas, foi sustentada durante toda a sua existência pela sua acionista majoritária pelo fato de nunca ter chegado a ser lucrativa (RAVAGLIA, 1988, p. 17).

¹⁵ Para detalhes técnicos sobre essas unidades ver RAVAGLIA opt. cit.

A C.N.Q.B., no início da década de 1950, ainda adquiriu glebas de terras na cidade de Itapetininga onde plantou eucaliptos visando instalar uma fábrica de celulose para seu abastecimento.

A busca pela proximidade com fontes de energia foi uma premissa constante em inúmeros empreendimentos que, como a Cia Nitro Química, construiu vilas operárias e núcleos fabris, sendo inclusive um dos principais fatores do afastamento de algumas empresas para áreas longe da cidade no decorrer do século XIX e XX. No caso em estudo, a escolha pela área de várzea na periferia paulistana deu-se, não pela proximidade com uma possível fonte energética, mas, principalmente, pela disponibilidade de terras, abundância de águas e baixo valor da terra. Ainda que o sítio escolhido não favorecesse a instalação de uma usina hidrelétrica, uma fonte de energia ainda era essencial. Todas as unidades fabris precisavam trabalhar sem interrupção; a solução foi a instalação de uma usina termoelétrica própria, conhecida pelos funcionários como Casa de Força, adquirida da Turbize Chatillion Co. e reformada em meados de 1950.

O investimento em reformas e ampliações de setores já existentes e construção de novas unidades acabaram consumindo boa parte dos lucros acumulados no período de guerra. Entre meados das décadas de 1950 e 1960, no entanto, a empresa continuou a investir no parque químico de São Miguel. Ao mesmo tempo, foi o período em que suas relações com o corpo de empregados deterioraram-se (RAVAGLIA, 1988). O recrudescimento das relações entre a Nitro Química e os funcionários reflete-se na série de greves que assolaram a empresa entre 1953 e 1963.

Problemas Sociais – A Nitro Química foi afetada por diversos movimentos grevistas nos anos de 1953, 1954, 1957 e 1963, sendo que o de outubro de 1957 pode ser considerado o mais crítico para a empresa (RAVAGLIA, 1988, p. 18).

Fábio Ravaglia trabalhou na companhia entre os anos de 1961 e 1985 ocupando os cargos de Diretor Técnico e Diretor Superintendente. São dele os dados mais completos sobre a história da Nitro Química. Sobre as razões que teriam levado a companhia a um ciclo de decadência depois dos primeiros quinze anos de sucesso cita:

- O pouco interesse dos Lafer-Klabin pela Nitro Química: "um empreendimento patrocinado pela Klabin (Rilsan Brasileira S.A.), se revelava, para agravar a situação, um fracasso" (RAVAGLIA, 1988, p.19);
- A progressivo afastamento de José Ermírio de Moraes, empenhado na ampliação da S/A Votorantim em outros setores e também devido a problemas de saúde;
- A má execução dos projetos do pós-guerra. Para Ravaglia (1988, p.19), os investimentos nas novas atividades eram promissores,

[...] porém a execução dos projetos deixava muito a desejar, fato devido à inexistência de equipes, em número, qualidade e posição hierárquica, aptas a escolher adequados fornecedores de tecnologia e a implantar adequadamente as novas unidades industriais. As equipes administrativas sem falar nas de operação, não tinham nível profissional adequado aos novos tempos: tempos que viram o nascimento das primeiras escolas de economia e administração e o surgimento da indústria petrolífera e automobilística, entre outras.

Não caberia, nesta pesquisa, deduzir as razões do declínio da Nitro Química no pós-guerra, mas é provável que, às causas apontadas na análise de Ravaglia que fez parte da diretoria da empresa nos anos 1960, some-se ainda a concorrência do rayon com as fibras sintéticas¹⁶; o elevado investimento de capital e os problemas ambientais gerados pela indústria, alvo de ações públicas constantes a partir de 1960.

Em 1965, um ano após o Golpe de 1964, a Nitro Química teve seu menor faturamento. No mesmo ano morreu em Paris o então presidente da companhia, Horácio Lafer e teve início a separação entre as duas lideranças da empresa, a Klabin e a S/A Votorantim, concretizada em 1967. A vice-presidência passou para Ermírio Pereira de Moraes Filho e durante os anos que se seguiram os acionistas restantes foram progressivamente vendendo suas partes à S/A Votorantim, conforme relata Ravaglia (1988, p. 21-22):

¹⁶Fibras naturais são as fibras retiradas diretamente da natureza (algodão, lã, seda, etc); fibras artificiais são produzidas pelo homem a partir de celulose, por isso também denominadas celulósicas (rayon, viscose, acetato, etc), as fibras sintéticas são fibras produzidas usando como matéria-prima produtos químicos, da indústria petroquímica (poliéster, poliamida, acrílico, etc). As fibras artificiais e sintéticas também são conhecidas como fibras químicas.

Alterações acionárias – Em 1966, a Nitro Química contava com 4 acionistas principais:

S/A Indústrias Votorantim

Klabin Irmãos e Cia

Banco do Comércio e Indústria de São Paulo

Monteiro Aranha S/A

Um outro grupo de acionistas de importância histórica, ligada a Numa de Oliveira, tinha vendido a sua participação à Votorantim no final dos anos 50. Em 1967, Klabin e Irmãos cedeu à Votorantim sua participação acionária na Nitro Química, tornando-se, por outro lado, única acionista da Rilsan Brasileira S.A (...) o Banco do Comércio e Indústria de São Paulo vendeu sua participação em 1974 e o último grande acionista Monteiro Aranha, fez o mesmo em 1984, tornando-se a Nitro Química, não no sentido legal, mas na prática, subsidiária integral da Votorantim.

Entre 1965 e 1975 a Cia. Nitro Química passaria por profundas reformulações que incluíram a desativação dos equipamentos coletivos tão orgulhosamente propalados pelos dirigentes nos primeiros anos da empresa e essenciais no trato com os operários da empresa:

[...] desativação das atividades consideradas economicamente inviáveis ou supérfluas; redução drástica do efetivo, revisão de políticas de vendas, de suprimentos e de transportes; investimentos em todos os setores com bom potencial; formação de um quadro dirigente compatível com as necessidades da empresa, bem como modernização e a racionalização da atividades administrativa (RAVAGLIA, 1988, p.12).

A empresa continua em funcionamento, com um número bastante reduzido de funcionários e de produtos, hoje formado basicamente por resinas usadas pela indústria de tintas e vernizes, cosméticos e defensivos agrícolas.

2.2 A LOCALIDADE

A evolução urbana de São Paulo tem se relacionado aos ciclos econômicos que caracterizaram o desenvolvimento do país. Até meados de 1850 a cidade estava pouco expandida, a zona urbana restringia-se basicamente ao triângulo central. Todas as principais atividades sociais, culturais, religiosas, políticas e administrativas concentravam-se neste espaço, cercada por grandes chácaras e propriedades rurais. Porém, a partir de 1870 a cidade passaria por grandes mudanças que mudariam em definitivo suas feições.

A principal razão da transformação paulistana em meados do século XIX deve-se a expansão cafeeira que gerou grandes lucros e garantiu fôlego novo à pacata São Paulo. Com o café multiplicaram-se as ferrovias visando escoamento da produção o que, além de garantir a interligação com o interior ainda colocava a cidade em posição estratégica, passagem obrigatória para o Porto de Santos, o principal do país. Isto ampliava a função de São Paulo como entreposto comercial e financeiro, transformando-o centro econômico da província. Outro fator ligado ao café foi a chegada de imigrantes para trabalho nas fazendas do interior paulista. Com o tempo, parte desses imigrantes terminou por dirigir-se a São Paulo devido, principalmente, aos baixos salários e às condições de trabalho na lavoura. O desenvolvimento econômico associado ao crescimento populacional levou à primeira expansão física da cidade.

A partir da segunda metade do século XIX, notadamente depois da Primeira Guerra e da crise de 1929, o movimento de expansão urbana deu-se de maneira mais rápida e agressiva baseada na industrialização, que tomava a frente como atividade principal da cidade. São Paulo desde muito cedo se destacou como centro industrial em potencial; segundo Morse (1970), a cidade, mais do que outros centros, concentrava características favoráveis à implantação de indústrias: localização próxima e articulada ao Porto de Santos; um mercado acessível, populoso e de renda per capita alta comparada a de outras cidades da nação; disponibilidade de matérias-primas localmente para as indústrias básicas como tecidos, cerâmicas, móveis e alimentos, as primeiras a se desenvolveram no país. Além disso era favoravelmente situada de forma a receber outras matérias-primas (ferro, carvão, etc.) tanto do resto do país quanto do exterior. O capital. "... foi inicialmente um subproduto do surto do café, depois completado pelas fortunas a princípio modestas e pelo alto senso

de negócios de muitos imigrantes, principalmente italianos, sírios e libaneses" (MORSE, 1970, p. 301). A mão de obra, especialmente imigrantes europeus já com alguma experiência na indústria, subvencionados para o trabalho nas fazendas de café, acabaram por envolver-se também em trabalhos urbanos. Havia disponibilidade energética à partir de fonte "barata e farta" "num país onde os combustíveis são escassos". Havia ainda a existência de uma infraestrutura ferroviária herdada do café, com potencial de uso para transporte de matérias-primas e mercadorias.

Com o início do processo de industrialização, o antigo triângulo central passou a perder sua função residencial substituída por atividades de comércio e serviços. A elite paulistana, aos poucos, passou a ocupar o quadrante sudoeste numa caminhada ainda em processo. As primeiras indústrias, por sua vez, seguiram a localização da ferrovia e deram origens aos primeiros bairros operários (Brás, Bom Retiro, Móoca, Luz, Barra Funda, Lapa, Belém, Belenzinho, etc.) junto às várzeas dos rios Tamanduateí e Tietê.

A presença das ferrovias em São Paulo determinou a implantação das indústrias até o advento rodoviário iniciado apenas nos finais da década de 1950. O "cinturão ferroviário" determinou não apenas a localização das fábricas como também das áreas residenciais operárias que seguiram as oportunidades de trabalho. Além de todo um mercado de comércio e serviços que, por sua vez, acompanha a instalação de zonas residenciais operárias.

As primeiras indústrias de São Paulo concentraram-se na região central da cidade ou bem próximas a esta, sempre junto à ferrovia. Em finais de 1887 foi fundada a primeira fábrica de tecidos de São Paulo, a Companhia Industrial do major Diogo de Barros nos arredores da Estação da Luz; em 1889 inaugurou-se a Companhia Fabril Industrial Paulista¹⁷ de Luís Anhaia no Bom Retiro; em 1885 a Companhia Antártica Paulista de Joaquim Sales foi implantada no bairro de Água Branca onde depois se instalaram as Indústrias Reunidas Matarazzo e em 1890 na Moóca se instalou outra grande fábrica, a Cervejaria Bavária. No início do século XX, "a cidade já apresentava a fisionomia de um centro industrial europeu" (REIS FILHO, 1994b) e contava com inúmeras outras empresas importantes como a Vidraçaria Santa Marina (de Elias Pacheco Jordão e Antônio Prado na

¹⁷ A Companhia Industrial e a Companhia Industrial Paulista, tidas, respectivamente como a primeira e a segunda fábrica de tecidos inauguradas no município de São Paulo por Reis Filho (1994b) foram adquiridas por Antônio Pereira Ignácio (Votorantim) em 1914.

Água Branca), as empresas Reunidas Matarazzo (Brás, Lapa, Bom Retiro) e a Fábrica Santana (pertencente à Família Penteado), por exemplo, sem contar as milhares de pequenas indústrias que pontuavam toda a região central.

Por volta dos anos 1940, no entanto, esta tendência de concentração das fábricas com seus bairros operários na área central inverte-se e a periferia, com destaque para o setor leste, passa a principal área industrial de São Paulo. Dentre os fatores que contribuíram para este deslocamento, estão: o incremento da infraestrutura de transportes: a extensão das linhas ferroviárias e a intensificação do transporte por ônibus, que torna possível que o trabalhador more na periferia (além disso, a melhoria nos transportes facilita o recebimento das mercadorias e o escoamento da produção); a necessidade de áreas mais amplas para instalação de indústrias cada vez maiores; a proximidade com as áreas centrais que ainda formam o principal mercado consumidor, mas sem os prejuízos de estar inserido no centro (o congestionamento, a superpopulação, etc.) e o aumento do preço dos terrenos centrais, pela concorrência com outras atividades econômicas, por exemplo, comércio e serviços. Os baixos custos dos terrenos da periferia devem-se à falta de infraestrutura e serviços básicos.

Neste processo de industrialização, bairros antes isolados e pouco ocupados na periferia são efetivamente incorporados ao perímetro urbano assumindo novas funções dentro da estrutura urbana, social e econômica. Passam a ser importantes áreas detentoras dos maiores índices populacionais até pelo menos a década de 1990. Passam a espaço produtivo relevante e são importantes para a manutenção da segregação sócio-espacial característica da expansão de São Paulo.

São Caetano e Santo André, ao sudoeste, compreendem o mais importante subcentro industrial. Terrenos baratos e as facilidades da São Paulo Railway atraíram para aí as indústrias depois de 1890. Hoje aí se encontram algumas das maiores fábricas da cidade – tais como a fábrica Kowarick de lãs e casimiras, a General Motors, Rhodiaceta e Valisère de jersey, Rhodia Química Brasil, Lidgerwood de máquinas, Firestone, Pirelli S.A. de materiais elétricos e Moinho Santista; e um segundo perímetro de satélites industriais apareceu em Mauá, São Bernardo e Ribeirão Pires, A oeste, acompanhando a Sorocabana, estão o bairro industrial da Lapa e o industrial-residencial de Alto da Lapa, onde se localiza o frigorífico Armour. Mais além fica Osasco, antiga fazenda de um italiano em fins do século XIX

e que hoje conta com indústrias têxteis, de cerâmica, fósforos e frigoríficos. A noroeste, na São Paulo Railway, está localizado o núcleo industrial de Pirituba, aliás, mal planejado. Houve casos em que uma só fábrica deu origem a uma comunidade industrial isolada ou desenvolveu um núcleo já existente: a noroeste, na São Paulo Railway, a fábrica Portland em Perus, e a Companhia Melhoramentos de Caieiras; a este, na Central do Brasil, a Companhia Nitroquímica Brasileira em São Miguel Paulista (AZEVEDO, 1945, p. 35).

Azevedo (1945, p. 11) conceitua subúrbio ou periferia como "arrabalde ou vizinhança de uma cidade ou de qualquer povoação", mas acentua que a simples relação espacial entre ambas não é suficiente, é necessário que haja certa dependência de uma com a outra, uma relação ativa de uma (a cidade ou centro) e passiva de outra (a periferia). Neste sentido, o sucesso do processo de industrialização da periferia não significou sua independência, apenas levou-a a outro patamar. A periferia não usufruiu das melhorias possibilitadas pelas indústrias.

A efetiva ocupação dos bairros que compõem o subúrbio leste de São Paulo relaciona-se ao crescimento acelerado da capital paulista entre meados do século XIX e início do XX. Depois de quase três séculos de relativa inexpressão, o crescimento populacional e econômico advindo com o café e a industrialização levaram rapidamente São Paulo ao posto de maior e mais importante cidade do país. Nesse período, a modesta cidade, contida no triângulo central passou por um brutal processo de expansão territorial que transformou seus limites e inseriu os longínquos bairros da porção oriental à dinâmica da nova metrópole que se formava.

Apesar desta ocupação relativamente recente pela multiplicação de vilas habitacionais, intensificada por parcelamentos de grandes propriedades rurais visando atender à demanda da metrópole, a zona leste paulistana abriga alguns dos mais antigos núcleos populacionais do Estado, ainda do período colonial, como Penha, São Miguel Paulista e Itaquaquecetuba, cujas origens remetem ao século XVII.

A fundação de São Miguel relaciona-se à criação de núcleos religiosos implantados pelos jesuítas no século XVI. Há controvérsias em relação ao ano de fundação do bairro. Conforme relata o almanaque *Um olhar sobre São Miguel Paulista: manifestações culturais ontem e hoje* (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO, 2008, p.09) "para alguns historiadores o núcleo teria surgido em 1580, quando o padre jesuíta José de Anchieta e

índios guaianazes começaram a construir a Capela de São Miguel Arcanjo”. Consta que por volta de 1560 o padre Manoel da Nóbrega enviou o padre Anchieta para localizar os guaianazes que haviam fugido das imediações do colégio jesuíta de São Paulo e retomar os trabalhos de evangelização com o grupo indígena. No entanto, a data considerada oficial de fundação do bairro é a de conclusão das obras da Capela de São Miguel Arcanjo, em 21 de setembro de 1622. Segundo a mesma publicação, a área inicialmente ficou conhecida como Aldeia de Ururaí, devido à designação que os índios davam ao trecho sul do Tietê; durante o decorrer do século XVIII passou a São Miguel de Ururaí; em 1944 o nome foi alterado para Baquirivú e, após protesto dos moradores, voltou, em 1948, a denominação que mantém: São Miguel Paulista.

A Capela de São Miguel Arcanjo deu, portanto, origem ao pequeno aldeamento indígena e centro de ocupação da área até meados do século XX. Acredita-se que a Capela, um dos primeiros bens tombados pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) ¹⁸ em 1938, seja o mais antigo edifício religioso conservado do Estado de São Paulo.

¹⁸ Tombamento: Processo n.º 368/73, inscrição n.º 101, Livro de Tombo Histórico nº 1, pg 14. Data: 21.10.1938 (SPHAN), 06;05;1975 (ex-ofício)

Regiões, Subprefeituras e Distritos
Município de São Paulo

Figura 19- Mapa de Localização de São Miguel Paulista.
Fonte: São Paulo (2012B), adaptado por Tonaki (2013).

Construída em taipa de pilão pelos guaianazes sob os comandos do bandeirante Fernão Munhoz e do padre João Alvares, a capela foi implantada em ponto elevado da grande várzea do Tietê em que se situa São Miguel, visando vigilância e proteção da Vila de São Paulo contra ataques indígenas frequentes nos primeiros momentos de ocupação das terras paulistas por colonos.

Devido à posição estratégica a aldeia destacou-se como um posto avançado no sistema de vigilância e defesa da vila de São Paulo contra o ataque dos nativos hostis. A mesma situação geográfica propiciava agrupar índios espalhados pela região, facilitando a obra dos missionários. Tais circunstâncias justificavam a construção de um templo de grandes proporções para a conjuntura geopolítica da vila de São Paulo, naquele momento (Um olhar sobre São Miguel Paulista: manifestações culturais ontem e hoje, 2008, p.14).

Figura 20- Capela de São Miguel Arcanjo, lateral e frente.
Foto: Tonaki (2011).

A presença indígena é predominante no local até meados do século XVIII, quando as atividades agrícolas com o cultivo de cana de açúcar passam a ser adotadas em maior escala.

Esse desenvolvimento trouxe como consequência a decadência do aldeamento indígena, pois com a resistência indígena na realização de trabalhos forçados, os índios perdem a importância e passam a sofrer alto índice de mortalidade, fugas para outras regiões, redução da população e principalmente a miscigenação (Um olhar sobre São Miguel (1622-2006), 2006, p.16).

O desenvolvimento econômico de São Miguel é marcado por surtos de pequeno desenvolvimento alternados a períodos de estagnação. No início do século XX,

uma nova atividade estimula o desenvolvimento do bairro: são as olarias implantadas às margens do rio Tietê e impulsionadas pelo crescimento urbano da capital paulista.

Em todos os bairros da zona leste de São Paulo, notadamente entre Penha e Guarulhos, a presença de olarias foi comum; associadas à presença da várzea do Tietê e de seus inúmeros afluentes, dos quais o Aricanduva e o Jacu são os mais importantes; a exploração do solo correspondeu a uma atividade importante para os habitantes da região até meados do século XX.

O enorme surto construtivo da capital paulistana estimulou a fabricação de materiais de alvenaria, além de pedregulhos e areias que poderiam ser extraídos do maior rio paulista e seus tributários. Na década de 1940, Aroldo Azevedo observava:

Toda essa produção se destina ao consumo da metrópole bandeirante, cuja febre de construções continua, apesar dos problemas criados pela guerra. Esta em nada afetou as atividades das olarias da Penha; ao contrário, não há mãos a medir para atender as necessidades do consumo (AZEVEDO, 1945, p.83).

No entanto, esse pequeno desenvolvimento é inexpressivo frente ao processo desencadeado com a implantação da Cia. Nitro Química Brasileira na década de 1930. Até a chegada da companhia, São Miguel, segundo a análise de Azevedo (1945), constituiu-se como um “deserto de homens”, quase arraial. A pobreza do solo da região e a dificuldade de transportes que ligassem o bairro e o centro da cidade traduziam-se em um profundo isolamento. O geógrafo atribui os problemas de comunicação do bairro à característica geográfica da área de São Miguel, na qual o autor inclui Ermelino Matarazzo e Itaim Paulista, que tem mais da metade de sua área ocupada pela várzea do Tietê, especialmente hostil para o transporte animal.

Essa hostilidade das várzeas e, quem sabe, a presença de aldeamentos de índios servem de justificativa para o fato de não haver sido a região uma zona de passagem para os que transitavam entre a Paulicéia e o Vale do Paraíba (...)

Por sua característica instabilidade, a grande várzea do Tietê não poderia servir de via de passagem obrigatória; aliás, quando se lê um livro de SAINT-HILLAIRE, pode-se fazer idéia exata do que esses brejos significavam para os que deveriam atravessá-los. Daí ser preferida a via meridional, embora mais acidentada, e que também foi utilizada, mais tarde, pela estrada de ferro (AZEVEDO, 1945, p142-143, grifo nosso).

rio começam a ser minimizados e a região de São Miguel passa a se enquadrar, em definitivo, dentro da dinâmica urbana paulistana. A rodovia é, sem dúvida, um marco da expansão urbana da periferia paulistana do setor leste; em São Miguel, a via cortava o bairro e o colocava no principal circuito comercial interestadual, pois ligava os dois grandes centros constituídos: São Paulo e Rio de Janeiro.

Em 1920, a estrada de São Miguel, já existente como simples caminho vicinal, foi em parte aproveitada pela Rodovia São Paulo – Rio de Janeiro. Uma artéria que o tempo encheu de importância, passou a atravessar a planície aluvional, ao pé das colinas do terciário (AZEVEDO, 1945, p143-144).

As melhorias se completam com a implantação em 1932 da Variante da Estrada de Ferro Central do Brasil também conhecida como Variante de Poá ou Variante de Calmon Vianna. Hoje, aproveitada pela Companhia de Trens Metropolitanos (Linha 12 da CPTM), ainda é a via mais utilizada pelos que habitam ou trabalham na região e uma das mais movimentadas da rede. A Rodovia São Paulo-Rio (que corre quase paralela à Variante de Póá) e a Linha Tronco da E.F.C.B. construíram os dois eixos de expansão da metrópole em direção leste.

A instalação da Nitro Química Brasileira, associada as melhorias de comunicação com o centro de São Paulo são fatores, não únicos, porém decisivos para a efetiva ocupação de São Miguel Paulista. Com a implantação da indústria, em 1935, inicia-se uma nova fase de crescimento populacional devido, principalmente, à chegada de um enorme contingente de migrantes nordestinos, em busca de oportunidades de emprego na indústria recém instalada.

Nas palavras de Marcovitch (2005, p. 246):

A construção da Nitro Química alterou profundamente a aparência de São Miguel Paulista, um dos arrabaldes mais antigos e tranquilos da capital paulista, mencionado desde o século XVI. A chegada da grande indústria abria não só a possibilidade de empregos diretos e indiretos como a de moradia própria, pois prosperavam os loteamentos de toda espécie. O bairro logo se converteu em pólo de atração de migrantes nordestinos, recebendo o apelido de "Bahia Nova". Somente em seus dois primeiros anos de funcionamento (1935-1937), o número de moradores saltou de duzentos para setecentos.

Figura 23- Mapa de urbanização da cidade de São Paulo entre 1940 e 1952.
Fonte Emplasa e Secretaria de Desenvolvimento de São Paulo (2012^a), adaptado por Tonaki.

Cabe ressaltar que São Miguel já havia sido destino de migrantes nordestinos em busca de trabalho nas olarias durante o século XIX. No entanto, é durante o século XX que a tendência se firma, migração que, por vezes, teve ação direta da própria Companhia Química, que chegou a enviar caminhões e representantes para arregimentar mão de obra nos estados da região Nordeste, segundo relatos de antigos trabalhadores.

Eles [os migrantes nordestinos] encontravam facilidade de chegar à Nitro Química com a construção da Estação de trem de São Miguel em 1939, pois o migrante saía da estação e já estava ao lado da fábrica, fazia a documentação e começava a trabalhar no dia seguinte, conforme relata o Sr. Xavier (um olhar sobre São Miguel (1622-2006), 2006, p.19).

Conforme a análise de Azevedo (1945), até a década de 1950, a ocupação de todo o subúrbio leste paulistano caracterizava-se pelo predomínio de pequenos núcleos de povoamento esparsos, com exceção da Penha (devido à proximidade com o centro) e dos núcleos ao longo da Rodovia São Paulo-Rio e da Variante da Central do Brasil, ou seja, Jardim Matarazzo (hoje Ermelino Matarazzo), Itaim Paulista e São Miguel. A construção de vilas operárias e equipamentos de suporte ao trabalhador erguidos pela Companhia Nitro Química em meados da década de 1930 somam-se à presença das duas importantes vias como fatores de ocupação e adensamento.

A chegada do contingente migrante atraído pela indústria contribuiu decisivamente para o desenvolvimento urbano do bairro. A ocupação de São Miguel, até então dispersa, passou a se concentrar nas imediações da C.N.Q.B., parte como consequência das vilas construídas pela empresa como suporte às atividades de produção e manutenção, parte pelas habitações construídas por iniciativa particular, loteamentos clandestinos ou não, visando os trabalhadores não contemplados com as casas das vilas.

Basta caminhar algumas dezenas de metros, além desse núcleo de velharias, para que uma outra “cidade” apareça aos nossos olhos. São os bairros novos, de traçado preestabelecido, com suas habitações em estilo moderno, uma vida ativa, que se patenteia no elevado número de casas comerciais e no movimento das ruas. Não longe da estação, está a Vila Nitro-Química, que é prolongada, em direção ao sul, pela Vila Americana. Do outro lado da via férrea, já na várzea do Tietê, encontra-se a chamada Cidade Nitro-Química, destinada à população operária e continuada, para leste, pelo Parque Paulistano, ainda em formação. Na várzea do Itaquera, ao longo da Rodovia São Paulo- Rio, outras “vilas” operárias também existem: a Cidade Nitrooperária, a Vila Curuçá. Todos são núcleos de formação recente, resultante da instalação ali dos estabelecimentos da Companhia Nitro-Química Brasileira (AZEVEDO, 1945, p.133).

Capítulo 03
A ORGANIZAÇÃO
ESPACIAL

Um dos prédios da fábrica.
Fonte: Memória Votorantim [195-?]

3.1 A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL

No momento de instalação da Cia. Nitro Química (1935) a indústria tinha importância quase nula nos bairros da região leste de São Paulo; as poucas existentes concentravam-se basicamente na Penha em virtude do contato mais direto com o centro urbano e conformavam-se como uma continuidade natural da zona já industrial da cidade (Brás, Móoca, Belenzinho, etc.).

Até a construção da Rodovia São Paulo-Rio, as poucas unidades fabris situaram-se, sem grande destaque, no setor meridional da região pela presença da Linha Tronco da E.F.C.B. A Cia. Nitro Química foi a primeira indústria a instalar-se no setor norte do extremo leste paulistano. Em 1941, inaugurou-se a segunda grande indústria da região, a Fábrica Celosul, pertencente às Indústrias Reunidas Matarazzo. Assim como a Votorantim e a Klabin, a Matarazzo possuiu diversos conjuntos de moradias operárias associadas às suas fábricas e teve sua origem em Sorocaba por volta de 1881. A Celosul também construiu uma pequena vila nas imediações da Estação de Ermelino Matarazzo, distando poucos quilômetros da Nitro Química, mas de dimensões muito menores que o conjunto de São Miguel.

O afastamento de indústrias para áreas rurais e periferias dos grandes centros urbanos estabelecidos deve-se ainda às necessidades intencionais de maior controle e gestão do corpo operário, isoladamente, longe dos “perigos” da cidade, onde ideias subversivas pudessem insuflar revoltas ou greves.

Dando continuidade à prática de construção de vilas operárias pela Votorantim e Klabin, concomitantes à instalação da fábrica foram erguidas as primeiras habitações dos dois¹⁹ conjuntos residenciais da empresa (a Vila Americana e Cidade Nitro

¹⁹ Aroldo Azevedo em sua tese escrita em 1945 (AZEVEDO, Aroldo E. de. Subúrbios Orientais de São Paulo. Tese de Concurso à Cadeira de Geografia do Brasil. FFLCH-USP, São Paulo, 1945) cita pelo menos quatro vilas operárias em São Miguel (ver citação na p.50-51), no entanto, nosso levantamento realizado no Acervo da Divisão do Arquivo Municipal de Processos MDGDP-2 da Secretaria Municipal de Planejamento Orçamento e Gestão, relativos aos processos da empresa, constatou apenas duas grandes vilas pertencentes à C.N.Q.B. denominadas: Americana e a Cidade Nitro Química, também as únicas que constavam das plantas do Plano Geral da Cia Nitro Química. Isso nos colocou três hipóteses: a primeira seria de uma confusão sobre a denominação dessas vilas, pois trechos da mesma vila podem ter recebido denominações populares diferentes das oficiais da Nitro Química, sem que se configurem quatro vilas separadas. A segunda é a de que Azevedo, no referido parágrafo, tenha se referido às quatro vilas operárias não como exclusivamente pertencentes à Nitro Química, mas como vilas voltadas para habitação de trabalhadores. Conforme colocado por Correia (2001, p. 84) “Sob a denominação ‘vila operária’, eram reunidas, até os anos 30, as experiências mais diversas:

Química), que marcariam a chegada da modernização à antiga São Miguel Paulista.

As unidades da Nitro Química buscavam conservar, abrigando nestas vilas, os empregados essenciais ao funcionamento da companhia.

Considerando o processo de industrialização do país, incipiente até meados dos anos 1930, pode-se dizer que no caso do setor químico as dificuldades da obtenção de mão de obra eram ainda maiores devido à complexidade e periculosidade do processo produtivo e no trato com os componentes químicos. O Brasil não contava, à época, com mão de obra nem experiente nem especializada no setor químico, muito menos com uma perspectiva de formação desse tipo de profissional dentro do âmbito acadêmico. O fato foi, inclusive, apontado pelo ex-diretor Fábio Ravaglia, no texto anteriormente citado, como um dos fatores da decadência da Nitro Química. A empresa tentou suprir essa carência de profissionais especializados também através da formação de seus próprios profissionais por escolas próprias da empresa conforme será apontado mais adiante.

A opção pela construção das vilas simultâneas às instalações fabris iniciais justifica-se, entre outros fatores, pela necessidade de abrigo dos técnicos estrangeiros responsáveis pela remontagem dos equipamentos e treinamento dos primeiros operários, que levaram cerca de dois anos e meio antes do início efetivo do funcionamento da companhia.

Todo o processo, inclusive treinamento de mão de obra local, demorou cerca de dois anos e meio. Foram trinta meses de trabalho, que permitiram o ingresso do Brasil na produção de uma série de produtos químicos para uso industrial [...]

A montagem da Cia. Nitro Química Brasileira, o início de sua produção e o treinamento de pessoal brasileiro, teve a colaboração de cerca de 50 cidadãos americanos: engenheiros, químicos, chefes mecânicos e elétricos e operários especializados, todos ex funcionários da Turbize. (RAVAGLIA, 1988, p.3)

conjuntos construídos por empresas imobiliárias para aluguel ou venda para proletários urbanos, por empresas ferroviárias para seus funcionários, por indústrias, por minas, frigoríficos e usinas para seus operários, técnicos e administradores, e pelo Estado.” A terceira seria a de que os processos arquivados pela Prefeitura do município de São Paulo estejam incompletos, o que cremos improvável, dado à função dos processos como documentos oficiais, e porque a pesquisa abrangeu um período bastante amplo sem que se tenha constatado nada que levasse a crer na existência de duas outras vilas ligadas à empresa. Há ainda relatos de moradores sobre a existência de uma outra vila da Nitro Química conhecida como Vila dos Guardas de localização imprecisa. Nesta pesquisa também não encontramos nenhum material que comprovasse sua existência.

Em todo o caso, deve-se ressaltar que, seguindo a lógica de implantação de vilas operárias em cidades no Brasil, tanto na Vila Americana quanto na Cidade Nitro Química as casas não visavam atender a todos os funcionários, mas somente aqueles cujo papel fosse fundamental à empresa.

A criação de subterfúgios que fixassem os operários especializados na empresa era condição à viabilidade do empreendimento. Historicamente, vilas e núcleos tiveram a atração e fixação de trabalhadores como uma condição primeira à sua adoção por empresas. Ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX mostrou ainda uma série de outras vantagens à indústria, como possibilidade de controle e disciplinarização dos operários e recuperação de parte dos investimentos.

Blay é enfática ao afirmar que o problema da habitação não decorre de um simples desequilíbrio entre oferta de imóveis e população consumidora, mas é muito mais complexo, com implicações sociais, econômicas e políticas, que se alteram conforme o período histórico e à classe social destinada (BLAY, 1978). Morar em uma casa da empresa representa um vínculo que extrapola os muros das fábricas, interferindo diretamente no cotidiano e nos modos de vida do trabalhador e sua família.

A moradia era um fator de atração para os escassos trabalhadores qualificados necessitados pela indústria. Mas ao entrar nesta engrenagem ela não só vendia seu trabalho como as possibilidades de obter um valor mais alto pelo mesmo. A moradia enraizava o trabalhador a uma dada empresa, evitava o "turnover", e provavelmente reduzia suas possibilidades de lutar pelos próprios interesses. Perder o emprego representava perder a casa.

Do ponto de vista da empresa, a habitação era uma fator de pressão sobre os operários. E além deste aspecto, que certamente é o mais importante, ainda representava um investimento imobiliário cujo capital retornava inúmeras vezes aumentado na forma de aluguéis pagos pelos operários (BLAY, 1978, p.79).

Até a década de 1940, sem uma ação estatal efetiva no sentido de criação de habitações para as classes menos favorecidas, os cortiços que dominaram a paisagem urbana paulistana, ao longo de todo o século XIX ainda eram a principal forma de moradia popular. As vilas e núcleos fabris surgem neste contexto como alternativa de combate ao grave problema urbano, espaços de moradia exemplar, base da edificação de um novo indivíduo. "Em meio ao mundo caótico onde vivia o pobre, as vilas surgem como ilhas de

ordem e bem estar”, uma das razões pelas quais foram celebradas pela imprensa, meio intelectual e, por vezes, incentivadas por governos, que também chegou a adotar este procedimento em algumas estatais²⁰ (CORREIA, 1998a, p.10).

A ocupação promovida pela empresa em São Miguel seguiu uma tendência verificada em projetos de vilas operárias e núcleos fabris a partir de 1930, de maior participação de profissionais na concepção dos projetos de arquitetura e organização territorial (CORREIA, 1998a). O conjunto da Nitro Química obedeceu a um plano geral de ocupação, apesar de não ter sido possível verificar a autoria deste projeto urbano, apenas dos equipamentos da empresa (atribuídos a Vicente Russo, Arthur José da Nova e Marcelo Milliet Kiehl) e de algumas das casas (Marcelo Milliet Kiehl).

O plano consistia na criação do que convencionamos chamar de 03 setores distintos: os terrenos de funcionamento das fábricas e as duas vilas operárias: Vila Americana – dividida em trecho A e B- e Cidade Nitro Química.

3.1.1 AVENIDA PRINCIPAL

Escolhido o terreno em São Miguel, a companhia deu andamento aos trâmites de transferência da fábrica americana e simultaneamente à preparação do sítio onde seria instalada a nova fábrica. Dentre as primeiras ações estava a modificação no trajeto da antiga Estrada de Arujá, uma antiga via vicinal utilizada por tropeiros para o Vale do Paraíba; ela saía da Sé, passando por Brás, Penha e Arujá até chegar ao Rio de Janeiro e dividia os terrenos destinados à fábrica.

O projeto de alteração da via foi totalmente elaborado pela empresa e o novo trecho foi doado à municipalidade. Do projeto arquitetônico de modificação da referida estrada constam os seguintes dizeres:

Escriptura de permuta – com seguintes condições. 1) Cia Nitrochimica Brasileira se obriga a entregar a municipalidade a área de terreno do novo leito da estrada completamente nivelada e regularizada, prompta para ser entregue ao transito publico, à sua custa e construir a passagem superior sobre E.F.C.B. 2) indenizar qualquer prejuízos que por acaso possam advir a terceiros, com supreção da estrada (trecho AB), ficando sob sua exclusiva responsabilidade a solução de todas as reclamações que surgirem.²¹

²⁰ A citar alguns exemplos: Real Fábrica de Pólvora (RJ), Fábrica de Ferro de Ypanema (SP), implantadas ainda durante o período Imperial Brasileiro e Companhia Siderúrgica Nacional (RJ) de 1945.

²¹ Processo 73421 de 1935 (MDGDP-2)- "Alvará de Reforma".

É a única menção à passagem sob os trilhos que identificamos, mas de extrema importância, pois ajudou-nos a confirmar a suspeita de que ela também foi projeto da Cia. Nitro Química. O guarda corpo do pontilhão com vãos hexagonais vazados coloca a adesão da empresa à linguagem Art Déco e reafirma uma característica das indústrias com vilas e núcleos fabris, a de grande intervenção no espaço urbano.

Figura 24- Passagem elevada e escadaria.
Fonte: Memória Votorantim (1942).

Figura 25- Passagem elevada e escadaria.
Fonte: Tonaki (2013)

Com o novo traçado o fluxo vindo do centro de São Paulo chegava pela Estação de São Miguel ou passava pela frente dela (portanto, tangenciando a Vila Americana), atravessava os trilhos pela passagem elevada, seguia contornando a fábrica - evidenciando os muros, tangenciava também a outra vila, a Cidade Nitro Química, e seguia em direção ao Alto Tietê – Rio de Janeiro.

Ainda hoje, chegando-se à plataforma de embarque de trens da Estação de São Miguel da CPTM é possível observar os muros da empresa onde se localizava a primeira entrada dos funcionários da indústria, a chamada "Portaria das Contas" que foi inaugurada em 1941 e ampliada um ano depois. O acesso à companhia pelos funcionários dava-se por uma escadaria perpendicular à passagem elevada da nova estrada de Arujá (hoje, Av. Dr. Arthur José da Nova), passava paralelamente à Estação de São Miguel até a portaria.

Figura 27 - Vista aérea da C.N.Q.B., Vila Americana e Estrada do Arujá em 1938.
Fonte: Memória Votorantim [195-?], adaptado por Tonaki (2013).

Em 1950 esta portaria foi desativada e substituída por outra maior, a Portaria "A". Localizada logo após a curva onde se localizava a plataforma elevada e escadaria, ela concentrava acesso de funcionários e produtos.

Dessa maneira, em meados de 1950 (período áureo da C.N.Q.B.) completou-se a nova Estrada de Arujá como avenida principal da empresa. Os gradis de arame que cercavam a fábrica foram substituídos pelos muros de ornamentação Art Déco. O ritmo dos elementos verticais escalonados dos muros da empresa marcava o longo percurso pela via. Este trajeto colocava em evidência a grande Portaria "A", a extensão dos terrenos da empresa e os equipamentos notáveis dela, na sequência: Clube de Regatas, Berçário, Escola SENAI, Restaurante e Delegacia. Aquele que entrasse na empresa encontraria à esquerda, ainda, o Ambulatório.

A criação de uma via com essas características denota o interesse da empresa em demonstrar a monumentalidade de seu conjunto fabril, despertando respeito e admiração em visitantes e funcionários.

O percurso por esta avenida permitia o acesso direto à fábrica sem, necessariamente o cruzamento por dentro das duas vilas implantadas pela empresa. Ao mesmo tempo, situava os equipamentos em posição intermediária entre as Vilas Americanas e Cidade Nitro Química, mas fortemente vinculados à fábrica, sob sua constante vigilância e controle.

Não apenas a nova Estrada de Arujá foi construída pela Nitro Química e doada para o município mas também o arruamento das vilas. Uma pequena nota do Nitro Jornal (Ano 01, N.2. São Paulo, Fevereiro de 1953) revela a doação de material para outras pavimentações no bairro:

Dos 21.700 metros quadrados de pavimentação, feitos em São Miguel Paulista, 17.700 a Prefeitura fez o serviço de mão de obra, e a Cia. Nitro Química Brasileira deu todo o material necessário posto no local. Os 4.000 mts.2 restantes foram feitos por iniciativa particular, ficando 2.000 mts.2 por conta dos proprietários e 2.000 m.2 por conta da Fábrica" (NITRO JORNAL, 1953, p.04).

Figura 28 – Vista aérea da C.N.Q.B. e equipamentos. Fonte: Memória Votorantim , adaptado por Tonaki (2013).

* Nesta imagem Berçário, Escola SENAI, Refeitório e Ambulatório já se encontram bastante modificados em relação aos projetos iniciais, mas é possível vislumbrar a sequência de edifícios monumentais.

3.1.2 VILA AMERICANA

A hierarquia entre as vilas como resposta aos profissionais para os quais se destinavam é clara nos exemplares de São Miguel, expressa tanto pelas características das habitações quanto na organização espacial das vilas.

A diferenciação é comum nas experiências de vilas e núcleos fabris no Brasil. Na Vila Americana os lotes e casas eram maiores, de melhor qualidade construtiva e as quadras posicionadas com maior importância na estrutura urbana – situadas logo à frente da Estação Ferroviária (o principal meio de acesso ao bairro) e com ligação direta para a Capela de São Miguel Arcanjo²².

A Vila Americana se conformava em dois trechos distintos a que denominados A e B. O primeiro era composto por 13 quadras completas e 05 trechos de quadras; o segundo surgia pela alteração na morfologia, que tornava traçado e quadras regulares, formando 06 quadras completas e 04 trechos de quadras.

Diferente da Cidade Nitro Química de organização ortogonal e monótona, na Vila Americana há maior cuidado com a qualidade espacial. Como o nome sugere, a Vila foi destinada aos cerca de 50 profissionais americanos que vieram dar suporte técnico à implantação da empresa e que permaneceram em São Miguel apenas nos seus primeiros anos de funcionamento.

Com a saída dos americanos em 1939, as residências desta vila foram ocupadas por brasileiros, mas a diferença hierárquica foi mantida e justificada pela dimensão e padrão das casas. A Vila Americana continuou a abrigar funcionários de cargos elevados (dirigentes e técnicos especializados) e a Cidade Nitro Química os de cargos intermediários. Para as duas vilas foram adotados bangalôs em casas térreas, sobrados e casas isoladas e geminadas, conforme será comentado mais adiante.

A inspiração do ideário cidade-jardim surge no trecho A da Vila Americana

²² A presença de igrejas e capelas foi frequente em vilas e núcleos, cumprindo, tal como a escola, papel na disciplina e construção de valores morais e familiares. Provavelmente este seja um reflexo da herança colonial brasileira, quando a religião foi utilizada como instrumento de “civilização” do escravo. Na Nitro Química encontramos os equipamentos mais recorrentes relacionados à saúde, alimentação e lazer. Causou-nos estranhamento, inicialmente, a exclusão da igreja neste empreendimento, o que supomos, pode ter ocorrido pela proximidade com a Capela de São Miguel. Excluímos desta hipótese a ideia de desinteresse da empresa por um equipamento deste tipo pois outras fábricas dos principais sócios, Votorantim e Klabin, inclusive das décadas de 1940 e 1950 como a Companhia Brasileira de Alumínio e a Indústria Klabin do Paraná de Celulose tiveram igrejas.

Figura 29- Planta da Vila Americana em meados de 1940.

Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2), adaptado por Tonaki (2013).

pelo traçado semicircular e pela presença de jardins nas casas.

É também da Klabin Irmãos e Cia a principal proposta de vila operária vinculada ao modelo cidade-jardim. Como parte dos empreendimentos da Família Lafer-Klabin no setor de papel que já contava com importantes unidades em Salto de Itú (Fábrica de Papel Paulista) e São Paulo (Companhia Fabricadora de Papel), a Indústria Klabin do Paraná de celulose (IKPC) foi implantada na década de 1930, quase simultaneamente à instalação da Nitro Química, visando abarcar todas as etapas de produção do papel em uma única unidade. No Paraná, a IKPC implantou-se em uma área imensa, com mais de 150 mil hectares, constituindo-se na maior fábrica de papel da América Latina durante vários anos. A empresa chegou a abrigar, em meados de 1950, cerca de 14.000 funcionários, exercendo uma atração populacional importante no processo de ocupação da área, assim como ocorrera com a Nitro Química. Em 1946 entrou em funcionamento amparada por um ampla organização social, composta por três grandes núcleos fabris (Lagoa, Mauá e Harmonia), diversos núcleos pequenos (sem organização definida, semelhantes à assentamentos provisórios) e equipamentos diversos de uso coletivo dos funcionários. Os três núcleos habitacionais adotaram o modelo espacial baseado na cidade-jardim: “baixas densidades, ruas com vegetação densa e gramados, algumas se conformando segundo curvas suáveis, casas com jardins, parques e praças.” (CORREIA, 1998b, p.11). O caso mais claro fica por conta de Harmonia, último dos grandes núcleos implantados pela fábrica, porém o maior deles, que chegou a abrigar 6.000 moradores, direcionado aos funcionários mais graduados e/ou essenciais ao funcionamento da empresa. Nas quadras centrais de Harmonia situavam-se edifícios não habitacionais, destinam-se aos hotéis, comércio e serviços. Em ambos, as quadras centrais servem como cartão de visita do núcleo, foco de sociabilidade e deslocamentos. A fábrica do Paraná é importante como exemplo de ressonância das ideias de Cidade Jardim em solo brasileiro²³.

²³ As ideias urbanísticas concebidas por Howard baseadas na combinação cidade-campo popularizou-se rapidamente após a publicação do célebre livro *Garden Cities of To-Morrow* em 1898 e extrapolam o caráter formal urbanístico, aproximando-se também de formulações de cunho político/social ao preconizar o sistema cooperativista entre os habitantes. Baseado na fusão entre as vantagens oferecidas por campo e cidade, Howard concebe a criação de cidades como unidades autônomas, de crescimento limitado (cidade central até 58.000 hab. e cidades satélites até 32.000 hab.) interligadas formando federações de cidades jardim, com morfologia coerente com a topografia, uso extensivo de arborização e gramados e ocupações de baixa densidade. *Howard viu – como Kropotkin ao mesmo tempo proclamou – um casamento entre a cidade e o campo,*

Os postulados cidade-jardim no Brasil foram, segundo Correia (1998b, p.11), “utilizados com frequência em núcleos construídos por empresas estatais do setor de energia, tais como Paulo Afonso, na Bahia, General Osório e Itaipu no Paraná, etc.” Além de usado em cidades como Maringá (PR), Cianorte (PR) e etc.

As formulações de Ebenezer Howard devem ser entendidas a luz das preocupações sanitárias e sociais que dominavam os debates acerca das cidades no século XIX e meados de XX, das quais a criação de vilas e núcleos operários são também partidárias²⁴.

Neste contexto também se têm o auge das propostas de cidades empresarias. Ebenezer Howard, assim como os empresários que adotaram a criação de moradias para funcionários tem na questão sanitária um forte ponto de preocupação. Em Howard a afirmação sobre um dos intuitos de sua proposta: “Numa palavra, visa-se elevar os padrões de conforto e saúde de todos os verdadeiros trabalhadores de todos os níveis.” (HOWARD, 1902, p.114). Em vilas operárias e núcleos, o oferecimento de casas “salubres, higiênicas” foi uma premissa incontestável e largamente utilizada como propaganda do empreendimento, o que talvez ajude a explicar a aplicação deles tanto no Brasil, quanto em diversos outros países tão diversos culturalmente.

da saúde rústica e sanidade e atividade e conhecimento urbano, facilidades técnicas urbanas, cooperação política urbana. O instrumento era a Cidade Jardim. (MUNFORD, 1965, p34)

²⁴ A preocupação com os rumos da cidade pós-advento da Grande Indústria é clara no discurso de Howard e seus discípulos, responsáveis pela difusão do ideário e pela concretização das primeiras cidades e subúrbios jardim, como Raymond Unwin e Barry Parker. Com a proposta de cidades jardins, Howard buscava a reorganização das agora superpovoadas cidades, assombradas pelo fantasma das multidões, da sujeira, da doença e da feiura das metrópoles, que tinham em Londres seu símbolo máximo. A busca pela retomada das vantagens do contato com a natureza, associadas às das cidades corroboram com as representações negativas do meio urbano no século XIX; espaços fascinantes de progresso, porém capazes de corromper seus moradores e onde as más condições de vida predominavam. “Mas nem o imã da cidade nem o do campo representam todo o plano e as finalidades da natureza. A sociedade humana e as belezas naturais foram criadas para serem fruídas em conjunto. Os dois imãs devem fundir-se num só. Do mesmo modo que o homem e a mulher complementam-se por seus variados dons e capacidades, assim deve ser a cidade e o campo. A cidade é o símbolo da sociedade – da ajuda mútua e da cooperação amigável, da paternidade, da maternidade, da fraternidade, da sorosidade, de amplas relações entre os homens, de largas e expansivas simpatias, da ciência, da arte, da cultura, e da religião. E o campo! O campo é o símbolo do amor e do zelo de deus pelo homem. Tudo o que somos e o que temos vem de lá [...] O campo é a fonte de toda a saúde de toda a riqueza, de todo o conhecimento. Mas ao homem não foi revelado conhecê-lo na plenitude de sua alegria e sabedoria, e isso nunca poderá ocorrer enquanto perdurar essa infeliz e anti-natural separação entre sociedade e natureza. Cidade e campo devem estar casados. E dessa feliz união nascerá uma nova esperança, uma nova vida, uma nova civilização. (HOWARD, 1902, p.110)”

Em 1902, Howard, determinado a construir uma cidade jardim, funda a Associação de Cidades Jardim (Garden City Association), conforme Crawford (1995, p. 70), buscando “mobilizar apoio político e financeiro”. Entre os primeiros associados estavam George Cadbury e William Lever, industriais responsáveis respectivamente por núcleos fabris europeus que adotaram padrões urbanísticos associados ao modelo cidade jardim. Cadbury foi responsável por Bromborough Pool (construído a partir de 1894 para a Fábrica de Chocolates Cadbury) e Lever por Port Sunlight (criado em 1888 pela indústria de sabonetes Lever), ambos considerados pela historiografia existente como antecipações das cidades jardim.

Crawford (1995, p.70) relata que assim como outro industrial responsável pela criação de um grande núcleo fabril americano George Pullman²⁵, Lever e Cadbury “davam prêmios [para os moradores das residências] por ordem, limpeza e beleza e não hesitavam em impor suas preferências aos seus funcionários”. Nos empreendimentos da Klabin e da Votorantim, o zelo das habitações e espaços comuns também era exigido.

[...] gramados e canteiros bem cuidados, prédios bem conservados, praças e ruas limpas. O cuidado com o espaço público, aliado ao conforto das casas, parece central na estratégia da empresa de compensar a carência de atrativos das cidades maiores e com isso segurar os funcionários graduados no local. A ordem destes espaços é por outro lado, perfeitamente coerente com a disciplina fabril (CORREIA, 1998b, p.11).

As similaridades reforçam o diálogo entre o ideário de Howard e algumas vilas e núcleos construídos por empresários para abrigo de funcionários. Nas palavras de Crawford (1995, p.72): "Apesar das importantes diferenças sociais e econômicas entre a cidade empresarial e a cidade jardim, esta conexão estabelece uma poderosa ligação institucional entre os dois tipos de cidade".

Apesar das proximidades, vilas e núcleos, via de regra, atendem interesses empresariais de acumulação, produtividade e gestão dos operários, que em nada lembram o cooperativismo e o espaço de democracia e liberdade preconizados por Howard em 1898.

Um novo sentimento de liberdade e alegria invade o coração das pessoas,

²⁵ George Pullman foi responsável por um dos núcleos americanos mais famosos no século XIX, que chegou a contar com 12.000 moradores funcionários da fábrica. O industrial ficou conhecido pela rigidez do controle patronal exercido sobre o cotidiano de seus funcionários.

quando são despertadas suas faculdades individuais, e elas descobrem, numa vida social que permite tanto a mais completa associação quanto a total liberdade individual, os meios há muito almejados de reconciliação entre ordem e liberdade, entre o bem estar do indivíduo e da sociedade (HOWARD, 1902, p.196).

Ambos os empreendimentos (IKPC e Nitro Química) são contemporâneos e guardam diversas semelhanças na forma de gestão do corpo operário; mas no caso da segunda, o aspecto urbanístico das vilas implantadas não atingiu o grau de desenvolvimento da primeira. Neles, no entanto, a arquitetura das moradias ressalta a preocupação dos dirigentes com a apresentação do empreendimento e salubridades das casas, embora a preocupação higiênica não se efetivasse dentro dos edifícios fabris, pois ambos envolveram atividades de grande perigo e baixas condições de salubridade no trabalho.

As preocupações higiênicas foram uma constante nas propostas de vilas e núcleos de empresas em todo o mundo e, no Brasil, ajudam a justificar a aceitação, incentivo governamental e popularidade dos empreendimentos em todo país, em especial nos grandes centros urbanos onde os efeitos da concentração populacional rápida, que marcou o século XIX, foram mais acentuados e atingiram níveis críticos.

3.1.3 CIDADE NITRO QUÍMICA

Assim como a Americana, a construção da Cidade Nitro Química no momento de instalação da empresa atendeu à necessidade de proximidade dos trabalhadores com a fábrica, em especial daqueles com funções essenciais para o seu funcionamento. Na Nitro Química há de se considerar que o primeiro setor a entrar em funcionamento foi o de Ácido Sulfúrico, cujo funcionamento era de 24 horas por dia.

Diferente da Vila Americana, a Cidade Nitro Química tinha traçado ortogonal bastante rígido. O projeto urbanístico previa a construção de 594 lotes em 20 quadras; no entanto, foram implantadas apenas cerca de 295 lotes nas dez quadras mais próximas à Estrada de Arujá, provavelmente por ser um eixo de maior visibilidade e com maior facilidade de acesso. Seguindo um recurso bastante comum em ocupações de áreas vazias, as novas casas agrupavam-se no entorno das já construídas e assim progressivamente.

A organização da Cidade Nitro Química faz alusão ao Neighborhood Unit (unidade de vizinhança), conceito elaborado nas primeiras décadas do século XX pelo planejador Clarence Arthur Perry (1872-1944) buscando aliar vivência em comunidade e planejamento urbano.

A concepção de Perry estabelece uma escola primária como equipamento central e delimitador espacial de um trecho urbano a que denominou unidade de vizinhança. Esse núcleo residencial se estenderia até o ponto em que sua população não ultrapassasse a capacidade de atendimento da escola. Os limites da unidade seriam vias de trânsito rápido para facilitar o tráfego e a comunicação extra núcleo, mas de maneira a resguardar a parte residencial, tangenciando-o, e não sendo atravessada por eles (MCLEAN, 1959).

A localização de escola e quaisquer outros serviços destinados à unidade deveriam ser de fácil acesso a todos, por isso o foco na posição central das unidades. Na Nitro Química este papel era desempenhado pela Escola do Divino Trabalhador.

Apesar de no caso da Cidade Nitro Química o limite da vila não se dar exclusivamente por vias de trânsito rápido como comum em unidades de vizinhança, o "isolamento" permanece como uma de suas características. A vila é delimitada por uma via de tráfego rápido (Estrada de Arujá), pelos terrenos da fábrica e rio Tietê. A criação de uma sequência de lotes quase ininterruptos com frente voltada para o centro do conjunto, como a formar uma barreira acentua a característica.

A unidade de vizinhança recomendava ainda a criação de espaços abertos como pequenos parques ou espaços de recreação que também estariam presentes caso a Cidade Nitro Química tivesse sido implantada em sua totalidade.

As ideias de Clarence Perry aproximam-se em alguns pontos das de Ebenezer Howard, Clarence Stein e Idelfonso Cerdá, basicamente em se tratando de definição de limites populacionais, hierarquia viária e recuperação das relações próximas entre membros de uma mesma vizinhança ou comunidade. E de fato, foram contemporâneos e tiveram em comum a busca maior por organizações habitacionais alternativas ante o crescimento acelerado das metrópoles. Não à toa reverberam em vilas e núcleos de empresas também no Brasil, que historicamente se apresentaram como solução habitacional.

Figura 30- Cidade Nitro Química delimitada pela Estrada de Arujá, os terrenos da empresa e o rio Tietê. Nesta imagem é possível observar as quadras que foram ocupadas.

Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

Figura 31- Cidade Nitro Química. Em destaque a Escola.

Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2), adaptado por Tonaki (2013).

Figura 32- Cidade Nitro Química. Em destaque a Escola.

Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2), adaptado por Tonaki (2013).

A rapidez do crescimento populacional de São Miguel Paulista iniciado por volta dos anos 1930, a exemplo do que já havia acontecido nas áreas centrais de São Paulo, não foi acompanhada de melhorias na infraestrutura urbana; o que só acentua a importância das ações assistencialistas da Companhia Nitro Química e o oferecimento das habitações operárias e equipamentos erguidos pela empresa, conforme conclui Fontes (1998), num dos raríssimos trabalhos que citam a fábrica.

A Nitro Química imprimiu melhorias urbanas importantes em São Miguel Paulista. Conforme observou Azevedo (1945, p. 133):

Algumas dessas “vilas” [as vilas da Nitro Química] dispõem de vantagens que outros muitos subúrbios não conhecem; é o caso da água encanada e da luz elétrica, além de centros de recreação e assistência (estádio, clube, berçário, restaurante etc.), fatos que servem para reforçar os contrastes existentes na região [...]

Tal impressão agradável é diminuída quando se entra em contacto com a população e passa-se a conhecer os seus problemas. Sem falar na inexistência de ruas calçadas, um dos elementos que mais prejudicam o lugar é a falta de luz elétrica; daí o uso generalizado das lâmpadas de querosene e a impossibilidade de instalação de indústrias importantes. Outro problema existente é o da água e esgotos, aliás, geral para todos esses subúrbios [zona leste de São Paulo]; a água é obtida em poços, que chegam a ter 18 e 20 metros de profundidade, sendo retirada muitas vezes por meio de bombas acionadas pelo vento, o que acaba por dar à vila uma fisionomia própria, em virtude do elevado número de seus moinhos de vento (AZEVEDO, 1945, p. 103-104, grifo nosso).

Associadas a extensão dos benefícios para funcionários, as edificações da Nitro Química (fábricas, vilas e equipamentos) contribuíram para a popularização da empresa como “dona do bairro”, uma noção ainda hoje presente para antigos e novos habitantes de São Miguel. A ideia da fábrica como proprietária do bairro sustenta-se não apenas pela influência que estes empreendimentos exerceram nas regiões onde se instalaram - especialmente nas vilas de subúrbios e regiões afastadas das cidades - mas também pelo fato de a fábrica possuir realmente grandes glebas de terra ou lotes urbanos. A afirmação de que “tudo é da fábrica” é bastante comum em vilas e núcleos fabris e um dos problemas enfrentados em pesquisas como esta, principalmente quando o patrimônio já foi descaracterizado ou desmontado e os registros da fábrica (quando existem) pecam pela

falta de informações a esse respeito. O caso é ainda mais grave em vilas, na qual as quadras confundem-se à malha urbana²⁶, como é o caso da Nitro Química.

As vilas Americana e Cidade Nitro Operária, podem ser consideradas estopim para uma efetiva ocupação urbana do bairro, mas não foram as únicas formas de habitação, tendo sido logo superadas pelos loteamentos, clandestinos ou não, um processo vivenciado em todo o restante do município. Nesta pesquisa cremos ter sido este um dos fatores da não implantação de todas as quadras das duas vilas conforme previsto nos projetos da empresa. À medida que deixou de ser necessário o investimento direto da companhia na construção de casas para assegurar a disponibilidade de mão de obra, ela suspendeu essa ação substituindo-a por financiamentos, através de uma cooperativa, para obtenção de materiais para construção de casas pelos próprios funcionários. A empresa passou, portanto, a contribuir no processo de loteamento indiscriminado e (má) ocupação do bairro, demonstrando que a preocupação urbana/arquitetônica/higiênica expressa nas vilas operárias eram um objetivo secundário se considerados em relação ao lucro.

Ainda sobre a influência da empresa, no caso da Nitro Química, por exemplo, veiculava-se a ideia de a fábrica comandar a polícia de São Miguel, o que provavelmente foi reforçado após 1946 quando a empresa construiu uma edificação para funcionamento da Delegacia de Polícia, situada muito próxima a portaria da fábrica, com a frente da edificação voltada a ela como a garantir ordem e disciplina.

²⁶ Em alguns exemplares as vilas operárias eram "fechadas" fisicamente, por exemplo, a famosa Vila Maria Zélia da fábrica de Tecidos de Juta de Jorge Street.

Capítulo 04
OS EQUIPAMENTOS DE
USO COLETIVO E
COMÉRCIO

Um dos prédios da fábrica.
Fonte: Memória Votorantim [195-?].

4.1 ORGANIZANDO O COTIDIANO OPERÁRIO.

Ao longo de seus primeiros 20 anos de funcionamento, a Nitro Química construiria um verdadeiro complexo arquitetônico composto por edifícios fabris, casas e também por uma série de equipamentos coletivos e de comércio. A grande variedade de equipamentos coletivos que, via de regra, acompanhou as vilas operárias e núcleos fabris em todo o mundo é parte das ações que buscavam maior controle dos trabalhadores além dos horários de trabalho regular. A proposta desses equipamentos buscava amparar os trabalhadores, atendendo necessidades básicas como alimentação, estudo e saúde e também discipliná-los.

Apesar de os espaços de habitação, lazer, educação e saúde oferecidos para as famílias operárias terem sido por muitos considerados ações filantrópicas e, eventualmente, preencherem lacunas deixadas pelo Estado em relação ao atendimento da população trabalhadora, ao fornecer alojamento e serviços para o operário, a empresa oferecia também regras de comportamento, modos de vida e valores, para além das relações de trabalho. A ideia de “moldar” o funcionário segundo a conveniência da empresa relaciona-se diretamente à criação de equipamentos coletivos (escolas, creches, igrejas, etc.) não ligados diretamente ao sistema de produção da empresa e o projeto implantado pela Cia. Nitro Química não foge a essas antigas questões.

A noção de meio como formador do homem encontra no industrial inglês Robert Owen um de seus maiores defensores. Responsável, no início do século XIX, por New Lanark, um das experiências modelo de núcleo habitacional empresarial, Owen acreditava que a classe trabalhadora era detentora, por hereditariedade, de maus hábitos e conduta, mas que parte da formação do caráter do indivíduo poderia ser direcionada pelo ambiente a que se sujeitavam. Surge desta crença o afastamento de espaços destinados aos jogos, bebidas e ócio das proximidades de New Lanark, e o pioneirismo do industrial na criação de equipamento coletivo para os empregados da empresa denominado “Instituto de Formação de Caráter”, que visava, sobretudo, atuar na formação moral e na conduta dos empregados através de atividades de lazer e ensino (CORREIA, 1998a).

A alteração do meio com o intuito de modificar a sociedade também permeia inúmeras das utopias urbanas do século XIX, baseadas nas propostas de Charles Fourier,

Victor Considérant, Jean Baptiste Godin, Thomas More, Francis Bacon, entre outros. As experiências implantadas por estes utopistas e por Owen são importantes para o entendimento dos núcleos habitacionais de empresas implantados posteriormente, em continente europeu e americano, tanto do ponto de vista formal arquitetônico de algumas experiências, por exemplo, com edificações que resgatam as ideias de Falanstério ou implantações de influências panópticas, quanto dos objetivos que inspiraram os industriais a criarem casas e serviços para seus funcionários.

No Brasil vários empreendimentos adotaram o uso de equipamentos de suporte ao funcionário tanto por questões relativas ao distanciamento do núcleo fabril do meio urbano, quanto por intenções de controle e disciplinarização do corpo operário. Conforme já citado, a implantação de indústrias em áreas suburbanas ou rurais, em geral, colocava a necessidade maior de equipamentos de apoio ao trabalhador. Seguindo essa lógica, a Nitro criou **Farmácia** (1940), **Açougue** (1940), **Padaria e Armazém** (1943) e **Escola** (1944). São edifícios menores em tamanho, se comparados aos monumentais clubes ou ao Hospital e Maternidade da Nitro Química, mas não em importância, pois foram essenciais à manutenção dos funcionários no subúrbio distante de São Miguel Paulista.

Não foram encontrados dados precisos relativos ao funcionamento dessas atividades na Nitro Química; de maneira geral, em experiências semelhantes, possibilitavam a empresa a controlar o consumo dos trabalhadores restringindo especialmente as bebidas alcoólicas, tidas como prejudiciais ao comportamento e ao desempenho do trabalho na indústria.

Segundo Correia (1998a) foi comum no Brasil a presença de escolas em vilas operárias ou núcleos fabris. A exemplo de New Lanark de Owen, muitas indústrias, no Brasil, disponibilizaram escolas para os trabalhadores, ou seja, para o segmento mais pobre da população então sem qualquer acesso à educação. No entanto, há de se considerar, que o ensino era restrito e visava atender unicamente às demandas da fábrica, ou seja, buscando o aproveitamento dos estudantes como contingente de mão de obra daquelas unidades.

Figura 33- Escola SENAI.
Fonte: Memória Votorantim (1958).

Figura 34- Aula na Escola SENAI.
Fonte: Memória Votorantim (1958)

Figura 35- Formatura dos alunos do SENAI. Professores e dirigentes da companhia com José Ermírio de Moraes, Fábio Ravaglia e Padre Aleixo Mafra. Fonte: Memória Votorantim (1962).

Para além dos benefícios sociais propagandeados pelas empresas, as escolas têm um papel importante para as indústrias na disciplina e formação de mão de obra. Sendo propriedade da fábrica que agia como mediadora nas relações professor-aluno, a escola cumpria seu papel na melhoria técnica da mão de obra, mas também como educadora do trabalhador e de sua família, ensinando novos hábitos, temperança, novas noções de higiene, de comportamentos, respeito à autoridade e à hierarquia. Em um levantamento sobre os artigos veiculados pelo periódico *O Auxiliador da Indústria Nacional* entre 1833 e 1892²⁷ verificamos que os dados sobre escolas em vilas e núcleos nas matérias sobre fábricas que mantiveram esses conjuntos sobrepõem-se aos dados referentes às casas e outros equipamentos, dando um indício da importância adquirida pelo ensino em vilas e núcleos desde o século XIX.

É interessante notar que mesmo frente à falta de uma edificação específica a uma determinada função, outras poderiam ser adaptadas para atender a necessidade da empresa. Há

²⁷ Esse levantamento foi realizado por esta autora em 2005, para a pesquisa de Iniciação científica denominada: Indústria e moradia: o enfoque do jornal "O Auxiliador da Indústria Nacional" orientada pela prof. Telma B. Correia, com apoio FAPESP.

casos, por exemplo, da Fábrica de Tijolos Santa Cruz da Ilha do Governador (RJ) em que o refeitório, à noite, se transformava em sala de estudos. A Nitro Química implantou duas escolas para empregados, mas, assim como ocorreu com a Fábrica Santa Cruz teve suas primeiras aulas ministradas em uma sala improvisada na companhia já quando do início de seu funcionamento. Apesar da distância temporal que separa a C.N.Q.B. das primeiras fábricas com vilas do século XIX, as intenções que levaram a indústria a constituir serviços de apoio aos funcionários mantiveram as mesmas intenções.

Em meados de 1944 a Nitro Química implantou uma escola voltada ao ensino profissionalizante vinculada ao sistema SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem industrial). Inicialmente foi conhecida por SENAI C.N.Q.B., mas rebatizada com o nome de **Escola SENAI “Senador José Ermírio de Moraes”** depois do ingresso do diretor nas funções públicas. A Escola da Nitro Química extrapola as experiências comuns a vilas operárias e núcleos fabris, provendo a possibilidade de ensino profissionalizante, no caso, da área mecânica (um tipo de mão de obra necessária à companhia).

Depois de concluir o seu curso primário, o menor recebe o amparo da fábrica, que mantém um curso de extensão de ensino primário e de ensino profissional. Este amparo vai até a idade em que o menor pode trabalhar. Quando ele pode desempenhar qualquer função no estabelecimento, a escola profissional se encarrega de completar a obra de sua formação. Sai o operário dêsse regime de estudos consciente de sua tarefa (LEIVA, 1944, p.29).

A criação de uma escola profissionalizante associa-se ao desligamento dos engenheiros norte-americanos em 1939. A falta de mão de obra qualificada foi uma das dificuldades enfrentadas desde os primórdios da grande Indústria no país e no caso da indústria química, ainda hoje, esse fator é agravado devido à complexidade e os perigos dos processos que envolvem a atividade²⁸. Buscando minimizar o problema, a Nitro Química investiu na formação de seu próprio corpo técnico, com a criação da Escola vinculada ao SENAI que oferecia ensino profissionalizante para Mecânico Ajustador, Mecânico Torneiro, Mecânico Fundidor e Mecânico Eletricista. Após 1968 apenas para Mecânico Geral.

²⁸ Alguns historiadores, como Eric Hobsbawm, associam o período entre 1880 e 1930 à chamada Segunda Revolução Industrial. Eles apontam como uma das características deste período a formação das Indústrias Químicas e de Energia, que diferente da indústria do período anterior tem a matriz científico-tecnológica mais acentuada (HOBSBAWM, 1986).

Criado em 1942, o SENAI foi outra das ações de Vargas pela industrialização brasileira e teve a Nitro Química como uma de suas primeiras afiliadas. O intuito era a formação de profissionais qualificados para a incipiente indústria de base. Segundo Morse (1970,p. 311):

O SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) é outra agência com atribuições amplas. Sua finalidade é dar aos jovens operários habilitação e *esprit* profissional, e mais imaginosamente, servir de mediador entre os procedimentos estrangeiros estereotipados e as condições peculiares à vida brasileira.

Foi idealizado pelo presidente da Confederação Nacional das Indústrias Euvaldo Lodi, Roberto Mange e Roberto Simonsen, à frente da Federação das Indústrias de São Paulo, este último amigo de José Ermírio e Horácio Lafer com quem dividiu a primeira diretoria da Ciesp. O SENAI também esteve vinculado às escolas da Fábrica Nacional de Motores (RJ) e da Indústria Klabin do Paraná de Celulose (PR), todas deste mesmo período. A associação da escola da C.N.Q.B. com o SENAI é mais um elemento que reforça os estreitos laços da empresa com o governo federal, empenhado no avanço industrial brasileiro. O envolvimento de membros da família Lafer/Klabin em cargos políticos do Estado Novo provavelmente contribuiu neste apoio.

Os poucos registros fotográficos da escola sugerem que apenas indivíduos do sexo masculino eram admitidos nesta instituição, basicamente filhos de funcionários da Nitro Química.

Outra forma de assistencialismo utilizada pela Nitro Química foi o oferecimento de bolsas de estudo “Bolsas Dr. Moraes” aos melhores alunos.

Em 1944 a escola começou a distribuir dois tipos de bolsas de estudo “Bolsas Dr. Moraes”, distribuídas por mérito escolar a funcionários e filhos de funcionários e bolsas de estudos oferecidos pelo SENAI DN (Departamento Nacional) e DR (Departamento Regional). Estas bolsas forma extintas em 1974, tendo proporcionado muitos jovens durante 30 anos, cursos de Química Industrial, Direito, Eletrônico, Engenharia, Medicina, entre outros (RAVAGLIA, 1988, p.9).

A segunda das escolas da C.N.Q.B. foi implantada na Cidade Nitro Química em 1944 em posição relativamente central às quadras desta vila. Sugestivamente

denominada **Escola do Divino Trabalhador** foi implantada ocupando a área de três lotes e sua localização deixa perceber influência das Unidades de Vizinhança, conforme já citado.

De igual importância foi o **Berçário ou Creche** (1942), onde mães que trabalhavam na empresa poderiam deixar os filhos durante o turno de trabalho. Historicamente, equipamentos como berçário, escolas e restaurantes foram importantes para a liberação da mão de obra feminina para o trabalho nas Indústrias.

Sobre o funcionamento da Creche, os relatos do jornalista Carlos Leiva que visitou a companhia em 1944:

Conversando com o técnico organizador social sobre essas medidas êle me declarou com certo orgulho: - a higiene do trabalho na Nitro começa com o exame pré-natal. Estamos criando uma população sadia para São Miguel, êsse centro industrial ocupado pela nossa fábrica. E realmente, depois do exame pré-natal, existem outras providências que atingem o homem nas suas primeiras etapas. [...].

Encontrei na Nitro uma excelente creche da qual dou algumas fotografias, com jovens especializadas que cuidam das crianças, fazem exercícios com elas ao ar livre, tomam conta da alimentação, tudo orientado pôr um pediatra.

As crianças doentes passam a ser internas da creche, recebendo tratamento adequado. Há vários casos de curas realmente admiráveis. Em geral os casos de enfermidade infantil verificados teem sido consequência da sub-alimentação, corrigida em tempo pela creche da fábrica. É projeto do conselho ampliar essa creche, aumentando o número de leitos e criando futuramente um parque infantil. O auxílio da creche vai de 1 a 3 anos de idade. Mesmo aos grupos de crianças que não são internas na creche a fábrica fornece gratuitamente leite e lições de preparação às mães. Depois, até os 6 anos a fábrica continua auxiliando os filhos de seus operários, até a fase da escola primária. Nesta etapa a direção contribue para o grupo escolar local, fornecendo ainda diariamente uma sopa para o lanche dos alunos.

A política de previdência social da fábrica envolve os menores de 7 aos 12 anos de idade. E há uma iniciativa digna de ser lembrada: as horticultras. Nesses campos de plantação de legumes e frutas, orientados por técnicos trabalham as crianças. A produção dêsses campos é vendida para o restaurante dos operários da fábrica. E, segundo me informou um outro técnico da empresa, o resultado da venda é dividido entre as crianças, formando-se assim um pecúlio para os menores agricultores (LEIVA, 1944, p. 28).

CONHEÇA

10

BERÇÁRIO

SEGURANÇA E TRANQÜILIDADE AOS PAIS

Um lugar da Empresa diferente e aconchegante. Lá não existem máquinas, nem produção. Há 46 anos, desde setembro de 1943, embora tenha ficado parado durante algum tempo para reformas e mudanças, a Nitro Química mantém um Berçário à disposição das crianças de zero a nove meses, filhos de Colaboradores.

A Companhia oferece toda infra-estrutura, roupa própria esterilizada, alimentação nas horas certas e assistência médica. Os bebês — atualmente 13 — são cuidados por três auxiliares de enfermagem, que acompanham diariamente a evolução da criança. Além disso, as mães que amamentam seus filhos, têm horário livre para tal atividade.

“As crianças encontram no Berçário atenção e

assistência, que proporcionam maior tranqüilidade aos pais, que podem trabalhar sem preocupações, sabendo que seus filhos estão recebendo todo o cuidado necessário, para um desenvolvimento saudável”, enfatiza Dr. Durval Rubboni (Chefe Dep. Hig. Med. Trabalho), que é o responsável pelas atividades do Berçário.

A colaboradora Maria Rex Rebert (Escrituração Fiscal) está utilizando os serviços do Berçário pela terceira vez. “Para mim é uma tranqüilidade, trabalho sossegada. Meus filhos sempre foram bem tratados e têm tudo na hora certa, desde banho até remédio — se for o caso.”

Cláudia Conceição Santos (Conicaleiras) é categórica ao dizer: “O atendimento do Berçário é muito bom. Gosto principalmente do

No Berçário, muito carinho e assistência adequada aos bebês.

carinho que as ‘tias’ têm com nossos bebês. Isso é muito importante! Quando meu filho Laerte, de 6 meses, vê o avental branco das enfermeiras, ele já conhece e fica todo contente, e é isso que importa — saber que meu filho está em boas mãos”.

DO BERÇÁRIO A COLABORADOR

O carinho e a afeição das enfermeiras pelos bebês é muito grande. “O Berçário é minha vida. Nós adoramos essas crianças. Curtimos tudo, até mesmo o primeiro dentinho. Quando elas vão embora sentimos muita falta. Mas como nosso relacionamento com as mães é muito bom, elas sempre voltam para nos visitar. Dessa forma, não perdemos o contato, e podemos acompanhar o crescimento delas”, diz a enfermeira Maria da Glória Silva.

Ao longo do tempo, muitas dessas crianças não só voltaram para visitar quem cuidou delas, como também passaram a fazer parte dos quadros da Nitro Química. Esse é o caso de Rômulo Soares (Ger. Div. Manut. Mec.), Odair A. Barrence (Ger. Div. Sistemas), José Américo Matos Dal Bello (Manut. Geral), Jane Damasceno Silva (Expediente de Suprimentos), e Telma Neves Cortez (Planej. e Desenvolv.), entre outros, cujos pais trabalharam na Nitro Química e quando pequenos ficaram no Berçário.

Atualmente o Berçário tem capacidade para abrigar 25 crianças. Para desfrutar desse benefício, que é oferecido a todas as colaboradoras da Empresa, no horário das 7h00 às 17h30, basta apenas o preenchimento da ficha de inscrição, que é feito no próprio local, na Av. Dr. José Artur da Nova, nº 476.

Com os filhos bem cuidados, elas trabalham sem preocupações.

Figura 37- Berçário da C.N.Q.B.
Fonte: Memória Votorantim [194-?].

Figura 38- Berçário da C.N.Q.B.
Fonte: Observador Econômico e Financeiro (1944, p.18).

Figura 39- Escola SENAI e Berçário.
Fonte: Jornal São Paulo Leste (1986, p. 10).

O **Restaurante** citado por Leiva foi inaugurado em 1942. Possuía duas alas, uma para homens e outra para mulheres e tinha capacidade total de 588 funcionários, servindo diariamente cerca de 2.000 refeições. Cada departamento da fábrica possuía um horário para as refeições;

E não há dúvida de que uma das melhores realizações levadas a efeito pela Nitro é o restaurante para os seus operários. [...]

O restaurante da Nitro obedece à orientação do SAPS, organizado por conhecidos dietólogos na capital da República. Fazem-se algumas críticas ao SAPS, mas na realidade éle iniciou uma obra no Brasil que deve ser ampliada e serviu de exemplo para outras capitais do Brasil. Almocei no restaurante dos operários de S. Miguel. E o cardápio é sempre composto de um prato de carne, legumes, frutas, um copo de leite, feijão, arroz, café e um pão de 200 gramas, com 25% de trigo integral, fabricação da própria empresa. Por esta refeição, que em qualquer outro restaurante custaria uns 6 cruzeiros, o operário pega 1 cruzeiro e 20 centavos.

Para a turma da noite a fábrica fornece ceia, composto por um prato de sopa integral, um copo de leite, um pão de 200 gramas e café. Isto ao preço de 60 centavos. Para os empregados solteiros, a fábrica fornece o café da manhã, composto de uma chicara de café, leite, um pão de 200 gramas e manteiga, por 30 centavos.

O interesse que o restaurante despertou nos operários se encontra refletido nos índices de frequência. Variam de 2.000 a 2.200 refeições diárias (LEIVA, 1944, p.30-31).

Segundo os relatos do jornalista, a Padaria, já citada, era a fornecedora dos pães. Considerando a frequência de 2.000 pessoas por refeição, ela seria responsável pela fabricação diária de pelo menos 6.000 unidades. Não foram encontrados outros dados sobre ela, mas considerando a arquitetura da edificação, que também funcionava como armazém, com grandes portas voltadas para a rua, é provável a venda também em varejo.

Figura 40- Restaurante. O alambrado foi instalado no restaurante e berçário no final de década de 1980.
Fonte: Memória Votorantim (1980).

Vilas operárias e núcleos fabris foram importantes campos de experimentação arquitetônicas e urbanísticas, sendo apontadas por estudiosos do assunto como um dos pioneiros, por exemplo, no emprego de equipamentos e serviços coletivos (uma das premissas do Movimento Moderno).

No seu empenho em conceber uma casa capaz de agilizar os serviços domésticos – reduzindo a sobrecarga de trabalho e de tempo despendido nas tarefas - as vanguardas modernistas deram continuidade às iniciativas desencadeadas no século XIX. Formularam um modelo de moradia que conciliou duas importantes estratégias. A primeira diz respeito à que vinha sendo elaborada por reformadores sociais no sentido de reorganizar os serviços domésticos, através de pesquisas funcionais e ergonômicas que subsidiaram a concepção de cozinhas compactas. A segunda vinha sendo aplicada por industriais construtores de núcleos fabris e vilas operárias e por algumas comunidades religiosas e voltava-se a transferência de serviços domésticos para equipamentos coletivos como creches, escolas, lavanderias e restaurantes coletivo (CORREIA, 2004a, p.69).

O esporte coletivo exerceu importante papel dentro do projeto de sociedade representado pela construção de vilas operárias e núcleos fabris; incentivado como uma forma de manutenção da saúde e da boa forma do corpo, além de preconizar trabalho em equipe, obediência, disciplina e hierarquia. No Brasil, essa ação foi particularmente importante; a origem de várias associações esportivas e clubes de futebol estão em equipes originariamente formadas por funcionários de empresas, como o Clube Atlético Juventus (fundado em São Paulo, em 1920, com o nome de Crespi Futebol Clube) e o Bangu Atlético Clube (de 1905, ligado à Companhia Progresso Industrial do Rio de Janeiro) entre inúmeros outros. A Votorantim e a Klabin têm uma ação expressiva na criação de equipamentos voltados ao esporte desde princípios do século e em várias de suas unidades.

A Companhia Nitro Química criou equipes para disputa em diversas modalidades como atletismo, boxe, natação, remo, futebol de campo e de salão, judô, basquete e vôlei. Particularmente a partir dos anos 1940, quando se estruturou o enorme aparato assistencialista para os trabalhadores da Nitro Química, a empresa teve seus atletas participando de diversos campeonatos, inclusive disputando contra equipes de outras empresas paulistas, cuja atuação nesse sentido era similar. É o caso, por exemplo, das Empresas Klabin, do Cotonifício Rodolfo Crespi e da Empresas Reunidas Matarazzo.

Como verificamos, também existe na fábrica a educação física para o homem. Vários são os times de futebol, voleibol, natação, corridas, etc. No torneio suburbano do ano passado, o time principal da fábrica foi classificado em segundo lugar, e o segundo time conquistou o primeiro lugar. Além disso existem os torneios internos, pois cada departamento da fábrica conta com o seu quadro, havendo partidas de futebol entre empregados e patrões indistintamente (LEIVA, 1944, p.31).

Como em outras fábricas, o lazer regrado guiava o tempo livre, substituía o perigo do ócio e estimulava o desenvolvimento das aptidões físicas e psicológicas para o trabalho (CORREIA, 1998a). O incentivo à leitura, à música, à contemplação da natureza, ao cinema, e outras formas de lazer pacífico buscam atender as mesmas intenções. Há relatos, que indicam que a empresa oferecia também curso de inglês, literatura, piano, balé, violão e gaita aos seus funcionários e à comunidade de São Miguel.

O bom desempenho das equipes e o estímulo das empresas ao lazer saudável além de estimular o sentimento de coletividade de seus trabalhadores também contribuíam para a publicidade positiva para a empresa. No caso da C.N.Q.B., a boa imagem da empresa era imprescindível, já que a fábrica apresentava elevado grau de periculosidade devido à produção de produtos químicos tóxicos e de teor explosivo.

A C.N.Q.B. criou, em São Miguel Paulista, um **Clube de Regatas (1950)**, hoje desativado, e um **Clube Social (1944)** para prática esportiva de seus funcionários. Este último foi instalado dentro das dependências da fábrica, às margens do Tietê e continha um campo de futebol, uma piscina com trampolim e um edifício para vestiário masculino e feminino.

O Clube de Regatas e Hospital e Maternidade são os dois equipamentos mais lembrados pelos moradores de São Miguel e ex-funcionários, provavelmente porque permitiram o uso também da comunidade. Cabe o esclarecimento de que o uso destes equipamentos era permitido aos moradores, mas não gratuitos; funcionavam como um clube particular. Não há dados precisos sobre o uso dos funcionários, mas é provável que para eles houvesse algum tipo de subsídio dado pela empresa.

A permanência do Clube de Regatas também é outro fator que contribui para a memória da comunidade. Ainda como um ponto a considerar, a localização do clube, situado extramuros da fábrica contribuiu para sua popularidade, diferente do que aconteceu com o Clube Social implantado dentro dos limites da companhia e, portanto, visível apenas àqueles que tinham acesso à Nitro Química.

Figura 41 - Corrida.
Fonte: Memória Votorantim [194-?]

Figura 42 – Jogo de futebol.
Fonte Memória Votorantim [194-?]

Figura 43- Banda da Nitro Química no Clube de Regatas.
Fonte: Memória Votorantim [195-?].

Figura 44- Banda de jazz.
Fonte: Memória Votorantim [194-?]

Figura 45 – Desfile de Carnaval na década de 70.
Fonte: Memória Votorantim [197-?].

Figura 46- Apresentação musical.
Fonte: Memória Votorantim [194-?]

Figura 47- Clube de Regatas (fundos).
Fonte: Memória Votorantim [196-?]

Figura 48- Clube de Regatas (lateral esquerda).
Fonte: Memória Votorantim [197-?].

Figura 49- Clube Social.
Fonte: Memória Votorantim [198-?]

Segundo Fontes (1996), devido à periculosidade da fábrica, o setor de serviços médicos e de prevenção de acidentes era o mais utilizado pelos funcionários. A saúde foi o ponto central das ações assistencialistas da companhia. Em 1942, a Nitro química passou a participar da ABPA (Associação Brasileira para Prevenção de Acidentes). Em 1943 criou-se o Conselho de Segurança Contra Fogo e o Cargo de Fiscal de Segurança e em 1947 a primeira CIPA.

Em 1951 a empresa aprovou junto à Prefeitura da cidade um projeto para construção de um **Hospital** da companhia, mas do qual não comprovamos a construção.

Tratava-se de um edifício pequeno se comparado ao monumental **Hospital e Maternidade** construído em 1955. Desde o início de seu funcionamento, em 1935, a fábrica teve atenção com o setor de saúde; antes dos hospitais a empresa instalou um **Ambulatório** (1943) para assistência aos funcionários e manteve por vários anos uma ambulância e convênios com dentista e ótica em São Miguel Paulista.

Figura 50- Hospital e Maternidade.
Fonte: Nitro Jornal (1954, p.01)

Figura 51- Hospital e Maternidade.
Fonte: Memória Votorantim [198?].

Apesar da força simbólica adquirida pelas edificações de lazer e cultura, o grande destaque fica por conta do Hospital e Maternidade construído pela empresa em meados de 1955. O grande edifício possuía três pavimentos, com 50 leitos e um necrotério, e foi destinado não apenas aos trabalhadores da companhia e seus familiares, mas,

também, aos habitantes do bairro e arredores. É bastante comum ouvir de moradores dos bairros vizinhos como Penha e Guaianazes o relato de que nasceram no Hospital da Nitro Química, apesar de não terem qualquer tipo de ligação com a empresa ou com o bairro. O hospital tornou-se uma referência e provavelmente supriu, por um período, a carência de equipamentos sociais na zona leste paulistana. Como já frisado e baseado na análise de Azevedo (1945), a grande várzea do Tietê permaneceu por muito tempo com características de isolamento, não inserida na dinâmica urbana do município de São Paulo. Ainda hoje, apesar das melhorias e da forte urbanização permanece como a região com os maiores índices de carência do município.

Analizando as experiências de vilas e núcleos fabris no Brasil e no mundo, a disponibilização dos equipamentos ao bairro não é a regra; em geral, as habitações, equipamentos e serviços oferecidos pelas empresas destinavam-se exclusivamente aos seus trabalhadores e familiares. Tal diferença explica-se pelo endurecimento das relações da Nitro Química com seu corpo operário e com o bairro onde se instalara.

A década de 1950 marca um período de desenvolvimento da companhia e de grande expectativa quanto ao seu futuro promissor, que nos anos anteriores havia se transformado numa das mais bem sucedidas do país. O sucesso econômico vivenciado pela Nitro Química no período da Guerra levou a empresa à expansão das atividades de produção e modernização da unidade do rayon, ainda seu principal produto. O processo de produção do fio sintético pelo método Chardonnet, era obsoleto já quando Klabin e Votorantim fecharam o negócio com a Turbize em 1930. Apesar dos êxitos da Nitro Química na produção do rayon, a modernização da fábrica pelo processo viscose fazia-se necessária em virtude da concorrência com as duas outras empresas do setor: Matarazzo e Rhodia, que já utilizavam o novo processo. Em 1946 a companhia adquiriu novo maquinário da empresa norte-americana Oscar Von Kohorn e deu início à construção da nova unidade de rayon. A aquisição da nova planta industrial, no entanto, consumiu boa parte dos lucros acumulados com a Guerra e exigiu uma série de remodelações na fábrica exigindo, novamente, grande aprendizagem dos funcionários da empresa, pois os processos eram absolutamente diferentes do anteriormente utilizado.

A nova fábrica de rayon, embora modernamente concebida e montada com equipamentos de boa categoria, não atingiu os níveis de qualidade

que dela poderiam se esperar, nem foi operada e mantida desde o início de forma realmente eficiente. A empresa que a forneceu não primava pelos conhecimentos práticos do processo e parece não ter se preocupado em exigir a formação de equipes de técnicos e operários que atendessem às reais necessidades da fábrica. Ignorou que as operações de rayon eram especializadas e delicadas e de que os planos de manutenção adequados precisariam ser implantados (RAVAGLIA, 1988, p.11).

O processo de produção do rayon viscase mostrou-se bastante complexo e especializado. Em 1949, em pleno auge da comercialização do fio sintético, um grande incêndio acabou por destruir a unidade que utilizava o processo Chardonnet, complicando ainda mais a produção de seu principal produto.

No mesmo período, a Nitro iniciou sua produção de TNT buscando o nicho de mercado aberto com a Guerra Mundial. Até a instalação da unidade de TNT inaugurada pela Nitro Química em 1946, apenas uma fábrica do exército localizada em Piquete (SP) produzia os explosivos. No entanto, uma violenta explosão de um reator ocorrida em julho de 1947, poucos meses após a inauguração da unidade, mostrou as dificuldades e os riscos a que estavam sujeitos os trabalhadores da empresa.

Consideravam, no entanto, as autoridades federais, que havia a necessidade de uma maior produção de explosivos e, nesse sentido, contataram José Ermírio de Moraes para montar uma fábrica de TNT. Decidida a implantação, a fábrica, com uma capacidade diária de 5t, foi projetada pela equipe técnica da Nitro Química, com base em tecnologia francesa, repassada por engenheiros de Piquet (RAVAGLIA, 1988, p.11).

A explosão causou a morte de nove trabalhadores, mas não acabou com os anseios da empresa na fabricação de trinitotolueno (TNT) para o Estado. Os altos investimentos em mais essa unidade não tiveram o retorno vislumbrado pela Nitro, que optou pelo fechamento do setor em 1955.

O duro golpe sofrido pela Nitro Química com os eventos ocorridos nas novas unidades de rayon e TNT refletiram-se na má imagem da empresa junto aos órgãos de imprensa e ao recrudescimento de suas relações trabalhistas. As mortes, os recorrentes acidentes de trabalho, o forte cheiro gerado pela fábrica, o risco de contaminação do solo e das águas transformou a celebração dos benefícios em medo constante. Para São Miguel, a Nitro Química passara de protetora (a grande “Mãe Nitro”) a inimiga.

Nas palavras de Ravaglia sobre os anos 1950-60 da Nitro Química:

Pode-se dizer, [...], que a Nitro Química, nesse período, investiu muito; diversificou sua área de atuação e não teve sucesso em vários dos maiores planos. Ao mesmo tempo, foi um período em que suas relações com o corpo de empregados deterioram-se, apesar dela manter, desde a sua fundação, uma progressiva estrutura de benefício (RAVAGLIA, 1988, p.12).

O Hospital e Maternidade em 1955 foi o maior, não obstante, o último dos equipamentos sociais construídos pela Nitro Química, claramente buscando a melhoria de sua imagem perante a opinião pública e os trabalhadores, nesta época já fortemente vinculados aos sindicatos²⁹.

Figura 52- Nitro Jornal. Cabeçalhos de 1953 e 1954, respectivamente.
Fonte: Memória Votorantim.

Entre janeiro de 1953 e agosto de 1954 a empresa publicou e distribuiu aos funcionários um pequeno jornal sob o título Nitro Jornal, que foi, provavelmente, a "voz oficial da empresa". Nele são constantes os alertas sobre cuidados no trabalho, recomendações higiênicas e comportamentais, notas sobre a história da empresa e

²⁹ A década de 1950-1960 viu o fortalecimento dos movimentos sindicais nos grandes centros do país. Conflitos entre patrões e operários foram recorrentes envolvendo praticamente todos os grandes grupos industriais no Brasil.

celebração das conquistas da empresa e dos funcionários. Em seus artigos ficam evidentes as intenções da fábrica em atribuir ao Hospital e Maternidade o caráter de generosidade. Várias passagens falam sobre o edifício, primeiro como promessa e depois celebrado como uma conquista da Empresa e de São Miguel. Pelo interesse do conteúdo, transcrevemos quase integralmente dois artigos desse periódico, dos anos de 1953 e 1954:

Serviços Sociais da Fábrica.

Notícias que interessam

(...)

Hospital da Cia. Nitro Química

No dia 25-11-1952, atendendo ao convite do Dr. José Ermírio de Moraes, estive nesta localidade Sua. Excia. Snr. Dr. Etelvino Lins, D.D. governador eleito de Pernambuco para ser patrono do lançamento da pedra fundamental do hospital da Cia. Nitro Química Brasileira, acontecimento dos mais auspiciosos sem dúvida, pois seu serviço irá atender a todos os moradores de São Miguel Paulista e não só a empregados da fábrica.

Foi pela Diretoria da Fábrica, representada pelos Snrs. Drs. José Ermírio de Moraes e Marcello Milliet Kiehl oferecido um almoço a S.S., e comitativo integrada de Senadores da República, Deputados Federais e altas autoridades no cenário Industrial Brasileiro. Fizeram uso da palavra o Dr. José Ermírio, que como vice-presidente da Federação das Industrias saudou o ilustre visitante, fazendo a seguir um ligeiro retrospecto do que foram estes 15 anos da Nitro Química, fazendo-se a seguir ouvir o governador de Pernambuco para enaltecer e elogiar a obra desse grande representante do seu estado.

Após ligeira visita à Fábrica em virtude do adiantado da hora, foi feito, no local denominado "Sitiozinho" o lançamento da pedra fundamental. Falaram no ato os Snrs. Dr. José de Moraes Leme, Revmo. Padre Aleixo Mafra e, para encerrar, o governador de Pernambuco que, num rápido improviso, congratulou-se "por mais essa brilhante conquista social dos moradores de São Miguel e empregados da Fábrica". Após a cobertura da documentação S. Excia. E comitiva regressaram a São Paulo (NITRO JORNAL, 1953, p. 4).

NOSSO HOSPITAL

Dr. José de Moraes Leme

Para quem segue pela Estrada do Arujá – aliás rua Arujá – e ultrapassa a Fábrica de Soda em construção, um olhar a esquerda desperta grata surpresa: é que vê, do outro lado do rio, já bastante altas, as paredes do nosocômio que a Companhia Nitro Química está construindo para o povo de São Miguel Paulista.

Cumpra ela assim uma promessa já antiga que contraira para com a população da localidade em que se assentou suas oficinas de trabalho com as quais a aldeia seiscentista e viu em pouco mais de um decênio evoluída para estuante metropole da industria moderna.

O grandioso edifício que lá se ergue, com pouco mais de 80 metros de frente, encerrará o que de mais moderno existe em matéria de assistência ao homem atingido pela doença.

Para começar, houve no estudo do projeto um cuidado especial para que todos os quartos destinados a abrigar os enfermos tivessem orientação igual aquela que lhes proporciona insolação melhor -, afim de que não houvesse uns pacientes melhor aquinhoados e outros pior aquinhoados em matéria de alojamento hospitalar. Mais de 50 leitos são assim postos a disposição dos sofredores, a sua maioria em quartos de duas camas e uma pequena minoria em enfermarias de quatro leitos, mas podendo a lotação, em caso de emergência, ser acrescida de 50%, sem que haja plethora dos internados.

Para assistir a esses enfermos, todas as habitações exigidas por um nosocômio moderno estão previstas – desde a sala de recepção, em que todos deixam a roupa de fora e recebem cuidados de higiene antes de entrar, já revestidos com a roupa da casa até salas de operações, banco de sangue, instalações para exame radiológicos, ortopedia, fisioterapia e tudo o mais que se faz mister num hospital para clínica e cirurgia.

No andar superior, a seção de Maternidade, com salas de parto, berçário, etc., em comunicação direta – sem passar pelo corpo do hospital – com o bloco cirúrgico, para as emergências que requerem intervenção.

A assistência espiritual não foi esquecida, estando prevista ampla capela, bem como a clausura indispensável para a residência das religiosas, que se incumbirão também da parte administrativa.

Em edifício completamente separado, localizam-se a casa de força – com central elétrica própria -, a lavanderia, a cozinha, etc., afim de que a trepidação das máquinas e o cheiro das comidas em preparação não incomodem os doentes.

Pelo estado das obras, podemos esperar que dentro de muito pouco tempo estará o estabelecimento funcionando; não queremos fazer prognósticos para não errar, mas quem quiser fazer seu cálculo não tem mais do que ir ver o qão adiantada se acha a construção.

Alviçaras, povo de São Miguel! O teu hospitalar está à vista.

(NITRO JORNAL, 1954, p.1-2).

Por outro lado, poucos são os artigos deste jornal que falam especificamente sobre os outros equipamentos, menos ainda sobre as vilas; mas uma leitura mais apurada revela que eles estão implícitos nos textos, sendo tratados com naturalidade, como benefícios já consolidados.

Isso também não significa que as vilas e equipamentos não tenham sido usados como propaganda do empreendimento e da gestão empreendida pela fábrica. A empresa soube utilizar os benefícios quando foi conveniente. Nos finais dos anos 1950 um atrito entre José Ermírio de Moraes e o jornalista Assis Chateaubriand dono do Diários Associados irrompeu em várias acusações na imprensa sobre más condições de trabalho nas

empresas de Ermírio. Rapidamente os grupos políticos adversários do industrial juntaram-se a Chateaubriand contra a Votorantim. A defesa de José Ermírio é vigorosa:

Claro que nossa punjança industrial dependeu, e decisivamente, do elemento humano com que tivemos a felicidade de poder contar. Por isso mesmo, contrariamente ao que afirmou o referido jornal, temos dado a maior atenção aos problemas de assistência social, educacional e hospitalar.

Tanto assim que instalamos e mantemos CINCO hospitais em nossas principais fábricas, sendo que o sexto teve sua pedra fundamental lançada em Igarçu, no Estado do Pernambuco. O hospital da Cia Nitro Química Brasileira, situado em São Miguel Paulista, nos arredores de São Paulo, por exemplo, tem sido apontado como um dos mais modernos e bem aparelhados do país, com 75 leitos, serviço de enfermagem de primeira categoria e um corpo médico nas mais diferentes especialidades, do mais alto gabarito profissional. Lá também funciona, integralmente construída por nós, uma Escola Senai, além da Creche e Maternidade. Edificamos, igualmente, moderníssima praça de esportes, para tôdas as modalidades esportivas, inclusive clube de regatas.

Temos hospitais em Sorocaba e em Votorantim, sendo que a Faculdade de Medicina de Sorocaba, o Hospital e Maternidade foram totalmente doados por nós.

Nossa contribuição no setor educacional, desde o curso primário até o curso universitário, é representada por mais de 300 bolsas de estudo anuais. Só mesmo a justa revolta diante de tanta calúnia que me obriga a descer a estes pormenores.³⁰ (O CORREIO DA MANHÃ, 1966, p.08)

Alguns anos antes, em 1944, o jornal O Observador Econômico e Financeiro dedicava 15 páginas ao Serviço Social da Nitro Química. O artigo do jornalista Carlos Leiva (1944) denominado “Como evitar greves” já demonstrava no título as intenções por trás dos benefícios e a crença de alguns setores na atuação da indústria na solução de problemas sociais.

A greve significa a atitude desesperada dos homens reunidos em grupos com a finalidade de conseguir aquilo que não lhes querem dar espontaneamente. É a arma criada pelo próprio industrialismo para o operário exigir mais conforto. Também concorrem para os movimentos paretistas a mentalidade das classes trabalhadoras, o nível de instrução e de cultura e o clima de liberdade do país onde vivem. Sendo uma questão econômica, é a greve, conseqüentemente, um sintoma muito grave de desajustamento social.

Conversando há pouco com um amigo, técnico do Ministério do Trabalho e especialista em assunto de greves, conseguí explanações científicas e

³⁰ Discurso pronunciado por José Ermírio de Moraes no Senado em 1966 transcrito pelo jornal O Correio da Manhã. *O Sr. José Ermírio de Moraes restabelece a verdade*. 26 de abril de 1966.pág.08.

modernas sobre a solução pacífica do problema. Foi êsse organizador social, contrário aos meios violentos de combate à greve, quem me facilitou a visita a uma tarefa concreta e em desenvolvimento que se vem realizando em S. Paulo, graças aos esforços de técnicos esclarecidos e de industriais progressistas, homens ainda não envolvidos pela teia-de-aranha (LEIVA, 1944, p.17).

Apesar da crença de Leiva e outros ideólogos que viam na Nitro Química um exemplo de empreendimento onde reinava a paz social, os anos de 1953, 1954, 1957 e 1963 foram marcados por movimentos grevistas que afetaram fortemente a empresa, dando início aos primeiros sintomas do esgotamento do projeto de disciplina e dominação do grupo operário instrumentalizado pelas vilas operárias e equipamentos da Nitro Química e seu Serviço Social.

Contrapondo-se à visão elogiosa predominante nos principais veículos de imprensa do período, alguns jornais de circulação menor relatam realidades bastante diferentes no interior da fábrica, denunciando as péssimas condições de trabalho, casos de envenenamento e até abusos pelas autoridades da fábrica:

Arrancaram o operário das garras do policial.

Os operários já não podem viver com os salários atuais. Para conseguir mais um pouco precisam fazer extraordinários. Na Nitro a coisa é ainda mais apertada. O trabalho é praticamente de 9 horas, pois para sair é preciso tirar passes, etc., e isso é demorado.

Os patrões, no entanto, tem lucros fabulosos. A Light, 600 milhões e cruzeiros, a Matarazzo, 291 milhões, a Nitro Química, 90 milhões.

Para enganar os trabalhadores, Garcez e Getúlio escolheram a dedo uma Comissão de Salário Mínimo. Mas essa Comissão se desmascara por si própria, pois é formada de pelegos como Ângelo Palmigiani e Fernando Garcez.

Isso tem favorecido a unidade dos trabalhadores em suas lutas reivindicatórias. Na Nitro Química, por exemplo, um operário se enganou na colocação do cartão depois de marcado. Por isso foi considerado sabotador pelo porteiro, que faz trabalho policial. Foi prêso no quartinho da portaria.

A massa, cerca de 300 operários, aglomerou-se e marchou para arrebentar a porta e soltar o companheiro. Com medo da massa, a diretoria da fábrica mandou soltar o operário que foi defendido até a seção onde trabalha. Ao levar o companheiro, a massa gritava viva a classe trabalhadora e abaixo a portaria policial (ARRANCARAM, 1951, p.10).

Insalubridade e Exploração na Nitro-Química de São Paulo
Gases tóxicos envenenam os operários – demitidas, de uma vez, 370
operárias – perseguições e manobras desonestas – Lucros fabulosos.

REPORTAGEM DO CORRESPONDENTE DA VOZ

Na empresa Nitro Química Brasileira, de São Paulo, trabalham cerca de sete mil operários. Este enorme contingente de trabalhadores, operários e operárias, é submetido a dura exploração e, particularmente, as péssimas e insalubres condições de trabalho. Em tôdas as secções os operários ficam sujeitos aos gases tóxicos e, em outras, à insalubridade de grau máximo. Por outro lado, a Nitro não paga taxa de insalubridade para nenhum grau.

Envenenamento

As operárias, em geral, têm os rostos manchados (pano) pela intoxicação do fígado e os homens que trabalham com ácidos têm as pernas e rostos queimados. Nas secções da fiação (F.5, P.F.5, F.F. 1, F.F. 2) são mais atingidos pelo gás, de 100% de densidade, constantemente respirado pelos operários. Em algumas secções, o calor é insuportável, atingindo a 42 graus no verão. Não falta também, o inferno dos "chuveirinhos".

As péssimas condições de trabalho prejudicam seriamente a saúde, inclusive mental, dos operários. Em dois meses duas operárias e dois operários tiveram sua sanidade mental atacada, tendo uma operária se atirado diante de uma locomotiva e outro enlouquecido em pleno trabalho. Outros pedem demissão, como a operária Francisca Rodrigues, para se livrar dos gases e dos maus tratos dos chefes.

A "Ilha do Diabo"

"Ilha do Diabo" é o nome que os operários deram a uma das secções da Nitro Química, onde imperam terríveis condições de trabalho. No dia 27 de Agosto deu-se ali tremenda explosão que matou um operário e feriu gravemente dois outros (e não atingiu outros mais porque só estavam lá, no momento, os três), por displicência da empresa (deixou faltar água no forno). Em outra explosão recente, perdeu a vida outro trabalhador.

O chefe da seção persegue os operários e exige um ritmo acelerado de produção visando obter maior bonificação no fim do ano. Às vezes ele convoca os operários para o trabalho em horas extras, suspendendo os que não aceitam a convocação. Em sua mania de perseguição, este chefe chega a cortar a água quente na hora do banho dos operários (que vem de um serviço sujo e quente).

As operárias

As operárias, em certos departamentos, trabalham de 5:30 às 13:30 e de 13:30 às 21:30 horas trabalhando 54 horas semanais sem nunca ter folga, sem repouso remunerado e sem receber horas extras em dobro, como assegura a C.L.T.

No dia 28 de julho a empresa demitiu 370 mulheres, sem pagar-lhes nenhum direito. O pretexto utilizado foi o de que a seção Indaiá não pertence à empresa. Mas, na realidade, Fiação e Torção Indaiá é da Nitro e da Votorantim. O que a empresa queria era demiti-las, para perderem seus direitos. Diante do protesto das interessadas a Nitro propôs-lhes que

fizessem novo contrato de trabalho, e às que não quizessem perder os anos de serviço, eu fossem trabalhar em Boituva (48Kms depois de Sorocaba). Contra a arbitrariedade, 150 entraram com processo na justiça, uma parte aceitou novo contrato, outras conseguiram contrato com perda de 50% dos seus direitos e o restante foram para Boituva, ludibriadas com promessas que até hoje não foram cumpridas.

As operárias ficam justamente indignadas contra certas tentativas imorais de chefetes, inclusive contra a entrada deles em seus vestiários.

Manobras desonestas

Outro hábito da Nitro é a utilização de manobras e picuinhas contra os operários. A empresa, por exemplo, desconta Cr.\$1.300,00 por um passador de fio quebrado ou desaparecido, quando esta peça vale menos de cem cruzeiros. Quando um operário se acidenta e passa a usufruir o seguro, os patrões descontam os dias de seguro do período de férias e ainda lhe cobram o hospital e os curativos.

Recentemente, foram admitidas cerca de 300 menores, de 13 a 14 anos, que são suplamente exploradas: como operárias e como menores.

Apesar, entretanto, de submeter seus operários a essa situação, a Nitro obtém enormes lucros. Em 1955, seus lucros confessados foram de nada menos de Cr.\$ 223.651.113,30.

Por outro lado, os operários procuram organizar-se na empresa e lutar unidos por suas reivindicações e direitos (INSALUBRIDADE, 1956. p.10).

Sobre o período grevista e a ação sindical em São Miguel Paulista, o trabalho do sociólogo Paulo Fontes: "Trabalhadores e cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias dos anos 50" é bastante elucidativo, especialmente ao considerar a mais importante delas: a "Greve dos 400 mil" de 1957, que abarcou pelo menos 10 categorias profissionais e paralisou São Paulo por cerca de 10 dias (15 a 25 de outubro). Na visão do ex-diretor Ravaglia:

Houve nessa época uma greve geral em São Paulo, (...). Nela, milhares de trabalhadores deixaram de comparecer ao trabalho intimados pelas pressões dos piquetes que, escudados por bandeiras nacionais, tudo faziam para que os operários não entrassem para trabalhar nas fábricas (RAVAGLIA, 1988, p.18).

Com o acirramento do movimento grevista em São Miguel na década de 1950-1960, é possível observar com maior clareza o papel da política de benefícios sociais das quais as vilas operárias são parte. A possibilidade de perda dos benefícios ou das habitações reduzia as possibilidades de contestação dos trabalhadores, em suma, representava um instrumento poderoso de pressão pela disciplinarização e controle da

classe operária. Nesta pesquisa identificamos pelo menos um momento em que a Nitro Química usou dessa importante ferramenta de punição, exatamente após o término da greve de 1957:

Figura 53- Trabalhadores em greve fazem assembleia em frente à subsele de São Miguel (1957) e caminhão do sindicato percorre as ruas da cidade no Dia do Trabalho (1959).
Fonte: Sindicato dos Químicos e Plásticos de São Paulo. (1957 e 1958, respectivamente).

Após o retorno ao serviço, para os grevistas “ativos” da Nitro Química houve corte de todas as vantagens assistenciais. Este de fato causou insatisfação com a empresa e inimizade entre centenas de funcionários. Os atingidos pelo corte passaram a chamar os não grevistas de “caranguejos”,

apelido que vigorou durante muito tempo. E a medida atribuída oficialmente, como resultado de sugestão dos chefes da fábrica, teve como consequência a desmoralização dos mesmos perante àqueles de cuja colaboração dependiam para operar suas unidades (RAVAGLIA, 1988, p.18).

Além dos equipamentos e moradia oferecidos, em 1942 a companhia passou a implantar uma série de ações de auxílio, benefícios e assistência tais como gratificações anuais, distribuição de leite para o filho de funcionários, campanhas de prevenção de acidentes e apoios culturais e de infraestrutura do bairro. Crawford (1995) aponta esse tipo de auxílio “indireto” como uma nova etapa das já concretizadas formas de paternalismo adotadas pelos dirigentes das “company towns”.

A maior utilização de profissionais envolvidos nas ações assistenciais de empresas é outra tendência iniciada nas experiências de vilas e núcleos operários que persiste aos dias atuais. As fábricas no Brasil são o campo, por excelência, da assistência social profissionalizada.

É recorrente no discurso dos dirigentes da CNQB a menção à “Família Nitrina” ou à própria empresa como “Mãe Nitro” (FONTES, 1996) e outros termos de cunho paternalista que, de certa maneira, ajudam a legitimar mecanismos de dominação e controle junto aos operários da companhia. Os equipamentos são, sem dúvida, o grande símbolo social da Nitro Química, determinantes para a manutenção da imagem paternalista que seus dirigentes empenharam-se em construir e propalar. Na Nitro Química, o discurso paternalista de assistência social dos dirigentes veio acompanhado do discurso de ideal nacional-desenvolvimentista. Desde a sua fundação, a empresa teve privilegiada relação com o Estado, principalmente no governo Vargas, colocando-se como empresa que apesar de privada estava a serviço do progresso e bem estar do Brasil.

Mas José Ermírio via as coisas de uma outra perspectiva: a atividade industrial, não deveria ser apenas uma prioridade setorial, e sim a grande prioridade de toda a economia brasileira...A industrialização do país era uma causa acima de todas as outras (CALDEIRA, 2007, p.58-59).

Embora continuasse presente, a questão sanitária passou para o segundo plano nos debates sobre a habitação social e surgiram novos temas, condizentes com o projeto nacional-desenvolvimentista da era Vargas: primeiro, a habitação vista como condição básica de reprodução da força de trabalho e, portanto, como fator econômico na estratégia de

industrialização do país; segundo, a habitação como elemento na formação ideológica, política e moral do trabalhador, e, portanto, decisiva na criação do "homem novo" e do trabalhador-padrão que o regime queria forjar, como sua principal base de sustentação política (BONDUKI, 1994, p.73).

A industrialização tomada como instrumento de progresso e desenvolvimento da nação colocava a recusa ao trabalho ou os confrontos com as fábricas e os patrões como uma afronta ao próprio país. Movimentos grevistas ou qualquer outra forma de contestação dos operários tendiam a ser encarados como antinacionalismo, portanto, uma atitude extremamente perigosa no entre guerras.

Interessante ponto de vista é expresso por Richard Morse (1970) que considera o paternalismo uma postura integrante do ethos histórico-cultural brasileiro, adotada, no período em questão, pelos industriais e também pelo governo federal de Getúlio Vargas visando, sobretudo, a lealdade dos trabalhadores:

Depois de 1930 outros interesses fortemente articulados têm competido pela obtenção da lealdade dos trabalhadores. A primeira administração de Getúlio Vargas esforçou-se por obter o apoio do proletariado crescente com seu programa de legislação federal (...)a fase final do regime sindicalizou o trabalho de um modo excessivamente paternalista, interferindo com a liberdade de expressão e associação dos operários, e com seu direito à greve (MORSE, 1970,p. 288).

Assim, mais uma vez observamos a sincronia entre indústria e governo no trato com os trabalhadores.

Os benefícios sociais associados ao paternalismo adotado pela empresa ao longo de toda a sua atuação são exemplares de um modelo de relações entre trabalhadores e patrões bastante debatido entre empresariais nos anos 1920 e 1930 como Jorge Street, Roberto Simonsen, Francisco Matarazzo, Horácio Lafer, Nicolau Scarpa, Rodolfo Crespi, entre inúmeros outros³¹. A criação de "cidades operárias" como as empreendidas por vários desses empresários é considerada por alguns estudiosos uma das maneiras encontradas pela Indústria com intuito de sanar, ou minimizar, os problemas urbanos advindos com o

³¹ Jorge Street, Francisco Matarazzo, Roberto Simonsen, José Ermírio de Moraes, Antônio Devisate e Horácio Lafer compuseram em 1928 a primeira diretoria da Ciesp - Centro das Indústrias do Estado de São Paulo. Instituição autônoma que se lançava na defesa da indústria como propulsora do progresso da nação .

próprio processo de industrialização, e mais do que isso, de possibilidade de fazer estas ações favoráveis aos seus interesses. Num contexto em que o trabalho industrial era visto como degradante, o discurso paternalista adotado pelos patrões e sua política assistencialista “benevolente” tornavam esses empreendimentos exemplares, diferenciados.

As habitações higiênicas para operários e os equipamentos disponibilizados para funcionários que constituem a base das políticas assistencialistas desenvolvidas pela Votorantim e por inúmeros outros grupos empresariais foram celebradas pela imprensa durante o século XIX e XX como ações de valor meramente filantrópico, mas devem ser avaliadas à luz dos interesses industriais; para as indústrias, a criação de moradias operárias atraía, estabilizava e contribuía para disciplinar o trabalhador, para fazê-los mais submissos, produtivos e distantes de ideias grevistas e/ou anarquistas, que ameaçassem a ordem e o patrimônio da classe dominante (CORREIA, 1998a).

Não pode ser ignorada a ação da imprensa e das exposições de indústria na divulgação das experiências empresariais e na consolidação de uma ética do trabalho, largamente explorada pelos principais industriais no Brasil.

A idéia de estabelecer uma pretensa gestão científica da casa e do espaço urbano, que integrou o projeto de reorganização da vida dos pobres, foi sendo construída e difundida por jornais, revistas, romances e exposições de indústria (CORREIA, 2004a, p.26).

Em 1886, em matéria de autor desconhecido veiculada pelo periódico O Auxiliador da Indústria Nacional, o trabalho é equiparado à religião, e o ócio comparado à doença cujas consequências afetam o indivíduo física e moralmente.

A religião do trabalho nos ensina que todo o ser humano deve exercer uma profissão; o ócio estraga as qualidades daqueles que domina, diminui as forças operárias e torna encargo social quem deve ser tributário da civilização; o ócio deteriora tudo quanto toca e é um exemplo mau, além de origem de grandes doenças morais.

No catechismo aprendemos que a preguiça é um pecado mortal; da hygiene sabemos que esse peccado produz no corpo o mesmo que a inactividade produz nas machinas, oxyda-o, torna difficeis os movimentos e não há moléstias que elle não possa produzir desde a gota até á tísica e a loucura. (O AUXILIADOR, 1886, p. 142).

Acrescenta-se a isso a maneira como os grandes industriais são retratados pela imprensa no período, exaltados como homens obstinados ao trabalho, preocupados com o desenvolvimento brasileiro.

No caso da Nitro Química o conjunto erguido chama atenção pelo uso extensivo do Art Déco nos equipamentos de uso coletivo e comércio, muros e portarias; e do Bangalôs com algumas variações em habitações térreas e sobrados.

4.2 O ART DÉCO COM LINGUAGEM OFICIAL DA EMPRESA.

Apontado por vários autores como o estilo³² arquitetônico mais encontrado na paisagem urbana brasileira, o Art Déco encontra destaque como expressão de modernidade em manifestações artísticas e arquitetônicas, especialmente nas décadas de 1920 a 1940.

Situado no período entre guerras, o Déco teve seu auge na Europa nos anos 1920, associado à Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas de Paris, de 1925³³, que buscou reunir, em um evento internacional, a produção artística francesa do período, numa tentativa da França em retomar a liderança histórica da produção de artigos de luxo e requinte. A Exposição deu à França o pioneirismo da estética Déco que rapidamente se espalhariá pelo mundo. Ao longo dos anos 1930, o Déco chegaria com grande força aos EUA e à América Latina.

Embora reconhecidamente uma estética de raiz decorativa, o Art Déco preconizou o rigor geométrico e a racionalização dos volumes e elementos ornamentais simplificados, condizente com a produção em série. Alguns autores atribuem a essas

³² Há divergências quanto à classificação do *Art Déco* como estilo arquitetônico. Neste trabalho optamos por admiti-lo como estilo, tal como defendida pela maioria dos autores aqui estudados. Esta opção justifica-se pelas características compositivas que se repetem nas variadas obras e por ter sido predominante em um período específico com desdobramentos mesmo em tempos recentes – o que o coloca além de um mero modismo, apesar de não possuir uma doutrina clara.

³³ o termo *Art Déco* como diminutivo de *Art Décoratif* começou a disseminar-se em 1966, a partir da Exposição *Les Années 25: Art Déco/Bauhaus/ Stijl/ Esprit Nouveau*, sobre os anos 25, organizada pelo Museu de Artes Decorativas de Paris.

características um adiantamento³⁴ a alguns dos pressupostos do Movimento Moderno, do qual o Déco foi simultâneo em algumas décadas e com ele dividiu o cenário urbano.

Segundo Bresler (1997, p.11), em artigo sobre as origens do Art Déco na França, a “arte decorativa (Art Déco) situa-se em um contexto de produção ligado à arte industrial e à arte aplicada”, o que a coloca dentre as produções ligadas aos anseios de expressão de modernidade nos princípios do século. Importante argumento é expresso por Pinheiro (1997, p. 127) sobre a aceitação do Déco como estilo moderno:

Em primeiro lugar deve-se notar que o Art-Déco possui inegavelmente uma feição “moderna”, em comparação aos estilos históricos: trata-se de uma arquitetura muito mais despojada quanto à ornamentação, e esta geralmente faz uma referência a signos dos “tempos modernos”, como a máquinas e as geometrizações que lhe são associadas, a velocidade, a luz artificial, etc. Mesmo quando as referências a tempos históricos passados são mantidas, o que é admissível e bastante freqüente, estas passam por um processo de homogeneização através de certos mecanismo específicos, tais como a estilização e a geometrização de elementos ornamentais, de forma a resultar numa arquitetura surpreendentemente uniforme e facilmente identificável. Esse processo que deriva diretamente da tendência à abstração dos movimentos artísticos de vanguarda, é, em grande parte, responsável pelo aspecto moderno do Art-Déco [...].

A alusão às formas aerodinâmicas, os motivos inspirados em máquinas e formas industriais (a tecnologia como tema), o predomínio de cheios sobre vazios, a valorização dos acessos e portarias geralmente marcados por marquises, a axialidade, a simetria, o escalonamento e o geometrismo, característicos do Déco em suas diferentes vertentes, no entanto, são combinados com a tradição remota. No Déco surgem referências às culturas antigas e clássicas, mas também de outras formas de civilizações como as indígenas americanas, africanas, egípcias e astecas, até aquele momento subjugadas e pouco valorizadas. No Brasil, o indígena Marajora foi explorado e trazido à tona na decoração interior e principalmente nos motivos fachadistas de edifícios residenciais Déco.

A combinação entre tradição remota e modernidade latente, que poderia parecer incompatível a primeira vista, marca o Art Déco como um período de transição entre os estilos Ecléticos e o Modernismo, caracterizando avanços e retomadas de estilos

³⁴ As características modernizantes do Art Déco levaram-no a ser eventualmente apontado como estilo Protomoderno na historiografia da arquitetura brasileira.

anteriores. Alguns autores atribuem a esse não rompimento total com as estéticas tradicionais da época uma das causas do sucesso do Art Déco frente ao grande público. Fato é que a mistura de elementos de várias vertentes numa mesma obra ou edificação torna, inclusive, difícil, o consenso entre os estudiosos do que se convencionou chamar Art Déco.

Segundo Correia (2008, p.48):

Nota-se que, no Brasil, há uma variedade de expressões empregadas para designar o que usualmente se considera como Art Déco. Às vezes, como é o caso de casas urbanas, construções absolutamente tributárias de modelos que remetem à arquitetura colonial e do século XIX – em termos de materiais, técnicas construtivas, implantação, programa e organização dos espaços internos – têm uma fachada com ornamentação de viés Art Déco. Em outros casos, uma construção quase totalmente vinculada à arquitetura moderna – em termos de programa, materiais, técnicas e forma – apresenta na fachada um (ou vários) elemento de destaque claramente vinculado à ornamentação Déco.

A mesma combinação de elementos, no entanto, é apontada por Bresler (1997, p.13) como capacidade de resposta e adaptação do Art Déco às inéditas necessidades da Era Moderna e influência ao desenvolvimento de expressões artísticas posteriores:

Constatamos a que ponto o Art Décoratif soube durante mais de 30 anos metamorfosear-se ao sabor das circunstâncias. Soube escapar de todos os enfoques teóricos radicais, das doutrinas tanto do tipo beaux-arts como moderna. E, graças a sua capacidade de adaptação, conseguiu tanto gerar outras formas de expressão como propiciar o desenvolvimento de novas correntes artísticas.

Esta mescla de elementos de estilos arquitetônicos diferentes, apesar de estilizadas e simplificadas, pode ter sido um dos fatores a levar o professor Lemos (1987), a enquadrar o Art Déco como uma das vertentes do Ecletismo, muito embora no Brasil o Déco ter sido uma tendência arquitetônica vinculada a uma período bastante específico (basicamente entre 1930 e meados da década de 1950) e que mantém características básicas apesar das diferentes vertentes.

Apesar da grande utilização e popularidade da arquitetura e decorações Art Déco, o tema ainda não foi suficientemente estudado. No campo da Arquitetura apenas recentemente tem-se voltado aos estudos desta produção:

Na realidade, este estilo de arquitetura, que se estende a quase todos os gêneros artísticos (em especial, pintura, escultura, arquitetura de interiores, design, cenografia, publicidade, artes gráficas, caricatura e moda), marcou muito o Brasil da época e arriscaríamos dizer até que sua produção foi quantitativamente hegemônica durante certo período, o que torna ainda mais surpreendente a lacuna historiográfica que o ignorou por tanto tempo (CONDE, 1997, p.69).

A adoção de edifícios Art Déco como "cartões-postais" das principais cidades brasileiras reforça a facilidade de aceitação do Déco pelo gosto popular ainda em tempos atuais. São exemplos: o Monumento à Bandeira (SP), o Viaduto do Chá (SP), o Elevador Lacerda (BA) e o Cristo Redentor (RJ) - símbolo brasileiro mais difundido internacionalmente. A monumentalidade foi, de fato, uma das características almejadas com o uso do Art Déco; o escalonamento e o uso da verticalidade sejam pela composição volumétrica ou uso de elementos em altura vem com esse intuito, assim como a ênfase ao acesso principal (marcado pela hierarquização, uso de elementos como marquises, balcões, pórticos, etc.).

A atenção com a luz natural ou artificial com intuito cenográfico comuns nos edifícios de linhagem Déco, principalmente a partir de 1940, é compatível com o impacto causado pelos novos meios de comunicação, lazer e cultura (cinemas, casas de espetáculo, estações de rádio, pavilhões de exposição, sedes de clubes, magazines, etc.). Neste contexto, muito provavelmente, o Art Déco foi encarado como a estética mais apropriada às inéditas tipologias arquitetônicas que se difundiam com rapidez nas maiores cidades. O Art Déco relaciona-se, assim, à construção da nova cidade e sociedade que se almejava modernizada, "enfim, a uma série de fenômenos ligados à emergência de uma cultura de massas (PINHEIRO, 1997, p.128").

Paralelamente, um conceito sedutor perpassava o ambiente social da época: modernização entendida como vontade e desejo coletivos de recuperar o tempo perdido e escapar do atraso, correndo contra o relógio. Metaforicamente, isto significava encurtar caminhos, simplificar, retificar, racionalizar e geometrizar. Era o que muitos queriam e o que o Art Déco veio proporcionar (CONDE, 1997, p. 71).

Não surpreende que a cidade do Rio de Janeiro (capital até a década de 1960), dinâmica e cosmopolita, seja tomada como o palco principal da arquitetura Déco no Brasil.

Apesar de vários estudiosos destacarem o uso da linguagem Déco nas cidades de maior porte, em especial São Paulo, Rio de Janeiro, Goiânia e Belo Horizonte, não se restringiu a elas, atingindo também cidades menores em todas as regiões do país.

O Déco foi largamente empregado atendendo a uma ampla gama de programas arquitetônicos de modernidade, edifícios residenciais (os “arranha-céus”) e institucionais. O estilo encontrou campo fértil atendendo aos inéditos programas arquitetônicos surgidos com as novas formas de diversão e cultura (cinemas, teatros, rádios, cassinos, etc.) e cumpriu seu papel como signo dos tempos modernos.

Tomados como espaços por excelência de promiscuidade e insalubridade, as habitações coletivas foram combatidas por diferentes setores da sociedade nas últimas décadas do século XIX. É apenas em meados de 1940 que os edifícios multifamiliares passam a ser admitidos como opção de habitação para as classes médias e altas. A adoção de uma linguagem arquitetônica que simbolizasse modernidade e requinte contribuiu para aceitação da arquitetura residencial verticalizada por setores da elite.

Segundo Pinheiro (1997) sobre o processo de verticalização de São Paulo, o Déco desempenhou importante papel no barateamento da construção o que criou condições para a verticalização do centro da cidade nas décadas de 1930 e 1940. A diminuição dos custos, pela estilização e simplificação de ornatos, aliada ao uso de materiais como o concreto armado e o aço serviram como recurso de modernidade “aparente” sem grandes interferências de custo:

No contexto brasileiro em estudo, em que o setor da construção civil é totalmente artesanal e poucas são as inovações tecnológicas viáveis, o Art-Déco possibilitou uma atualização formal que não interferia no canteiro de obras, criando uma imagem de modernidade aparente, que satisfazia os promotores da verticalização sem sacrificar-lhes o lucro (PINHEIRO, 1997, p.130).

Trata-se do “Moderno Possível” (dentro daquele contexto técnico e econômico), que intitula um dos capítulos da tese de Pinheiro, referindo-se ao Art Déco em São Paulo.

A utilização do concreto armado nos primeiros arranha-céus paulistanos, ainda segundo o mesmo trabalho constitui-se como o único material disponível no Brasil que possibilitava a construção em altura, mas, sem as inovações plásticas inauguradas com

o Movimento Moderno. Cabe, no entanto, destacar a influência de Auguste Perret – pioneiro do emprego desta tecnologia. Perret e Le Corbusier haviam participado da Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas de Paris de 1925, o primeiro com o Teatro dos Irmãos Perret e o segundo com o polêmico Pavilhão L'Esprit Nouveau³⁵, que marcou a Modernismo dentro da Exposição. Ao contrário do Teatro dos Irmãos Perret, que recebeu reconhecimento e notoriedade, o pavilhão erguido por Corbusier não foi bem aceito pelo público acostumado à arte tradicional, embora neste evento já se apresente as origens do Art Déco, no qual, mesmo a ornamentação (que seria duramente combatida pelo Modernistas nos anos seguintes) já passasse por um processo de abstração, estilização e simplificação.

A verticalização em São Paulo e nas principais cidades brasileiras nas décadas de 1930 a 1950 acompanhou também o início do fenômeno de metropolização urbana e não escapa aos objetivos de lucro gerados com empreendimentos imobiliários “mediante a multiplicação de solo urbano” (PINHEIRO, 2008, p.110). O que reforça mais uma vez a necessidade do baixo custo das edificações, voltadas para a renda³⁶. Maria Lúcia B. Pinheiro coloca uma importante questão para o entendimento do emprego da linguagem Déco em fachadas, em especial, de edifícios multifamiliares:

Assim, guiados pela lógica do mercado imobiliário e pelo imperativo do barateamento da construção, os projetos de tais edifícios estão distantes de quaisquer inovações e ousadias técnicas, que não aquelas estritamente necessárias para sua concretização. A ocupação dos terrenos é a máxima possível, independentemente de fatores como orientação e insolação; a primazia da fachada principal é nítida; os pavimentos-tipo apresentam unidades heterogêneas, com soluções de planta alheias às necessidades funcionais e da comodidade; tudo isso agravado pela irregularidade dos lotes de origem colônia (PINHEIRO, 2008, p.110).

Ou seja, diante da lógica imobiliária a modernidade expressa pelo Déco poderia se restringir às fachadas principais. Certamente, o estilo não representou grande

³⁵ O Pavilhão L'Esprit Nouveau toma o nome da revista fundada por Le Corbusier, Amédée Ozéfant e Paul Dermé cinco anos antes.

³⁶ A construção dos primeiros arranha-céus brasileiros é predominantemente voltada para aluguel. Essa situação só mudaria com a promulgação da Lei do Inquilinato em 1942. Para maiores detalhes consultar PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. *Arquitetura residencial verticalizada em São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v 16, n. 1, jan./jun 2008. (<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v16n1/o4.pdf>).

avanço em termos de organização em planta e partido projetual. Em que pese as diferenças de vertentes dentro do próprio Art Déco³⁷, o jogo volumétrico resulta muito mais de uma intenção decorativa, que pela movimentação dos volumes substituiria a ornamentação superficial, do que de uma necessidade de resolução do programa arquitetônico, diferença primordial com a Arquitetura Moderna.

Mais do que simplesmente uma opção de moradia, a difusão de edifícios em altura nas principais cidades do país criou uma simbologia de “modernidade, de progresso e aos êxitos econômicos das metrópoles” (OLIVEIRA, 2008, p.42).

No Brasil, sob a tutela nacional desenvolvimentista de Getúlio Vargas (1930 – 1954) foi construído uma série de edificações institucionais partidárias da estética Déco.

Associado ao resgate de culturas locais, o Déco enquadrou-se em projetos políticos de formação de nacionalidade e identidade local que, via de regra, esteve em voga no começo do século XX, especialmente nas nações americanas como Brasil, México, Uruguai, Argentina e Chile. A busca por uma linguagem que expressasse identidade reivindicam as raízes indígenas e hispânicas como fonte de autenticidade cultural³⁸.

Ainda no período Varguista, Déco e Moderno estiveram no centro de um grande debate arquitetônico, o do Concurso para Anteprojeto do Ministério da Educação e Saúde Pública promovido pelo ministro Gustavo Capanema. Realizado em 1935, foi vencido por um dos mais populares arquitetos cariocas da linhagem Déco: Archimedes Memória, e seu sócio, o francês Francisque Cuchet. Como se sabe, o edifício de ornamentação Marajora foi posteriormente substituído por outro, resultado dos trabalhos da equipe convocada por Capanema, composta por Lúcio Costa, Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira, Ernani Vasconcellos, Burle Marx e Oscar Niemeyer e tendo Le Corbusier como consultor.

Independente do resultado, a realização do concurso e toda a polêmica envolvida em torno do estilo/linguagem mais apropriado para os anseios modernizantes do governo de Vargas (Déco ou Moderno?) traz à tona a opção do Estado por estilos arquitetônicos que simbolizassem modernização urbana, que refletissem progresso e

³⁷Há pelo menos três vertentes dentro do Art Déco. Segundo o Guia da Arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro (1996) “a primeira, mais seca e geometrizada, muito próxima do racionalismo modernista e também conhecida como escalonada ou zigzague; a segunda, afrancesada, com resquícios acadêmicos e ênfase decorativa, lembrando o Art Nouveau inglês e o austríaco e, a terceira, sinuoso e aerodinâmica, inspirada no Expressionismo e também denominada *streamline*.”

³⁸ A busca pelas bases nacionais colocam um ponto comum entre as correntes Marajoara e o Neocolonial no Brasil.

desenvolvimento do país. Neste sentido, a construção de outros importantes ministérios no Rio de Janeiro (Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (1938), Ministério da Guerra (1946) e Ministério da Fazenda (1943), concomitante ao moderno Ministério da Educação e Saúde Pública (1945) expressa a força do Déco também como expressão de modernidade na arquitetura entre 1930 e 1960. Dos anos 1920 até a consolidação da Arquitetura Moderna no Brasil, o Déco foi significativo em obras públicas de todas as regiões do país.

Outro exemplo do protagonismo do Déco em edificações públicas está na adoção dessa linguagem nas agências de Correios e Telégrafos do país, cuja padronização levou a construção de cerca de 140 edifícios³⁹ durante este período.

As características de monumentalidade e modernidade que ajudaram a adoção do Déco em edifícios simbólicos do Estado também contribuíram para a sua utilização em edifícios fabris e construções a eles relacionadas.

Em estudo apresentado por Correia (2008) é possível observar a grande frequência de estabelecimentos fabris de gosto Déco no Brasil.⁴⁰

Isso pode ser explicado, em parte, pela atualização formal que o Art Déco operou, vinculando-se ao mundo industrial e à noção de modernização. A tendência à abstração expressa nesta linguagem – com seus volumes e ornamentos geometrizados – remete ao mundo fabril, reportando-se à forma das máquinas que povoam esse universo, seja como produtos, seja como meios de produção. Na sua vertente streamlined, o Art Déco inspirou-se nas formas sinuosas e aerodinâmicas das novas máquinas de velocidade – carros, aviões e transatlântico (CORREIA, 2008, p.55).

Nas décadas de 1930, 1940 e 1950 o Art Déco foi adotado em vários conjuntos fabris como: Cia de Tecidos Goiana (PE), Cia Industrial São Roberto (MG), Argos Industrial S. A. (SP), Fábrica de Estamparia e Alvejaria (SP), Fábrica Nacional de Motores (RJ), Cia Renascença industrial (MG), Fábrica Maria Amália (MG), entre inúmeros outros (CORREIA, 2008).

Na década de 1960 houve um investimento em maior escala na atividade industrial do país. O impulso fundamental veio com a necessidade de substituição de importações decorrente dos problemas enfrentados com a Guerra e as ações do Estado Vargas a favor

³⁹ Dados de SEGAWA (1998);

⁴⁰ A pesquisa realizada pela prof. Telma de B. Correia relaciona apenas indústrias que construíram vilas operárias e núcleos fabris no Brasil.

da industrialização do Brasil. Com o crescimento da produção industrial em detrimento da agrícola, a indústria ganhou o protagonismo no cenário financeiro brasileiro, e social, diante de uma política populista, fortemente apoiada nas classes trabalhadoras. A opção pelo uso da estética Déco em complexos fabris no Brasil do período entre guerras é importante também pelo papel desempenhado pelas Indústrias naquele momento, tomado como fundamental para o desenvolvimento do país e sua inserção no mercado mundial.

O conjunto fabril erguido pela Companhia Nitro Química destaca-se dentre os exemplares de indústrias que adotaram a linguagem pela abrangência de uso do Art Déco, aplicado a todos os equipamentos da empresa.

Victor Campos (2003) propõe a classificação do Art Déco em cinco vertentes, que ele considera as mais recorrentes. Além do Popular; o Requitado (exemplares mais luxuosos, referenciado na produção europeia); Escalonado ou Ziguezague (a que melhor representaria o Déco em termos de linguagem e abrangência internacional – da quase totalidade de tipologias arquitetônicas); Aerodinâmica (apropriada do desenho de estruturas náuticas- residenciais, administrativos, usos mistos, etc) e Classicizante (apresenta hibridismo e sobreposição de linguagens em um mesmo edifício. Apresenta elementos de arquitetura de matriz clássica (grego-romana) – institucionais). Dentro desta classificação, poderiam se enquadrar na vertente Art Déco Popular, a qual o autor identifica como “apropriação popular dos repertórios de mais fácil assimilação por parte do não profissional e construtor comum”, com desenvolvimentos em boa parte da América Latina, predominante em “vilas operárias, residências de baixa renda, estabelecimentos de comércio e cinemas de áreas periféricas” (CAMPOS, 2003, p.73).

Economia e rendimento, associados a uma estética mais depurada, porém modernizada, também deve ser considerados entre os fatores do sucesso do Art Déco junto aos industriais brasileiros entre 1930 e 1950. O conjunto da Nitro Química revela a apropriação do Art Déco nas suas composições mais simples e econômicas. De maneira geral ficam restritas ao tratamento das fachadas no qual predominam:

- **Escalonamento;**
- **Aplicação de altos e baixos relevos;**
- **Uso extensivo e quase exclusivo de esquadrias do tipo basculante;**

- Platibanda trabalhada ocultando telhados tradicionais de telhas cerâmicas;
- Valorização dos acessos principais e hierarquia nítida entre as partes do edifício;
- Repartição da fachada em base, corpo e coroamento;
- Axialidade;
- Conformação do edifício em um volume único retangular, quase cúbico e
- Predomínio de cheios sobre vazios.

São edificações nos quais permanece uma organização bastante tradicional, cuja planta reflete a hierarquia já anunciada na fachada. Com poucas exceções, facilmente identificamos uma espécie de planta básica: acesso central, distribuição axial dos cômodos, corredores demarcando a axialidade, volume retangular levemente elevado do solo, degraus junto ao acesso central e fachada simétrica (só rompida quando da ampliação do edifício). Clube de Regatas, Restaurante, Berçário, Escola SENAI, Hospital de 1951 e Ambulatório são variações diretas desta mesma planta com fachadas igualmente parecidas. Mesmo no Hospital e Maternidade e no Clube de Regatas que possuem mais de um pavimento a tipologia pode ser reconhecida. A exceção a essa planta básica fica por conta dos edifícios não construídos inicialmente pela Nitro Química (Açougue/Farmácia e Armazém/Padaria) e pela Delegacia.

O mesmo recurso de variação de uma tipologia básica surge também nas casas da empresa e, ainda que possam ser encarados como "criatividade restrita" do profissional responsável pelo projeto, garantiu surpreendente uniformidade ao conjunto. A Delegacia, ainda que não seja partidária da mesa planta básica dos equipamentos aproximam-se da organização e volumetria das casas da empresa, conforme será mostrado mais adiante.

Portarias:

Um dos aspectos da filiação da arquitetura da Nitro Química ao Art Déco está a valorização da portaria da fábrica. Conforme já mencionado, a atenção delegada aos acessos e portarias marca uma das principais características do estilo. Na Nitro Química além da ênfase aos acessos principais nos equipamentos, chama atenção a preocupação estética com a portaria da própria empresa, que se associa ao controle de entradas e saídas

de funcionários e visitantes e também à apresentação da empresa como espaço organizado e belo. Esta é uma tendência que se firma ao longo do século XX buscando modificar a imagem das indústrias como espaços feios, puramente técnicos, de trabalho árduo, desumano e insalubre. Particularmente em fábricas que criaram vilas e núcleos habitacionais como a Nitro Química sua imagem como espaço privilegiado e diferenciado era importante.

Foram construídos dois edifícios de acesso à fábrica entre 1940 e 1950. O primeiro é de 1941 ("Portaria das Contas"), foi de arquitetura mais simples, dois volumes (à direita: chapeira e à esquerda: refeitório dos guardas e expediente) ligados por uma laje impermeabilizada com função de proteção dos portões de entrada. Menos de um ano depois, em 1942, o edifício foi reformado e ampliado. Continuou mantendo as características Déco expressa na platibanda escalonada, pequenas marquises e pilastras.

A diferença maior fica por conta da segunda portaria, a de 1950 denominada Portaria "A", um grande edifício alongando térreo (parcialmente assobradado) que pelas dimensões deixa supor, além do desejo de monumentalidade a utilização de um número bem maior de funcionários. Em comum, a simplificação de ornatos e formas e a adoção do Art Déco apesar de os projetos terem como construtores e engenheiros responsáveis nomes diferentes; o projeto de 1941 foi atribuído oficialmente a um engenheiro elétrico: Vicente Russo; a reforma de 1942 e o edifício novo de 1950, à Marcello Milliet Kiehl. A linguagem Déco, na Portaria A, surge ainda na criação de superfícies curvas com trechos envidraçados, bastante comum em edifícios partidários da linguagem da vertente Aerodinâmica ou Streamline, no qual o recurso é comumente encarado como uma referência aos transatlânticos.

O programa também se mostra mais complexo que na edificação anterior passando a abrigar sanitários, área de matrículas para os novos empregados, bicicletário e espaço para guardas e apontadores. À frente da Portaria A desenrolaram-se as principais manifestações trabalhistas da década de 1960.

Ao contrário das anteriores, a Portaria de 1950 não foi demolida apesar de bastante modificada e está desativada.

PORTARIA DAS "CONTAS" (1941). Autor: Eng. Vicente Russo.

Figura 54- Portaria de 1941: planta e fachada e Foto da portaria já bastante modificada.
 Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2) e Memória Votorantim [195-?].

**PROJETO DE REFORMA E AMPLIAÇÃO DA PORTARIA DAS
"CONTAS" (1941). Autor: Eng. Marcelo Milliet Kiehl.**

5Figura- 56- Reforma da Portaria em 1942: fachada, planta e implantação.
Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2)

PORTARIA "A" (1950). Autor: Eng. Marcelo Milliet Kiehl.

Figura 56- Portaria "A": implantação e corte BB, fotos da Portaria "A" em 1978 e fotos da Portaria em 2013
 Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2), Memória Votorantim [195-?] e Tonaki (2013).

Açougue e Farmácia:

O edifício destinado ao funcionamento de Açougue e Farmácia não foi construído pela Nitro Química, tendo sido adquirido e reformado pela empresa. Apesar disso, é perceptível o intuito em manter a uniformidade formal do conjunto arquitetônico de viés Déco. O pequeno edifício era composto por dois salões, um destinado à açougue com banheiro e outro à farmácia e apresentava os principais elementos que caracterizavam o estilo: simetria, axialidade, escalonamento em elementos verticalizados ritmados na fachada e organização em base, corpo e coroamento.

A reforma da edificação data de princípios de 1940 e consistiu apenas na criação de uma parede para separação das duas atividades, a adoção de piso e revestimento cerâmico nas paredes e a abertura de uma janela na face lateral do prédio.

Açougue e farmácia têm uma particularidade em relação aos demais equipamentos, pois o primeiro Diretor Técnico da empresa: Arthur José da Nova é quem assina o pedido de reforma como engenheiro responsável e construtor. Com a morte deste em outubro de 1940, Marcelo Milliet Kiehl é quem assume a função e passa a constar como engenheiro projetista e construtor das demais construções. Este mantém a opção pelo Art Déco como linguagem oficial da empresa.

Se foram realmente estes ou não, os projetistas dos edifícios construídos pela Nitro Química ou apenas assumem a responsabilidade perante a Prefeitura Municipal de São Paulo permanece como dúvida, no entanto, o dado revela que a construção desse enorme aparato social estava dentro das funções atribuídas ao Diretor Técnico da companhia.

A construção de farmácia e açougue em princípios de 1940 coloca a urgência dos dirigentes em atender as necessidades básicas e cotidianas dos operários já nos primeiros anos de funcionamento da fábrica e talvez ajude a explicar a adaptação de um edifício existente e não a construção de um, o que certamente levaria mais tempo.

PROJETO DE REFORMA DO AÇOUGUE E FARMÁCIA (1940).
Autor: Eng. Arthur José da Nova.

Figura 58- Açougue e Farmácia: planta, fachada e implantação.
Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

Armazém e Padaria:

Tratava-se de uma edificação também subdividida para duas funções. À frente, um amplo salão destinava-se à área de vendas do Armazém; intermediariamente localizavam-se os vestiários e escritório, seguido por uma área de depósitos e produção de pães com dois grandes fornos à lenha situados aos fundos do edifício.

Nesta pesquisa localizamos apenas o projeto de reforma e ampliação da edificação, portanto não podemos afirmar se foram construídos pela empresa ou adquiridos prontos como o Açougue e Farmácia. Ainda assim, dado o alto grau de intervenção previsto na proposta (construção e demolição de paredes) é bastante provável que a construção já existisse em São Miguel.

Assim como o Açougue a Farmácia conformou-se como um edifício bastante simples em relação à composição das fachadas, diferindo significativamente dos outros edifícios da empresa no qual é possível identificar uma linguagem uniforme.

A tendência ao Art Déco Escalonado ou Ziguezague é presente também no edifício destinado à Armazém e Padaria. A adoção de frisos em baixo relevo e elementos ornamentais em linhas retas escalonadas, como os presentes em ambas as edificações, foram recursos utilizados com frequências nas composições Déco buscando garantir ritmo e quebrando a rigidez de dos volumes compactos.

Delegacia de polícia:

O edifício destinado à Delegacia foi construído pela Nitro Química em meados da década de 1950 e entregue à Secretaria de Segurança pública para funcionamento da 22ª Delegacia.

Compunha-se de uma edificação principal no qual se situava sala de espera, sala do delegado, sala de reuniões, sala do escrivão, três cárceres com banheiros e uma edícula aos fundos do lote denominada "Dependência" com garagem, dois alojamentos e banheiro.

Nela destaca-se certa liberdade de ornamentação que difere das outros equipamentos da empresa, com coroamento e porta de entrada trabalhados. Apesar de o programa comportar necessidades bastante específicas a volumetria e a organização espacial da delegacia aproximam-se das casas construídas pela empresa.

**PROJETO DE REFORMA E AMPLIAÇÃO DO ARMAZÉM E PADARIA
(1943). Autor: Eng. Marcelo Milliet Kiehl.**

Figura 59- Armazém e Padaria: planta.

Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

Figura 6o- Armazém e Padaria: fachada e implantação.
 Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

Figura 61- Delegacia: planta e croquis da fachada da edificação principal e da dependência, baseados nos desenhos originais.
Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

Escola do Divino Trabalhador:

A referência ao passado é frequente no Art Déco, mas, diferente de vertentes Ecléticas, são utilizadas de maneira estilizada, simplificada e/ou geometrizada. Dos equipamentos da Nitro Química, a Escola do Divino Trabalhador é aquela na qual a referência é mais direta pela presença de frontão triangular com colunas de apoio. A referência da arquitetura Clássica, no entanto, surge sutilmente na maioria dos equipamentos da empresa (Restaurante, Berçário, Ambulatório, Escola SENAI e Hospital Velho). Neles predomina a lógica de composição beaux-arts: simetria, axialidade, hierarquia muito nítida entre as partes do edifício, ênfase no acesso principal e repartição da fachada em base, corpo e coroamento.

Conforme já citado, o não rompimento total do Art Déco com os estilos tradicionais pode ser um dos fatores da sua grande aceitação principalmente pelos setores médios da população. A referência à outros estilos faz alusão à uma noção que também marcou o Eclético, o ecletismo tipológico, no qual um estilo arquitetônico é considerado ideal para determinada função. Assim, por exemplo, o Gótico passa a ser visto como adequado para igrejas, o Barroco para teatros, o Clássico para escolas e edifícios públicos, etc.

Nesta pesquisa identificamos o projeto de aprovação da escola de 1944 e sua ampliação em 1945. A edificação foi composta inicialmente por apenas duas salas de aula separadas por sexo com capacidade de 30 crianças cada, um amplo pátio coberto para recreio e atividades e banheiros. Com a ampliação passou a contar com mais uma sala de aula com mesma capacidade e sala de professores (o que comprometeu parte do pátio coberto) e um cômodo de "despejo" próximo aos banheiros.

ESCOLA DO DIVINO TRABALHADOR (1944).
Autor: Eng. Marcelo Milliet Kiehl.

Figura 62- Escola do Divino Trabalhador: planta e fachada.
Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

**PROJETO DE AMPLIAÇÃO DA ESCOLA DO DIVINO TRABALHADOR
(1952). Autor: Eng. Marcello Milliet Kiehl.**

Figura 63– Planta de reforma da Escola do Divino Trabalhador e foto da situação atual (2013).
Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

Clube Social

O Clube Social foi implantado em 1944 às margens do Tietê reunindo campo de futebol com dimensões profissionais (60 x 105m), pista de atletismo, arquibancada coberta, vestiário com uma ala masculina e outra feminina, piscina azulejada com diferentes profundidades, trampolim em três alturas e escorregador.

No vestiário, o Déco surge sutilmente pela adoção de colunatas simplificadas no terraço e uso de janelas de arco pleno de inspiração Clássica; no entanto, ressalta-se a referência mais direta aos Bangalôs (telhado evidente sem platibandas, aberturas com arcos e terraços). Possivelmente esta exceção dentre os equipamentos da empresa esteja relacionado ao vínculo dos bangalôs com a estética do lazer.

O concreto armado foi bastante utilizado na arquitetura de inspiração Déco, como já comentamos; no Clube Social, foi adotado na arquibancada próxima ao campo de futebol, uma grande estrutura que demonstra certo virtuosismo técnico pela exploração das características do material. Infelizmente não encontramos o projeto arquitetônico desta arquibancada, a análise fica restrita apenas as fotografias da época.

Ambulatório, Berçário, Restaurante, Escola SENAI, Clube de Regatas, Hospital de 1951

Conforme já comentado, Ambulatório, Berçário, Restaurante, Escola SENAI, Clube de Regatas, Hospital de 1951 e Hospital e Maternidade são variações de uma mesma planta, cuja volumetria tornou-se representativa da arquitetura empreendida pela Companhia Nitro Química. Neles são mantidos a ênfase ao acesso principal através da criação de um grande pórtico que avança além do plano da fachada, do recuo das portas de entrada e da criação de dois ou três degraus para acesso ao prédio (outra das heranças da arquitetura Clássica). A simetria da fachada não necessariamente confirma-se em planta, mas a axialidade é presente e em alguns casos demarcada por corredores.

O Ambulatório foi construído em 1943 somando aproximadamente 330m² e era composto por salas de consulta, espera, enfermaria, pequenas cirurgias, fisioterapia, esterilização, pré-natal, otorrinolaringologia, raio-x, curativos e escritório administrativo.

O Berçário (1942) possuía 210m² e abrigava sala de amamentação, sala de exames, banheiro para crianças e adultos separadamente, vestiário, rouparia, cozinha, lavanderia e sala de berços com capacidade para 32 crianças. Em 1951, período de auge da empresa, a edificação foi reformada e ampliada passando a contar com mais uma grande sala para lactário.

A Escola SENAI é a única das edificações da Nitro Química a contar com um subsolo. No térreo localizavam-se sanitários, três salas de aula (com uma delas para ensino de desenho), sala dos professores, biblioteca e uma pequena sala de exposição de modelos denominada "Museu tecnológico e de modelos"; no subsolo foram localizados mais dois banheiros, laboratório e oficinas que totalizaram 915m² construídos.

O Restaurante da empresa era organizado em dois salões (ou duas alas) separados por sexo com capacidade para 294 pessoas cada. A separação por sexo dava-se inclusive por portas de acesso diferentes. Aos fundos dos salões principais localizavam-se uma cozinha com depósito para lenha e mantimentos e uma sala para os funcionários.

O Clube de Regatas foi construído em 1950 e era organizado em dois pavimentos totalizando 1.400m²; o térreo continha um amplo salão de festas e o pavimento superior: salão de jogos com bar e espaço para mesas de snooker, biblioteca, sala para a diretoria, sanitários masculino e feminino, depósito e alojamento para o encarregado. Logo na entrada uma fonte iluminada já anunciava o clube como espaço das principais festas e concentrações da companhia. Em 1954 a edificação foi reformada, o salão de festas do térreo passou a contar com sanitários e o pavimento superior foi alterado: foram construídas uma copa, um terraço e duas escadas externas. A edificação é um das poucas que não foram demolidas, mas encontra-se desativada e em péssimas condições, fruto de abandono e vandalismo.

CLUBE SOCIAL (VESTIÁRIO) (1944).
Autor: Eng. Marcelo Milliet Kiehl.

Figura 64- Vestiário do Clube Social: planta e croqui da fachada baseado no desenho original.
Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

ADCNQ

Fotos: Marcos Antonio de Oliveira

Diversão e esporte na ADCNQ

Um clube à sua disposição. Aproveite

Sexta-feira, fim do dia. Muita gente já começa a pensar no seu fim-de-semana. Viagens, acampamentos, bate-papo com amigos e muitos outros programas são planejados buscando sempre um objetivo comum: a diversão e a reposição das energias para se começar a semana novamente.

E bem próximo de cada um dos Colaboradores há um local repleto de atividades de lazer que merece atenção. Trata-se da **ADC Nitro Química**, um espaço aberto a todos os Colaboradores e familiares para propiciar momentos de alegria e descontração.

Mas nem todos sabem do que este clube dispõe

para o associado desfrutar. São muitas opções.

Confira: duas quadras descobertas para futebol de salão; dois campos para futebol de campo, sendo um com pista de atletismo e arquibancadas; um ginásio poliesportivo para futebol de salão, vôlei e basquete; quatro piscinas, sendo uma semi-olímpica (13,50 m de largura, 25 m de comprimento), uma pequena, uma infantil (8 m de diâmetro e 50 cm de profundidade) e um balneário; dois parquinhos, sendo um para crianças menores de 5 anos; uma quadra de malha; duas quadras de tênis e um paredão; um salão de festas com palco, local para aparelhagem de som

e cozinha; várias churrasqueiras e quiosques e uma lanchonete.

Apoio

Para cuidar desses 36 mil m² de área de lazer, uma equipe de 25 Colaboradores dedica sua especial atenção a fim de que os associados sintam-se bem e ao mesmo tempo seguros de que estão frequentando um clube bem cuidado e saudável.

Dois salva-vidas, um operador de piscina (que trata a água), um médico atendendo aos sábados e domingos pela manhã, professores de tênis, natação, vôlei, basquete, futebol e atletismo fazem parte do dia-a-dia da ADCNQ.

“Fiquei realmente impressionada ao visitar a ADC e verificar a grandeza do clube, o cuidado com que é tratada a água das piscinas e posso dizer com segurança que a ADCNQ se situa no mesmo nível de muitos clubes tradicionais de São Paulo. Até empresas de grande porte não possuem piscinas como as do nosso clube”, comenta Elisabete Ortega Guedes (Chefe do Serviço Social), há um mês na **Nitro Química**.

A ADCNQ abre de terça a domingo até às 20 horas e as piscinas das 9 às 17.

Aproveite o seu tempo livre, pense no próximo fim-de-semana e mergulhe nessa. Você não vai se arrepender!

**CLUBE SOCIAL (ARQUIBANCADA) (MEADOS DE 1944).
Autor: Indefinido.**

Figura 66- Arquibancada coberta no Clube Social.
Fonte: Memória Votorantim [196-?]

AMBULATÓRIO (1943). Autor: Eng. Marcelo Milliet Kiehl.

Figura 67- Ambulatório: planta e fachada e foto da fachada:

Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2) e O Observador Econômico e Financeiro, Ano VIII, N 96, janeiro de 1944.

BERÇÁRIO (1942).
Autor: Eng. Marcelo Milliet Kiehl

Figura 68- Berçário: fachada e planta.
 Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

PROJETO DE REFORMA E AMPLIAÇÃO DO BERÇÁRIO (1951).
Autor: Eng. Marcelo Milliet Kiehl.

Figura 69- Reforma do berçário: fachada e planta.
Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

CLUBE DE REGATAS (1950). Autor: Marcelo M. Kiehl

Figura 70- Clube de Regatas: implantação, fachada, cortes AA e BB.

Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

Figura 71- Clube de Regatas: planta dos pavimentos térreo e superior.
 Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

**PROJETO DE REFORMA E AMPLIAÇÃO DO CLUBE DE
REGATAS (1954). Autor: Marcelo M. Kiehl**

Figura 72- Reforma do Clube de Regatas: planta dos pavimentos.
Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

ESCOLA SENAI (1944). Autor: Marcelo M. Kiehl

Figura 73- Escola SENAI: planta do primeiro pavimento e fachada.
 Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

HOSPITAL (1951). Autor: Eng. Marcelo Milliet Kiehl.

Figura 74- Hospital de 1951: croqui da fachada principal baseada no desenho original; fachada do necrotério; planta do necrotério e planta do hospital.

Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

RESTAURANTE (1942). Autor: Eng. Marcelo Milliet Kiehl.

Figura 75- Restaurante: fachada e planta.

Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

Hospital e Maternidade

A característica de mais forte assimilação do estilo é sem dúvida o escalonamento, marcante não só na arquitetura quanto no design Déco (luminárias, arandelas, ambientação interior, caixilhos, objetos decorativos, publicidade, etc.). No Hospital e Maternidade o recurso é utilizado além do plano superficial da fachada principal, estendendo-se para a volumetria da obra através do recuo do terceiro pavimento e reservatório de água. Essa característica da arquitetura Art Déco é comentada por PINHEIRO (2008, p. 117):

Em outros casos, a simetria, embora presente, não é tão enfatizada, e a intenção ornamental recusa os elementos decorativos tradicionais para estender-se à própria volumetria do edifício, através de recursos tridimensionais – balanços, blocos de alturas desiguais, volumes cilíndricos etc. – a sugerir insuspeitado virtuosismo técnico.

A monumentalidade e beleza da arquitetura dos equipamentos da Nitro Química foram uma das formas utilizadas pela empresa para acentuar sua imagem de poderio e importância. O Art Déco, ainda que sem o luxo e requinte com o qual se popularizou, não privava a obra de características de monumentalidade e inovação.

O impacto causado pelas modernas acomodações de um hospital com três pavimentos e cerca de 2.600 m², o grande campo de futebol e a piscina com dimensões profissionais, o belo clube com biblioteca, salão de jogos e espaço para apresentações de artistas consagrados, por exemplo, causavam admiração e a expectativa de usufruto de um conforto e luxo distante ao trabalhador pobre. Face a essa oportunidade, as más condições no trabalho e os baixos salários tornavam-se mais aceitas para os funcionários, ainda que em São Miguel tenha se conformado um bairro de atuação sindical e de influência comunista bastante forte.⁴¹

A incorporação da tipografia é outro dos recursos Art Déco adotados nas edificações da empresa. Encontram-se nos equipamentos de uso coletivo, em alto relevo. A fonte utilizada diverge apenas no Hospital e Maternidade. De acordo com ARANA, MAZZINI, PONTE E SCHELOTTO, (1999, apud BORGES, 2006, p. 35):

⁴¹ Sobre isso ver FONTES (2008).

[...] a exploração dos recursos tipográficos fez parte do imaginário Art Déco em suas mais diversas aplicações: jornais, revistas, fotografia, publicidade e, inclusive, na arquitetura. Fosse anunciando o nome do estabelecimento, seus construtores e arquitetos ou indicando determinadas funções dos edifícios, a tipografia foi um recurso que passou a fazer parte da própria concepção arquitetônica, influenciando seu processo compositivo. Apresentado de diversas formas, em baixo ou alto-relevo, apliques de bronze, placas comemorativas, vitrais ou néon, a tipografia e o desenho gráfico foram fundamentais na definição e qualificação visual das obras e de seus entornos.

O recurso é usado também nas edificações da década de 1940 da fábrica de tecidos da Votorantim em Sorocaba (SP), sempre marcando a denominação ou função dos equipamentos ou das fábricas.

Ainda um aspecto geral destas edificações está o detalhamento dedicado às portas de acesso, um trabalho de serralheria recorrente no Déco.

Através da carpintaria dos interiores, da serralheria, dos vitrais e dos estuques, visíveis especialmente nos espaços internos de cinemas, clubes, magazines e edifícios institucionais, as obras de cunho Déco apresentam um profundo interesse pelo detalhe e pela coerência estética da obra arquitetônica, propondo um desenho integral de seus edifícios e ambientes. Tais requintes aparecem nos mais diversos componentes das edificações, como portas, portões, gradis, balcões, varandas, objetos decorativos, mobiliário e fachadas esculpidas, remetendo a uma certa tradição artesanal, porém, com uma nova postura (BORGES, 2006, p.35).

A porta de acesso com serralheria trabalhada no edifício do primeiro Hospital da empresa revela os motivos geométricos caros ao Art Déco. Nesta obra o recuo na volumetria demarcando a entrada é ainda mais evidente do que no Berçário. No Ambulatório da empresa, este escalonamento volumétrico é o contrário, avançando sobre o restante do corpo da edificação.

Portas com vidro, claraboias (Ambulatório) e basculantes demonstram a atenção dedicada à iluminação dos ambientes, conforme já citado, uma das características das composições Déco. No Hospital e Maternidade, a abertura envidraçada na porção central estende-se pela fachada do térreo ao terceiro andar marcando acesso e axialidade.

O Déco exerceu grande influência sobre a arquitetura e urbanismo do século XX. Em última instância, a construção de grandes complexos fabris de arquitetura Déco

provavelmente ajudou a sua difusão em cidades de pequeno porte ou áreas distantes dos grandes centros e entre as classes populares.

Correia (2008, p.56) destaca o uso do Art Déco como

[...] estilo aplicado em diferentes tipologias, em construções monumentais e em casas operárias simples, evidenciando tratar-se de uma linguagem apropriada a uma grande diversidade de programas e acessível a diferentes classes sociais.

Campos (2003, p.13) corrobora desta interpretação e também coloca o Art Déco como linguagem acessível a um público alargado e modesto, apesar de popularizado em grandes obras:

Diferentemente de outros momentos da História da Arquitetura na América Latina, onde o “novo” sempre chegava com uma defasagem de alguns anos, o Art Déco disseminou-se com muita rapidez, contando com a vantagem de não ter ficado restrito aos círculos internos das elites econômica e cultural. Pelo contrário, foi absorvido por amplos setores da sociedade, contemplando praticamente todas as categorias de edificações, do grande edifício comercial à casa operária.

A leitura arquitetônica dos equipamentos sociais e de comércio da Nitro Química revela esta grande adaptabilidade de usos do Art Déco a vários programas e como foi adequado ao pensamento dos grandes industriais brasileiros em busca de modernidade e economia.

Ainda como um ponto a destacar, nesta pesquisa, observamos um dado bastante interessante. A remontagem das fábricas da Turbize Chatillion Co. no Brasil envolveu, além dos brasileiros ligados ao grupo já citado e dos técnicos americanos, o escritório de engenharia Lindemberg, Alves e Assunção. Os mesmos engenheiros foram responsáveis por diversos edifícios Art Déco no estado de São Paulo como, por exemplo, o Cine Bandeirantes (1939), o Clube de Regatas do Tietê (1940), o Edifício Buenos Aires (1942) e o Cine Brasil (1942).

É também da Lindemberg Alves e Assunção o projeto Art Déco de ampliação da antiga Companhia Taubateana Industrial realizado em meados de 1938. A fábrica é umas

das mais antigas do país (1891), foi pólo industrial do Vale do Paraíba Paulista e assim como a Nitro Química manteve um extenso e importante núcleo fabril.

Infelizmente, os projetos de arquitetura das fábricas que compuseram a C.N.Q.B. não puderam ser analisados. As plantas existentes no Acervo da Divisão do Arquivo Municipal de Processos MDGDP-2 da Secretaria Municipal de Planejamento Orçamento e Gestão foram deterioradas e os conjuntos completos de plantas, perdidos. O acesso às cópias, se ainda existem, não foram disponibilizados pela companhia. A falta desse material torna impossível uma análise mais aprofundada da arquitetura do edifício das fábricas. Ainda assim, fotografias sugerem a inspiração Art Déco também nos edifícios das fábricas, que agora, sabe-se, foram da construtora Lindemberg, Alves e Assunção.

HOSPITAL E MATERNIDADE (1955). Autor: Eng. Marcelo Milliet Kiehl.

Figura 76- Hospital e Maternidade: Fachada, corte longitudinal e implantação.
 Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

Capítulo 05
AS HABITAÇÕES

Os muros da fábrica.
Fonte: Memória Votorantim [196-?].

5.1 BANGALÔS: SIMPLICIDADE E CONFORTO NAS CASAS OPERÁRIAS

Além da grande variedade de equipamentos construídos pela Cia. Nitro Química, nesta pesquisa identificamos pelo menos 14 tipos diferentes de plantas residenciais pertencentes e construídas pela empresa para uso de seus funcionários, localizadas nas duas vilas operárias (Americana e Cidade Nitro Química) e dentro dos terrenos de funcionamento da fábrica.

Todas as residências são de autoria atribuída ao engenheiro Marcello Milliet Kiehl (que também assina o projeto da maioria dos equipamentos) e pouco fogem aos modelos usuais de vilas e núcleos construídos no Brasil e no mundo. Nessas experiências, a residência unifamiliar isolada no lote foi eleita como o ideal a ser seguido tanto por questões morais, quanto higiênicas. Contra a habitação coletiva, constantemente associada aos cortiços, casas de aluguel, pensões, etc., ou seja, à promiscuidade, ao mau comportamento, à sexualidade exacerbada, à sujeira, à doença; a casa unifamiliar encontrou grande aceitação em vilas e núcleos de empresas condizentes com as propostas de disciplinarização da família trabalhadora.

Na Nitro Química, a hierarquia profissional reflete-se na aparência e no programa das unidades, que variam entre o modelo térreo de programa mínimo: sala, quarto, banheiro, cozinha e área de serviço à edificações mais complexas com até 04 quartos, toilette, sala de jantar, sala de visitas, cozinha, área de serviço, quarto de empregada, garagem e edícula, abarcando, inclusive, um exemplar que conjuga 06 "apartamentos" numa única edificação, sem no entanto, nunca ultrapassarem dois pavimentos construídos acima do nível do solo.

Optamos por denominá-las **Tipologias, Casas e Edifícios**, seguindo o critério de repetição da planta ou não. Assim, as "Tipologias" referem-se aos projetos que foram adotadas em larga escala, sendo os modelos predominantes em ambas as vilas e as "Casas" e os "Edifícios" referem-se a modelos únicos, ou seja, do qual encontramos apenas um exemplar construído.

Assim, classificamos as residências encontradas em:

Quadro 1- Classificação das Residências	
DENOMINAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Tipologia 01	Cidade Nitro Química e Setor B da Vila Americana.
Tipologia 02	Cidade Nitro Química e Setor B da Vila Americana.
Tipologia 03	Cidade Nitro Química e Setor B da Vila Americana.
Tipologia 04	Cidade Nitro Química e Setor B da Vila Americana.
Casa 05	Terrenos de funcionamento da fábrica
Casa 06	Terrenos de funcionamento da fábrica
Casa 07	Terrenos de funcionamento da fábrica
Edifício 01	Terrenos de funcionamento da fábrica
Casa 08	Terrenos de funcionamento da fábrica
Casa 09	Setor A da Vila Americana
Casa 10	Setor A da Vila Americana
Casa 11	Setor A da Vila Americana
Casa 12	Setor A da Vila Americana
Casa 13	Setor A da Vila Americana
Edifício 02	Setor A da Vila Americana

Apesar de nosso levantamento abranger uma vasta quantidade de projetos aprovados, lote a lote, junto a Prefeitura Municipal de São Paulo não conseguimos estabelecer, detalhadamente, um mapa de tipologias, pois o material que encontramos ainda é bastante segmentado e qualquer tentativa nesse sentido seria incompleta e poderia gerar equívocos. No entanto, podemos afirmar que as tipologias 01, 02, 03, e 04 são numericamente predominantes e constituem as formas exclusivas adotadas no Setor B da

Vila Americana e na Cidade Nitro Química. Estas tipologias são as menores, implantadas em lotes retangulares de 10m de frente x 35 de fundo e, a nosso ver, as **"básicas"** ou **"fundamentais"** da Nitro Química, não apenas por serem predominantes mas também por apresentaram, quase que sucintamente, os elementos básicos de organização interna e aparência que estruturam as outras unidades habitacionais da empresa, que, com pouca variação, tornam-se maiores por acréscimo de um cômodo ou de um pavimento, assim como tem um tratamento da fachada mais trabalhado.

As tipologias, portanto, ditas fundamentais, configuravam-se como pequenos bangalôs térreos com 01 ou 02 quartos, de organização mínima: sala, quarto, cozinha, banheiro e área de serviço descoberta (restrita à presença de um tanque de lavar roupas) e fachada pouco ornamentada. Eram voltados para os trabalhadores brasileiros: chefes, mestres, vigias e operários com funções estratégicas no processo produtivo.

As Tipologias 01 e 02 e 03 e 04 são similares, a diferença mais evidente está no fato de serem isoladas ou geminadas; apesar disso, as classificamos de modo diverso, pois há pequena variação na dimensão de alguns cômodos e no trato das fachadas, o que as tornam diferentes aos olhos do observador.

As unidades de maior porte e requinte ornamental foram, por sua vez, localizadas no trecho mais valorizado da Vila Americana, conforme já citado, de maior importância dentro da estrutura urbana criada pela Nitro e dentro dos limites da fábrica. No caso do Setor A da Vila Americana, não identificamos exemplares das tipologias a que chamamos "fundamentais", apenas projetos de Casas e um pequeno edifício multifamiliar, pois foram as residências destinadas aos técnicos e engenheiros norte americanos.

Parte dos dirigentes, como o primeiro diretor industrial Dr. Eduardo Sabino de Oliveira, por sua vez, também receberam casas em São Miguel Paulista, neste caso, localizadas dentro das dependências da fábrica, protegidas por seus muros, formando um pequeno conjunto com jardim e piscina de uso comum, no limite próximo à Estrada de Arujá, atual Av. Arthur José da Nova.

Manter relativa proximidade dos dirigentes foi outra das táticas utilizadas por algumas industriais. No caso da C.N.Q.B., a figura dos grandes proprietários (Klabin/Lafer e Ermírio de Moraes) era representada por outros diretores (Marcelo Kiehl, Eduardo Sabino, entre outros), estes sim, dedicados exclusivamente a Nitro. A presença das casas desses

diretores em São Miguel, nas proximidades das moradias dos operários servia também como elemento de aproximação simbólica dos patrões com os operários. A lógica fica subentendida em outros tipos de ações já mencionadas como o futebol entre patrões e empregados e outros tipos de eventos que envolvessem a "Família Nitrina".

Além da maior segurança destinada às casas dos dirigentes não detectamos grandes diferenças arquitetônicas entre estas residências e as localizadas no Setor A da Vila Americana. No entanto, suspeitamos que pudessem não ter sido as únicas moradias desses profissionais em São Paulo, sendo uma espécie de moradia secundária dos dirigentes.

Em todas as unidades residenciais identificamos a influência de uma tipologia habitacional bastante utilizada entre setores médios da população brasileira na primeira metade do século XX, os Bangalôs.

Ao longo de pelo menos três séculos a denominação bangalô referiu-se a vários tipos de casas. Sua origem (século XVII) está associada à região de Bengala, na Índia, quando o termo definia pequenas habitações rurais nativas cercadas por amplas varandas, telhado inclinado de duas águas, planta quadrada e técnicas e materiais tradicionais como palha, lama e bambu. Subsequentemente, com a expansão europeia na Ásia, resultado de mais uma etapa do desenvolvimento do capitalismo em escala global, essas habitações simples foram adaptadas por colonizadores ingleses que incorporaram nova materialidade e significados e o termo passou a referir-se a casas de veraneio na Europa, ligadas à conotação de exotismo, tropicalidade e status do ocupante.

King (1995, p.09) classifica o bangalô como um dos símbolos da influência política, econômica e cultural inglesa: "Com o crescimento da indústria e do capitalismo na Grã-Bretanha, e a exploração das colônias no exterior, os bangalôs – e a arquitetura que expressa – torna-se um símbolo do novo imperialismo ⁴²".

Ao longo do século XX, os bangalôs espalharam-se por todos os continentes incorporando características das culturas locais e o termo também se ampliou passando a definir casas sob diversos critérios, associando-se a casas para lazer, a determinados tipos de estruturas, à tipologia habitacional térrea ou mesmo às casas construídas em um local

⁴²Do original: With the growth of of industry and capitalism in Britain, and the exploitation of colonies abroad, the bungalow – and the architecture in which it is expressed- becomes a symbol of the new imperial power

específico, geralmente próximos a áreas não urbanizadas como praias ou montanhas (KING, 1995).

Como características recorrentes dos bangalôs encontram-se os telhados baixos, porém evidentes, com estrutura exposta; varandas frontais junto ao acesso principal; proporções equilibradas exteriores ao invés de simetria; mobiliário do tipo built-in (integrado fisicamente a casa) e uso de materiais e cores locais. Sua relação com a localidade e certa aproximação com o artesanato levam os bangalôs a serem recorrentemente associados à estética do pitoresco e apontados por alguns autores⁴³ como descendentes do movimento Arts and Crafts de William Morris.

Ironicamente, o bangalô que tinha sido símbolo de retiro e contato com o campo tornou-se uma arquitetura urbana, no entanto, sem perder sua conotação de simplicidade e conforto em uma casa acessível economicamente.

Nos Estados Unidos os bangalôs tiveram ampla popularidade impulsionada pela praticidade da edificação que ainda nos dias atuais pode ser adquirida pré-fabricada a baixo custo. Sua proliferação deu-se principalmente nos subúrbios residenciais do século XX, segundo Wolff (2001, p. 189):

Nos Estados Unidos, os bangalôs proliferaram nos bairros e subúrbios residenciais ajardinados que caracterizavam a opção residencial típica do contexto norte-americano do século XX. Originário da casa simples e vernacular indiana, o bangalô caracterizou-se por uma linguagem universal despojada, contudo redesenhada em alguns detalhes nos contextos locais em que se desenvolveu. No caso brasileiro essa concepção, e mesmo a denominação, bangalô, encontrou-se com a tradição secular da casa rural avarandada, dotada de amplos telhados de barro. A configuração do bangalô brasileiro do século XX apresenta telhados baixos, oitões voltados para fachadas, janelas simples de vergas retas e varandas.

No Brasil, apesar de comumente também se vincularem à ideia do lazer (casas de veraneio, descanso ou refúgio), a denominação aproximou-se daquela adotada nos Estados Unidos, ou seja, referindo-se simplesmente ao estilo ou aparência da casa. Em ambos os países, os bangalôs caracterizaram-se por serem casas de planta simples, quase invariavelmente térreas, unifamiliares, isoladas, com varandas fronteiras amplas, telhados

⁴³ Refiro-me à Alan Gowans e Antony D. King.

inclinados bastante evidentes, beirais salientes, integração direta entre ambientes (ou poucos corredores) e fundação ligeiramente elevada.

Segundo Campos (2008) já havia bangalôs em São Paulo na década de 1910, mas seu auge foi atingido entre 1920 e 1950, mesmo período de popularização do estilo em solo norte-americano.

Cumprindo bem o papel de abrigo, representando uma casa prática, simples, higiênica e de proporções harmoniosas, os bangalôs tornaram-se comuns como estilo adequado às classes modestas e operárias, ajudando a realizar o sonho da casa própria também no Brasil. Não raro, surgem em vilas operárias e núcleos fabris a partir da década de 1920 em dimensões reduzidas e ornamentação simples.

Nas casas da Nitro Química, os bangalôs surgem já adaptados à cultura local, as varandas tornam-se menores do que nos exemplares americano, ingleses e australianos, por exemplo, deixando de sombrear a casa como um todo e passando a restringir-se à entrada da casa com dimensões muito menores e plantas rigidamente retangulares resultando moradias de aparência modesta porém agradável e despojada.

Nas unidades maiores, especialmente nos sobrados da Vila Americana e nas casas construídas nos terrenos da fábrica, os bangalôs surgem ainda associadas a motivos de inspiração neocolonial hispano americana reafirmando uma forte influência de estilos populares nos Estados Unidos junto aos projetos da Nitro Química. Essa linguagem esteve fortemente presente em solo norte-americano especialmente nos estados de clima quente do sul do país (WOLFF, 2001).

Com variações, disseminou-se por todo o continente manifestando-se como tendência decorativa no Brasil com mais intensidade entre as décadas de 1930 e 1950, mesmo período de formação do conjunto arquitetônico nitro.

A linguagem neocolonial hispano-americana aparecia nos projetos publicados nas revistas brasileiras de arquitetura subdividida nos estilos missões, espanhol, mexicano, californiano, cujas especificidades pouco evidentes não parecem relevantes sob um exame atual. Essas linguagens eram ensinadas nas escolas, como na cadeira de Composição da Escola de Belas-Artes do rio de janeiro no final da década de 1920.

...Pode-se dizer que essa linguagem correspondeu a uma moda, muito intensa e fugaz, e que enquanto durou suplantou ou diluiu, mesclando-se a eles, os atributos formais do estilo neocolonial brasileiro. Também se

manifestou em versões mais simplificados., mas que conservavam elementos mais identificados com o padrão geral (WOLFF, 2001, p.190).

Barras de pedras e principalmente pedras incrustadas nos arcos ou nas fachadas, por exemplo, foram elementos típicos de uma simplificação da linguagem "hispânica" [...] (RAMALHO, 1989, p. 233).

Essa manifestação foi identificada por Correia (2010, p.13) em texto recente sobre a forma de vilas e núcleos de empresas no Brasil:

Entre as diferentes tendências formais que a tipologia do bangalô assumiu no Brasil, a mais usual – inclusive em construções ligadas à indústria - foi a vertente do estilo colonial espanhol, aqui conhecida como estilo Missões. Nas décadas de 1930 e 1940 o estilo Missões – com seus apliques em pedra, colunas torsas, beirais, terraços com arcos plenos, etc. - alcança grande adesão, sobretudo por parte da classe média e se faz presente em casas, escolas, igrejas, clubes, etc de muitas vilas e núcleos fabris.

Em São Miguel, vários elementos denunciavam essa inspiração: telhado de barro interceptando segmentos de fachada, barrado de pedras, balcões, estruturas em arco, lareiras salientes, gradis de ferro, janelas arqueadas, entre outros. Tais elementos surgem em versões variadas, mais simples com apenas um arco presente no pavimento térreo (Casas 08,09, 10) a outras um pouco mais elaboradas com passagens arqueadas para carros e balcões no pavimento superior (Casas 06 e 07).

Barras de pedras e principalmente pedras incrustadas nos arcos ou nas fachadas e o grande arco único no terraço de acesso, por exemplo, foram elementos típicos de uma simplificação da linguagem "hispânica" (WOLFF, 2001).

Ainda que os Bangalôs tenham introduzidos temas decorativos novos não representaram inovação em termos de organização dos espaços nas casas da Nitro. Como padrão geral, tratava-se de uma arquitetura que incorporava algumas das principais transformações surgidas no período entre guerras como, por exemplo, o afastamento total dos limites do lote e a criação de edículas e garagens em algumas das casas, mas que, apesar disso, era ainda herdeira de velhas tradições como o lote retangular de grande profundidade, os telhados com beiral, o paralelismo rígido da casa em relação aos limites do

terreno e sua organização segundo hábitos da moradia tradicional burguesia, ou seja, dividida entre área social, área íntima e de serviços.

Esse tipo de organização tripartite é ainda hoje norteadora dos projetos das casas brasileiras: nos exemplares "nitritos" a área social ou de interlocução com a vida pública restringia-se basicamente a terraço, sala de jantar e sala de visitas; a íntima, voltada exclusivamente para a família, contava com dormitórios e banheiro e a área de serviços com cozinha, lavanderia e, em alguns casos, quarto de empregada.

Assim como ocorreu com boa parte dos equipamentos de uso coletivo e comércio da Nitro Química observamos a existência de um esquema distributivo que pouco variava e que garantia grande uniformidade às edificações: **terraço junto à porta principal, acesso à casa pela sala, quartos no entorno desse cômodo ou no andar superior e cozinha e banheiro sempre aos fundos e recuados lateralmente**, o que resultou em soluções de planta e, portanto, de volumetrias, bastante parecidas. A diversificação dessas unidades ficava desse modo, condicionada ao tratamento das fachadas, que, por sua vez, condicionava-se à representatividade e status de seu ocupante. Ao nosso ver, as escolhas estéticas da Nitro Química basearam-se, primordialmente, pela aparência, ou melhor, sua representatividade em termos de modernidade e status.

As tipologias 01, 02, 03 e 04 eram as de ornamentação mais simples enquanto nas outras casas da Vila Americana e dos terrenos da fábrica surgem diversos recursos decorativos como ornamentação com pedras, molduras, frisos em alto e baixo relevos, pilares e pilastras em formatos variados, terraços arqueados, vasos e jardineiras nas janelas, óculos e seteiras com gradis de ferro, esquadrias com almofadas ou régua de madeira, etc.

A preocupação com a diferenciação das casas pela aparência externa revelou-se como um aspecto importante para a fábrica, a forma e a disposição das colunas de sustentação das coberturas tornaram-se, por vezes, elementos com esse propósito surgindo quadradas, redondas, isoladas ou agrupadas (Casas 11, 12 e 13).

Em parte das casas percebemos que o tratamento das fachadas "escondia" plantas iguais. Houve um caso de 05 residências construídas na Vila Americana, no qual o projeto de aprovação das casas junto à Prefeitura Municipal de São Paulo considerava duas plantas e três modelos de fachadas de forma que seriam combinados segundo uma relação pré-estabelecida. Assim:

- A primeira casa utilizaria a planta A e a fachada modelo 01**
- A segunda casa utilizaria a planta A e a fachada modelo 02;**
- A terceira casa utilizaria a planta A e a fachada modelo 03;**
- A quarta casa utilizaria a planta B e a fachada modelo 01 e**
- A quinta casa utilizaria a planta B e a fachada modelo 02.**

Outros dois dos casos encontrados (Edifício 01 e Casa 08) também chamaram a atenção nesse sentido, pois, considerando a fachada, tratava-se de um único sobrado de grandes dimensões; no entanto, a análise mais precisa das plantas revelou serem sobrados geminados, portanto, duas edificações independentes. Esse tipo de recurso projetual pode ser considerado também uma das maneiras encontradas pela fábrica em aliar símbolo de status à economia de recursos já que habitar sobrados tende a ser entendido como símbolo de riqueza, sendo esta associação outra das heranças do período colonial brasileiro, quando mesmo o pavimento térreo dos sobrados era deixado aos escravos, animais ou até vazios, mas raramente habitado pelas famílias dos proprietários (REIS FILHO, 1983).

O mesmo equívoco entre aparência externa e planta pode ser cometido pelo observador do Edifício 02⁴⁴ de 06 apartamentos da Nitro Química, situado na Vila Americana, no qual a fachada deixa dúvidas da quantidade de unidades que é composta. Das edificações da Nitro Química, o Edifício 02 é, sem dúvida o mais singular; não apenas por se tratar da única edificação de múltiplas unidades (3 no pavimento térreo e 3 no superior), mas também pela falta de qualquer ornamentação na fachada e por causa de uma série de decisões projetuais estranhas ao profissional da área como a falta de alinhamento entre paredes, a pequena dimensão dos (possivelmente) armários embutidos, terraços e corredor.

Em todas as edificações, as áreas de serviço (cozinha e lavanderia e eventualmente quarto de empregada) localizam-se aos fundos da casa como parte da divisão tripartite comentada anteriormente. A localização dessas áreas explicita uma antiga tendência discriminatória em relação aos locais de trabalho doméstico, herança também do período colonial no qual estas atividades eram exclusivas dos escravos ou terceiros

⁴⁴ Optamos por manter a denominação "Edifício" desta edificação pois foi assim intitulada nas pranchas Aprovação de Projeto apresentadas à Prefeitura Municipal de São Paulo.

contratados. Na família burguesa, modelo almejado pelos gestores de vilas operárias e núcleos fabris, as tarefas cotidianas são desvalorizadas em relação ao trabalho profissional e o espaço dessas atividades adquire papel secundário enquanto outros ganham prestígio como, por exemplo, o escritório (local de ganho de produtividade).

A lavanderia, restrita a presença de um ou dois tanque para roupas, surge, na maioria das vezes, associada à cozinha e, no caso das casas maiores, em edículas situadas no limite de fundo ou lateral dos lotes junto a quartos de empregada. Segundo Reis Filho (1983, p.78), as edículas passaram a fazer parte do repertório da casa burguesa em meados da década de 1920-1930, abrigando variadas funções e substituindo, os antigos porões habitáveis.

O desaparecimento dos porões habitáveis conduziria ao uso de edículas, com garagens, quartos, canis, depósitos, etc., onde ainda seriam reconhecíveis facilmente os traços das antigas senzalas, cocheiras, oficinas de serviço e locais. Transferiam-se para os fundos das casas aquelas dependências, uma vez que longe do alinhamento e das vistas dos passantes, as residências reduziam seus embasamentos, conservando apenas porões discretos, com galerias para arejamento (REIS FIHO, 1983, p. 78).

A partir de 1940, as edículas das casas da Nitro Química passam a receber também uma nova função: as garagens para automóvel, uma novidade que passou a se tornar frequente à partir da década de 1930 em todo o município. Aproveitando-se do acesso via recuo lateral, as garagens passam a ser previstas nos projetos iniciais ou adicionadas posteriormente como indício da popularização dos automóveis entre a elite (Casas 05, 06 e 09, por exemplo).

Nos esquemas mais comuns, as casas contavam com apenas 01 banheiro situado junto à cozinha ou no andar superior no caso dos sobrados, no qual, frequentemente, aparecem banheiras. O segundo banheiro começaria a aparecer nas edículas dessas casas junto à lavanderia e garagem, de dimensões extremamente reduzidas em relação ao banheiro interno e sem indicação nos desenhos de que serviriam também como área de banho mesmo quando situadas junto ao quarto de empregada.

Em algumas das casas, era comum a presença de um cômodo denominado toilette, (com área igual ou até maior que a dos quartos) anexo ao dormitório principal. Wolff (2001) chama atenção para a presença deste cômodo nos exemplares mais

requintados do Jardim América, loteamento de filiação cidade-jardim localizado na região oeste de São Paulo, contemporâneo à ocupação da Nitro Química e principal referência residencial da elite paulistana.

Nas casas maiores do Jardim América era muito comum o quarto principal com um cômodo anexo chamado toilette ou tocador. Este espaço caracterizava-se pela referência ao toilette ou boudoir, do programa habitacional europeu, nomes eventualmente adotados no Brasil. Remotamente, nas casas francesas, procedia-se ao banho nesse cômodo, em bacia para aí transportada.

Na cultura do século XIX o toilette ou boudoir não foram espaços sinônimos e necessariamente excludentes. Com algumas variações, estiveram tradicionalmente ligados ao universo feminino. Eram locas de permanência prolongada e preservada da mulher. Nesses espaços guarnecidos com escrivaninhas, poltronas, guarda-roupas, cômodas, camiseiros, penteadeiras ou psyché, a dona da casa, na cultura burguesa, dedicava-se a escrever cartas, dar ordens a empregados graduados, vertir-se e arrumar-se (WOLFF, 2001,p.157).

Em nenhum dos projetos das casas há qualquer indicação paisagística, a única presença de vegetação surge, eventualmente, nos desenhos representativos das fachadas figurados em vasos alongados ou jardineiras no parapeito das janelas (Casas 06 e 07, por exemplo). Ainda assim, a grande profundidade dos lotes sugere a presença de jardins residuais e a possibilidade de instalações de pequenas hortas ou criação de galinhas, muito frequentes mesmo na década de 1940 em casas de todos os padrões e ainda mais comuns em casas de vilas operárias e núcleos fabris como um complemento à alimentação, incentivado pelos patrões.

As tipologias isoladas aparecem em maior número contrariando uma medida de redução de custos pela economia de material, mas, que se adequava a requisitos de higiene e privacidade conforme noções que vigoravam no período. Segundo Reis Filho (1983), a "libertação" das construções em relação aos limites do lote constituíram as primeiras transformações significativas em termos de implantação desde o período colonial brasileiro e remetem à meados de 1850 permitindo maior possibilidade de arejamento e iluminação às casas. Inicialmente, o recuo restringiu-se ao afastamento de uma das laterais e, progressivamente, atingiu os dois lados da edificação. A libertação de todas as faces das casas completar-se-ia apenas por volta de 1915 o que gerou, inclusive, alterações nos códigos municipais que até então previam a edificação das casas sobre o alinhamento das ruas seguindo o modelo colonial. Privacidade e salubridade justificam, ainda, a adoção de

porões altos nas casas da Nitro Química, sendo um elemento com dupla função: garantir a proteção da intimidade do interior da casa e minimizar os problemas de umidade.

Nesta pesquisa identificamos cerca de 600 habitações construídas nas duas vilas operárias, a grande maioria situadas na Cidade Nitro Química, sendo ainda possível que houvessem outras casas, especialmente na Vila Americana, no qual as casas não obedeciam à projetos únicos o que dificulta o reconhecimento in loco.

TIPOLOGIA 01

Figura 77- Uma das casas remanescentes da Tipologia 01, 2013. Imagens © NASA. TerraMetrics. Dados Cartográficos ©2012. Google Inav/Geosistemas SRL. Maplink . Abaixo, a planta.

Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2)..

TIPOLOGIA 02

Figura 78- Planta, fachada da Tipologia 02 e croqui da fachada baseado no desenho original.
Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

Figura 79- Planta da Tipologia 03 e fotos de alguns exemplares remanescentes dessas casas na Cidade Nitro Química. Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2) e Tonaki (2012)

TIPOLOGIA 04

Figura 80- Planta e fachada da Tipologia 04 e croqui da fachada baseado no desenho original.
 Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

TIPOLOGIA 04

Figura 81- Alguns exemplares da Tipologia 04 em 2013. Em detalhe, o número atual e o de quando casa operária. Grande parte das residências localizadas mantêm essa dupla numeração.
Fonte: Tonaki (2013).

CASA 05

Figura 82- Fachada, planta da Casa 05 e croqui da fachada baseado no desenho original.
 Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

CASA 06

Figura 83-Planta do térreo e pavimento superior da Casa 06.
Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

CASA 06

Figura 84- Casa 06: situação atual (2013) e croqui da fachada baseado no desenho original. Atualmente esta casa foi cedida pela Nitro Química para uso do 29º Batalhão da Polícia Militar do Estado de São Paulo.
Fonte: Tonaki (2013)

CASA 07

Figura 85- Croquis das fachada da Casa 07 baseados no desenho original e foto da situação atual (2013). Esta casa situa-se exatamente ao lado da Casa 06 e também foi cedida pela empresa para uso do 29º Batalhão da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

Fonte: Tonaki (2013)

EDIFÍCIO 01

Figura 87- Fachada, implantação e planta do Edifício 01.
 Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

CASA o8

Figura 88- Fachada, plantas do térreo e pavimento superior da Casa o8 e croqui da fachada baseado no desenho original.

Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

CASA 09

Figura 89-Planta do pavimento térreo, do pavimento superior da Casa 09 e croqui da fachada baseado no desenho original. Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

CASA 10

Figura 90- Plantas e fachada da Casa 10.

Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

CASA 11, 12 e 13

Figura 91- Fachadas modelo 01, 02 e 03 das Casas 11, 12 e 13 e croquis da fachada baseados nos desenhos originais.
Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

CASA 11, 12 e 13

Figura 92- Planta A e B das Casas 11, 12 e 13.

Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

CASA 11, 12 E 13

Figura 93- Fachada modelo 01. Situação atual (2013), já modificada e fachada modelo 02, em 2012. E, em 2013, sendo reformada.
Foto: Tonaki (2013)

EDÍCIO 02

Figura 94- Fachada e plantas do pavimento térreo e superior do Edifício 02 .
 Fonte: Divisão de Arquivo Municipal de Processos de São Paulo (MDGDP-2).

Capítulo 06

CONCLUSÃO

Um dos prédios da fábrica.
Fonte: Memória Votorantim [196-?].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos 1930 até pelo menos a década de 1960, a Companhia Nitro Química Brasileira foi uma das empresas mais lucrativas e conceituadas de São Paulo.

A instalação de uma indústria com esse porte reflete a importância adquirida pelas periferias na expansão industrial paulistana a partir da década de 1930. No caso de São Miguel Paulista, a facilidade de comunicações através da via férrea e da estrada de rodagem, a disponibilidade de amplas áreas desocupadas, o baixo valor dos terrenos e a presença do Tietê (que gerava a possibilidade de utilização abundante de águas do maior rio paulista⁴⁵) foram fatores importantes para entender a escolha da região por indústrias de grande porte como a Nitro Química.

Ao menos no caso em estudo, o da C.N.Q.B, a esses fatores soma-se ainda a relativa proximidade com os portos de São Paulo e Rio de Janeiro por onde chegava parte da matéria prima para a Nitro Química e eram escoados alguns produtos; a proximidade com o centro urbano de São Paulo e a facilidade de comunicação com o Rio de Janeiro; as duas cidades representavam os maiores centros consumidores dos produtos da empresa.

Em São Miguel Paulista, a força de atuação da Nitro Química deixou marcas profundas organizando e praticamente monopolizando quase todas as atividades urbanas: o consumo, o lazer, o ensino e a saúde e também marcas físicas como fator de atração/ocupação populacional, instalação de infraestrutura (sistema viário, rede de esgotos e abastecimento de água, iluminação, pelo menos) e pela implantação de casas, quadras e ruas.

A influência da fábrica vai além de sua relação direta com os funcionários, atingindo também o restante do bairro e zonas adjacentes à medida em que parte desses benefícios podia ser usufruída por não funcionários da Nitro Química. Não deixando de considerar ainda a importância e o significado simbólico desse atendimento em uma área situada nos longínquos limites do município, afastada da zona urbana consolidada, absolutamente carente, desprovida de infraestruturas essenciais, praticamente desconsideradas na geografia e na política do município.

⁴⁵ No caso da Nitro Química, o Tietê colocava a possibilidade de instalação de uma estação de captação de águas, particularmente necessária para a produção e o escoamento de resíduos químicos.

A partir do momento em que a indústria instala-se através da Nitro Química, outras atividades econômicas são estimuladas. No rastro da fábrica desenvolve-se todo um sistema comercial, financeiro, de transportes, comunicações, etc. buscando o atendimento da demanda desse novo contingente populacional que se instalara. São Miguel passa a mercado de trabalho e também de consumo em função dos operários da fábrica. Com a implantação da Nitro Química, São Miguel Paulista passa a exercer um papel de centralidade local, eleita, ainda que sem grandes pretensões por parte de Azevedo, como "capital de todo êsse trecho suburbano da Capital Paulista" (1945, p.135). Sai de uma posição isolada, passiva, espectadora. Este aspecto foi lembrado e frisado no discurso de todos aqueles que se manifestaram a favor da implantação desta perigosa indústria. A máxima do "desenvolvimento do Brasil" sobrepõe-se a qualquer prejuízo causado pela empresa, que não foram poucos se considerarmos o impacto ambiental, urbano e, especialmente, os prejuízos à liberdade, à saúde e à vida dos trabalhadores. Sob a mão de ferro da Nitro Química, o bairro é finalmente incorporado à dinâmica urbana como uma região importante para município e para o estado. Em São Miguel aliou-se as exigências de modernidade técnica e arquitetônica, produtividade e lucro com a defesa do país e o controle social dos trabalhadores; a Nitro Química cumpria como nenhuma outra seu papel de importância econômica mas também social e política dentro do um contexto de um país ávido por mudar sua posição na economia mundial.

O conjunto fabril da Nitro Química, expresso em suas fábricas, suas casas e equipamentos e toda a política de auxílio e influência da fábrica sobre os trabalhadores representam o micro cosmos de uma sociedade que o capitalismo gostaria de instalar, ou seja, um espaço privilegiado de ordem, passividade, onde arquitetura, educação, religião, lazer e consumo visam o aumento de produção e por isso, o lucro.

Como um aspecto mais específico, revela a importância de empreendimentos como o da Nitro Química para a Arquitetura e Urbanismo no Brasil. Conforme já alertava Correia (1998a), vilas e núcleos de empresas encontram-se presentes em todas as regiões do Brasil, das menores às maiores cidades, abarcando uma variedade imensa de estilos arquitetônicos e partidos urbanísticos e, encontrando-se, por vezes, na origem de cidades no país, o que por si só já justifica sua relevância.

O conjunto de edificações da C.N.Q.B. revela uma experiência no qual fica claro a importância das indústrias também como difusoras de estilos e linguagens arquitetônicas e o papel exercido pela arquitetura dentro desta política empreendida pela fábrica. Bangalôs e especialmente Art Déco representavam expressões de vanguarda quando foram utilizadas pela Nitro Química. Ao adotá-las a fábrica levou à periferia uma renovação arquitetônica que ocorria na região central de São Paulo. São escolhas, portanto que guardam intenções bastante precisas por parte da indústria. O Déco, aplicado aos equipamentos, mais do que uma simples opção decorativa é tomado como expressão de modernidade, representando o caráter inovador da indústria e por isso eleito como expressão oficial da empresa. As casas e equipamentos como mostra de grandeza e modernidade atuavam em prol da melhoria da imagem de uma indústria perigosa e causadora de sério impacto sobre meio ambiente e urbano. O uso do Art Déco pela Nitro Química mostra sua flexibilização como repertório arquitetônico e a crença no estilo para a resolução de variados programas.

Os Bangalôs, por sua vez, mostraram-se adequados à habitação do trabalhador, cumprindo com grande eficácia a demanda dos patrões por funcionalidade, economia e conforto modesto da casa operária. Ainda que de pequenas dimensões são regidos pela mesma lógica das casas burguesas, ou seja, baseadas na noção de "home", o lar, espaço privado da família, do amor e da sexualidade legítima, da moralidade, em suma, reino de virtudes domésticas, que se espera do trabalhador.

Do ponto de vista urbano a experiência da Nitro Química demonstra sua sincronia com alguns dos principais debates urbanísticos da época (as Cidades-jardim e as Unidades de vizinhança) novamente colocando as indústrias como grandes agentes de inovação urbanística e arquitetônica. A organização espacial do conjunto erguido pela Nitro Química organizava os fluxos; hierarquizava as vilas, conferindo-lhes caráter diferenciados, e colocava a fábrica e os equipamentos em posição privilegiada e de destaque.

A Nitro Química revelou um exemplar notável de empresa com vila operária no Brasil, pela quantidade de casas que ergueu, cerca de 600 unidades, e variedade de equipamentos de saúde, lazer, consumo e educação que criou. Neste sentido o conjunto pode ser enquadrado entre as maiores de São Paulo se equiparado à Vila Maria Zélia da Fábrica de Tecidos de Juta pertencente ao industrial Jorge Street, com cerca de 200 casas,

creche, coreto, duas escolas (meninos e meninas separadamente), capela, armazém, restaurante, ambulatório, salão de bailes, dormitório de solteiros e área de esportes.

Ao contrário da Vila Maria Zélia que goza de vasto prestígio, material bibliográfico e reconhecimento dos órgãos de patrimônio⁴⁶, a experiência da Nitro Química permanece praticamente ignorada pela historiografia da arquitetura e urbanismo.

Um dos fatores desse "esquecimento", deve-se, a nosso ver, ao precoce processo de desmonte vivenciado pela Nitro Química iniciado já na década de 1960, ou seja, apenas cerca de 30 anos depois da inauguração da fábrica. No contexto de reestruturação empresarial deste período, as casas e espaços coletivos passaram a serem vistos como "atividades economicamente inviáveis, pouco atrativas ou supérfluas" (RAVAGLIA, 1988, p. 21). A desativação deles colocava-se ao lado da diminuição do efetivo, formação de novos quadros diretores, racionalização e modernização administrativa e investimento nos setores mais produtivos.

Segundo Correia (1997), reorganizações empresariais e mudanças nas relações entre trabalho e capital estão entre os motivos que aceleraram os processos de desmonte de vilas e núcleos em todo o Brasil na década de 1980. Outros fatores seriam: necessidade de expansão das fábricas, fechamento de indústrias, valorização imobiliária de terrenos, terceirização de setores da produção e difusão de doutrinas neoliberal correlata ao retrocesso nos direitos sociais.

Por desmonte entendemos o "fim do sistema de provisão de moradias e, eventualmente, também de serviços e equipamentos sociais pela empresa", tal como definido pela mesma autora (CORREIA, 2011, p. 280).

O processo de desmonte assume formas diversas: pode ser total ou parcial (atingindo apenas algumas áreas ou categorias de trabalhadores); pode ser progressivo ou rápido; pode implicar ou não na destruição física ou numa descaracterização ampla das construções; os equipamentos de uso coletivo podem ser terceirizados, repassados para o Estado, fechados ou terem os

⁴⁶ A Vila Maria Zélia foi tombada em 1992 pelo CONPRESP (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo) e pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico). O reconhecimento a que me refiro nesta afirmação não significa que a Vila Maria Zélia esteja adequadamente preservada, em condições ótimas; ela ainda enfrenta as mesmas dificuldades e ameaças sofridas por todo o patrimônio industrial brasileiro, apesar disso (ainda) cremos no reconhecimento oficial como um primeiro passo na cruzada pela preservação patrimonial do país.

prédios que os abrigavam vendidos ou demolidos; as moradias podem ser vendidas, alugadas ou demolidas.

No caso da Nitro Química, até os anos 1980, as casas foram repassadas aos trabalhadores via acordos trabalhistas decorrentes das demissões em massa ocorridas a partir do final da década de 1960 e a grande maioria dos espaços coletivos foram demolidos ainda em ótimas condições de uso.

O crescimento contínuo e acelerado da capital contribuiu para o desinteresse da empresa na continuidade de construção e/ou manutenção do núcleo residencial. Segundo Viana (1982, p. 01), São Miguel Paulista foi o bairro que apresentou os maiores índices de crescimento populacional entre as décadas de 1940 e 1980.

Similarmente ao que ocorreu com outras vilas e núcleos operários, assim que a propriedade das casas foi transferida para os trabalhadores teve início um amplo processo de descaracterização dessas edificações. Na Cidade Nitro Química, a maior parte das casas ainda mantém a integridade física, mas bastante desfiguradas. No caso da Vila Americana, pouco restou do belo conjunto de residências. Essa diferença deu-se, principalmente, em virtude da valorização dos terrenos. Ambas as vilas foram implantadas pela Cia. Nitro Química mantendo uma diferença hierárquica refletida tanto na localização, quanto no padrão das casas e no traçado urbano. A localização "privilegiada" da Vila Americana, próxima à estação de trens de São Miguel levou também à sua maior valorização imobiliária.

Foi também na Vila Americana que foram implantados os equipamentos de comércio da Nitro Química (Farmácia, Armazém/Padaria e Açougue). Ao longo dos anos, essa vocação comercial associada à localização central do trecho, acentuou-se e o antigo assentamento deu lugar à zona de maior concentração comercial do bairro, onde o processo de descaracterização é ainda mais rápido e brutal.

Quanto às casas situada dentro dos muros da fábrica, restaram algumas que foram cedidas pela Nitro Química para funcionamento do 29º Batalhão da Polícia Militar do Estado de São Paulo. O batalhão, por sua vez, realizou reformas e ampliações nas casas, alterando consideravelmente sua organização interna.

Dentre as principais ações de transformação de vilas operárias e núcleos fabris (desativação, transferência de propriedade, descaracterização, etc.) certamente a

demolição parcial ou total é a mais extrema. A Cia. Nitro Química desativou e demoliu a maioria de seus equipamentos deixando vazios os terrenos onde se situavam as edificações do Ambulatório, Restaurante, Berçário, Escola SENAI e Delegacia. O Clube de Regatas encontra-se em ruínas, desativado e parcialmente demolido. No final de 2012 setores da população local iniciaram um debate que propõe a transformação do clube em Centro Cultural. A escola de ensino básico (Escola do Divino Trabalhador), único dos equipamentos situados na Cidade Nitro Química foi a que sofreu menor interferência externa e passou a abrigar uma oficina mecânica, também já não sendo propriedade da fábrica. Sobre Armazém/Padaria, Farmácia e Açougue não conseguimos afirmar se foram reformados ou demolidos e substituídos, dado o alto grau de intervenção tanto nos lotes quanto nos edifícios da Vila Americana. Situado dentro dos limites da fábrica, o Clube Social mantém-se parcialmente ativo e exclusivo de uso de funcionários, já sem a arquibancada, o grande campo de futebol e de outras práticas esportivas. O grande Hospital e Maternidade foi arrendado e os novos dirigentes assumiram o compromisso de continuar a assistência aos funcionários, mas o edifício também acabou demolido, sem deixar qualquer vestígio da existência da enorme edificação de três pavimentos e quase 2.600 metros quadrados de área.

[...] foram fechadas empresas satélites – Armazém de Abastecimento, Depósito de matérias para construção e arrendado o Hospital, que era operado pela Sociedade Hospital e Maternidade Nitro Química Ltda. Neste caso, os arrendatários assumiram o compromisso de pagar o valor de sua responsabilidade através de assistência médica aos funcionários da empresa (RAVAGLIA, 1982, p. 21).

Os equipamentos de assistência ao trabalhador implantados pela Nitro Química tornaram-se uma referência para São Miguel e região e, provavelmente, suprimam a falta de equipamentos sociais na zona leste de São Paulo, ainda uma das áreas mais carentes do município mesmo após uma série de melhorias e o contínuo crescimento da cidade.

O desmonte do conjunto fabril "nitrino" impõe um impacto negativo à memória da industrialização, do bairro de São Miguel Paulista com seus moradores e trabalhadores e à história da formação urbana de São Paulo, quanto à perda de um rico e

um importante conjunto de arquitetura Art Déco aplicado a um complexo fabril e a diferentes tipologias.

A Companhia Nitro Química continua em funcionamento, com um número bastante reduzido de funcionários e de produtos, hoje formado basicamente por resinas usadas pela indústria de tintas e vernizes, cosméticos e defensivos agrícolas.

Em novembro de 2011 a fábrica foi vendida pelo Grupo Votorantim para o fundo de investimento Faro Capital, formado por investidores privados e administrados pela BRL Trust. A Votorantim segue na estratégia de concentrar seus principais negócios: cimento, celulose e metais. Com a venda da Nitro Química o Grupo pôs fim aos investimentos da empresa no setor químico. A venda colocou novas dúvidas e expectativas em relação ao futuro do que resta desse importante e pouco conhecido patrimônio.

REFERÊNCIAS

- ARRANCARAM o operário das garras do policial. (1951). **Jornal a voz operária**, 8 dez. 1951. p.10.
- AZEVEDO, A. E. (1945). **Subúrbios orientais de São Paulo**. 184f. Tese (Provimento de Cátedra) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1945.
- BLAY, E. (1980). Dormitórios e vilas operárias. In: VALLADARES, L. P. (Org). **Habitação em questão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BLAY, E. A. (1985). **Eu não tenho onde morar**: vilas operárias na cidade de São Paulo. São Paulo: Nobel.
- BLAY, E. A.; QUEIROZ, M. I. P.; OLIVEN, R. G. (1978). Habitação: a política e o habitante. In: BLAY, E. A. **A Luta pelo espaço** - textos de sociologia urbana. 2.ed. Petrópolis: Vozes.
- BONDUKI, N. G.(1994). **Origens da habitação social no Brasil**: o caso de São Paulo. 308 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- BORGES, M. S. (2006). **Quartirão sucesso da cidade**: o art déco e as manifestações arquitetônicas na Fortaleza de 1930 e 1940. 209 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BRESLER, H. (1997). O Art décoratif moderno na França. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: prefeitura da cidade do Rio de Janeiro/SMU, 1997, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: PUC/RJ.
- CALDEIRA, J. (2007). **Votorantim 90 anos**: uma história de trabalho e superação. São Paulo: Mameluco.
- CAMPOS, E. (2008). Chalés paulistanos. **Anais do Museu Paulista**: história e cultura material, São Paulo, v.16, n.1., jan./jun.
- CAMPOS, V. J. B. (2003). **O Art déco e a construção do Imaginário Moderno**: um estudo de linguagem arquitetônica. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- CHALHOUB, S. (1996). **Cidade febril cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras.
- CONDE, L. P. F. (1997). O Art déco modernidade antes do movimento moderno. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: prefeitura da cidade do Rio de Janeiro/SMU, 1997, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: PUC/RJ.
- CORREIA, T. B. (1997). Moradia e trabalho: o desmonte da cidade empresarial. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 7., 1997, Recife. **Anais...** Recife: MDU-UFPE.

CORREIA, T. B. (1998a). **Pedra: plano e cotidiano operário no sertão**. Campinas: Papirus.

_____. (1998b). Núcleo fabril x cidade livre: os projetos urbanos da Klabin no Paraná. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 5., 1998, Campinas. **Anais...** Campinas: [s.n.].

_____. (2001). De Vila operária a cidade-companhia: as aglomerações criadas por empresas no vocabulário especializado e vernacular. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, n.4, p.83-98, maio.

_____. (2004a). **A Construção do habitat moderno no Brasil- 1870-1950**. São Carlos: RiMa.

_____. (2004b). **Vilas operárias e núcleos fabris e de mineração no Brasil: a construção e o desmonte**. São Carlos: EESC-USP.

_____. (2008). Art déco e indústria, Brasil décadas de 1930 e 1940. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.16, n.2, p.47-104., jul./dez.

_____. (2010). Patrimônio industrial e agroindustrial no Brasil: a forma e a arquitetura dos conjuntos residenciais. In: SEMINÁRIO DE PATRIMÔNIO AGROINDUSTRIAL: lugares da memória, 2., 2010, São Carlos. **Anais...** São Carlos: SAP/EESC/USP.

_____. (2011). A Moradia na paisagem industrial: a forma de vilas operárias e núcleos fabris. In: CORREIA, T. B. **Forma urbana e arquitetura de vilas operárias e núcleos residenciais de empresas no Brasil**. São Paulo: Anablume.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO SÃO MIGUEL PAULISTA; FUNDAÇÃO TIDE SETÚBAL. (2006). **Um olhar sobre São Miguel Paulista e Brasileiro 2006**. Caderno de São Miguel Paulista (1622-2006). São Paulo: IBEP.

_____. (2008). **Almanaque um olhar sobre São Miguel Paulista: manifestações culturais ontem e hoje**. São Paulo: IBEP.

CRAWFORD, M. (1995). **Building the workingman's paradise: the design of American Company Towns**. [S. l.]: Verso. (Haymarket Series).

FONTES, P. R. R. (1996). **Trabalhadores da Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

GOWANS, A. (1987). **The Comfortable houses**. 2nd ed. Cambridge: MIT.

HOBBSBAWM, E.J. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1986.

HOWARD, E. (2002). **Cidades-jardins do amanhã**. Tradução de Marco Aurélio Lagonegro. Introdução de Dácio Ottoni. São Paulo: Hucitec.

INSALUBRIDADE e exploração na Nitro-química de São Paulo. Gases tóxicos envenenam os operários – demitida, de uma vez, 370 operárias- perseguições e manobras desonestas- Lucros fabulosos. 13 dez. 1956. p.10.

KING, A. D. (1995). **The Bungalow**: the production of a global culture. New York : Oxford University Press.

LEIVA, C. J. (1944). Como evitar greves. **Observador Econômico e Financeiro**, ano 8, n.96, p.17-31, jan.

LE MOS, C. A. C. (1987). Ecletismo em São Paulo. In: FABRIS, A. (Org.). **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel. p.69-103.

_____. (1989). **Alvenaria burguesa breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café**. São Paulo: Nobel.

_____. (1998). Os Primeiros cortiços paulistanos. In: SAMPAIO, M. R. A. (Coord.). **Habitação e cidade**. São Paulo: FAU-USP/FAPESP. p.9-38.

MARCOVITCH, J. (2005). **Pioneiros e empreendedores**: a saga do desenvolvimento no Brasil. São Paulo: Ed.Universidade de São Paulo. v.2.

McLEAN, M. (1959). **Local planning administration**. 3thed. Chicago: The International City Manager's Association.

MINERAÇÃO do Morro Velho. (1878). **O Auxiliador da Indústria Nacional**, n.6, p.140, jun.

MORSE, R. M. (1970). **Formação histórica de São Paulo**. São Paulo: DIFEL.

MUNFORD, L. (1965). The Garden city idea and moderno planning. In: HOWARD, E. **Garden cities of to-morrow**. Cambridge: First M.I.T. p.29-42.

NITRO JORNAL. (1953-1954). São Paulo: Grupo Votorantin.

OLIVEIRA, M. S. G. (2008). **Arquitetura em São Paulo na era Vargas**: o art déco e a arquitetura fascista nos edifícios públicos (1930 – 1945). Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

O SR. JOSÉ Ermirio estabelece a verdade. **Jornal O Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 26 abr. 1966, p.8.

PINHEIRO, M. L. B. (1997). **Modernizada ou moderna?** A Arquitetura em São Paulo, 1938-45. 343 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São

Paulo, São Paulo, 1997.

_____. (2008). Arquitetura residencial verticalizada em São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.16, n.1, jan./jun. 2008. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v16n1/o4.pdf>>. Acesso em: 05.06.2012.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Urbanismo. (1996). **Guia da arquitetura**: art deco no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

RAGO, M. A. P. (2008). **José Ermírio de Moraes**: a trajetória de um empreendedor. São Paulo: Paz e Terra.

RAMALHO, M. L. P. (1989). **Da “Beaux-Arts” ao “Bungalow**: uma amostragem da arquitetura eclética no Rio de Janeiro e em São Paulo. 282 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

RAVAGLIA, F. (1988). **Contribuição à história da Nitro Química Brasileira 1935 -1985**. São Paulo: Grupo Votorantim.

REIS FILHO, N. G. (1983). **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva.

_____. (1994a). **Habitação popular no Brasil: 1880-1920**. São Paulo: FAU/USP.

_____. (1994b). **São Paulo e outras cidades**: produção social e degradação dos espaços urbanos. São Paulo: Hucitec.

SAMPAIO, M. R. A. (1998). (Coord.). **Habitação e cidade**. São Paulo: FAU-USP; FAPESP.

SÃO PAULO. (2012a). **Mapa de localização de São Miguel Paulista**. Disponível em:<<http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/panorama/>>. Acesso em: 25 maio 2012.

_____. (2012b). **Mapa de urbanização da cidade de São Paulo entre 1940 e 1952**. Disponível em:<http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico>. Acesso em: 25 maio 2012.

SÃO MIGUEL PAULISTA, 364 anos depois. **Jornal São Paulo Leste**, de 29 de outubro a 08 de novembro, 1986, p. 10.

SCANTIMBURGO, J. (1986). **José Ermírio de Moraes**: o homem – a obra. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

SEGAWA, H. (1998). **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp.

STEIN, S. J. (1979). **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil – 1850 – 1950**. Rio de Janeiro: Campus.

TONAKI, L. L. (2005). **Indústria e moradia**: o enfoque do jornal O Auxiliador da Indústria Nacional. Monografia (Iniciação Científica) – Escola de engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2005.

_____. (2007). **A Moradia operária e os almanaques**. Brasil, 1857 a 1958. Monografia (Iniciação Científica) – Escola de engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.

VIANNA, M. T. R. (1982). **São Miguel Paulista**: o chão dos desterrados. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1982.

WOLFF, S. F. S. (2001). **Jardim América**: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura. São Paulo: EDUSP; FAPESP; Imprensa Oficial do Estado.

ANEXO

PROCESSOS CONSULTADOS NA DIVISÃO DO ARQUIVO MUNICIPAL DE PROCESSOS (MDGDP-2):

Açougue e Farmácia.

Processo 45413/1940 - "Reforma de prédio" (Açougue e Farmácia). Anexado ao Processo 91973/1940.

Ambulatório.

Processo 037554/1943 - "Solicitação de despacho no processo 23.864/1943".

Processo 023.864/1943 - "Licença para construção de Ambulatório". Anexado ao Processo 37554/1943.

Processo 039057/1943 - "Construção de Ambulatório sem licença".

Processo 044244/1943 - "Solicita relevação de multa".

Processo 044303/1943 - "Solicita anexação de documentos ao Processo 37554/1943".

Escola Divino Trabalhador.

Processo 46359/1943 - "Construção de prédio para escola".

Processo 65565/1943 - "Construção de prédio sem licença".

Processo 12875/1944 - "Solicita seja juntada ao processo 46359/1943, a planta aprovada pelo Departamento de Saúde do Estado".

Processo 0.080.151/1945 - "Alvará de Reforma".

Berçário

Processo 0.068.193/1951 - "Reconsideração de despacho de edificação".

Processo de numeração não identificada (ampliação do Berçário).

Clube de Regatas.

Processo 0.143.928/1950 - "Alvará de Construção".

Processo 0.163.059/1952 - "Auto de Conclusão – Habite-se"

Processo 0.067.989/1954 - "Alvará de Reforma".

Delegacia.

Processo 0.061.195/1946 - "Alvará de Construção".

Processo 0.078.427/1952 - "Alvará de construção".

Escola SENAI.

Processo 0.036.783/1943 - "Alvará de Construção".

Processo 0.050.806/1943 - "Reconsideração de despacho de edificações".

Hospital e Maternidade.

Processo 0.133.410/1951 - "Alvará de Construção".

Hospital.

Processo 0.039.433/1941 - "Alvará de Construção".

Restaurante.

Processo 0.068.194/1942 - "Alvará de Reforma".

Padaria.

Processo 0.052.809/1943 - "Construção de prédio".

Portaria de 1942.

Processo 57426/1942 - "Construção de prédio".

Portaria de 1950.

Processo 0.143.929/1950 - "Alvará de Construção".

Modificação da Estrada de Arujá.

Processo 73421/1935 – "Alvará de Reforma".

Portaria de 1941.

Processo 0.077.972/1941 - "Alvará de Construção".

Clube Social.

Processo 83034/1944 - "Construção de piscina".

Fábricas da Companhia Nitro Química Brasileira e Plano geral de implantação.

Processo 0.085.680/1935 - "Alvará de Construção".

Processo 0.038.080/1936 - "Projeto Modificado".

Processo 0.045.951/1937 - "Alvará de Construção".

Processo 0.034.557/1938 - "Auto de Conclusão – Habite-se".

Processo 0.081.671/1952 - "Auto de Conclusão – Habite-se".

Processo 0.111.97/1953 - "Reconsideração de despacho de edificações".

Processo 0.063.377/1945 - "Reconsideração de despacho de edificações". Processo 0.086.719/1945 - "Alvará de Construção".

Processo 80.616/1946 - "Solicitação de Auto de Vistoria".

Processo 87475/1946 - "Aumento de prédio".

Processo 0.049.046/1947 - "Alvará de Construção".

Habitações operárias.

Processo 0.011.279/1945 - "Alvará de Construção".

Processo 12673/1945- "Alvará de Construção".

Processo 12680/1945- "Construção de Prédio Rural".

Processo 12695/1945- "Construção de Prédio Rural".

Processo 12757/1945- "Construção de Prédio Rural".

Processo 12758/1945- "Construção de Prédio Rural".

Processo 0.125.884/1952 - "Auto de Conclusão – Habite-se".

Processo 14394/1948 - "Habite-se".

Processo 14473/1945- "Construção de Prédio Rural".

Processo 14474/1945- "Construção de Prédio Rural".

Processo 0.015.977/1953 - "Projeto Modificado".

Processo 0.016.932/1944 - "Alvará de Conservação".

Processo 21414/1942- "Construção Rural".

Processo 21415/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 21419/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 21420/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 21421/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 21422/1942- "Construção Rural".

Processo 21423/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 21424/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 21425/1942- "Construção Rural".

Processo 0.021.474/1942- "Alvará de Construção".

Processo 21738/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 21739/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 21740/1942- "Construção Rural".

Processo 21741/1942- "Construção Rural".

Processo 21742/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 21743/1942- "Construção Rural".

Processo 21744/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 21745/1942- "Construção Rural".

Processo 21746/1942- "Construção Rural".

Processo 21747/1942- "Construção Rural".

Processo 21982/1942- "Construção Rural".

Processo 21984/1942- "Construção Rural".

Processo 0.021.985/1942- "Construção Rural".

Processo 21986/1942- "Construção Rural".

Processo 21997/1942- "Construção Rural".

Processo 21998/1942- "Construção Rural".

Processo 21999/1942- "Construção Rural".

Processo 22245/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 22246/1942- "Alvará de Construção".

Processo 22247/1942- "Alvará de Construção".

Processo 22248/1942- "Alvará de Construção".

Processo 22249/1942- "Alvará de Construção".

Processo 22250/1942- "Construção Rural".

Processo 22251/1942- "Construção Rural".

Processo 22252/1942- "Construção Rural".

Processo 22253/1942- "Construção Rural".

Processo 22254/1942- "Construção Rural".

Processo 22614/1942- "Construção Rural".

Processo 22615/1942- "Construção Rural".

Processo 23274/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 23277/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 24111/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 24112/1942- "Construção Rural".

Processo 24113/1942- "Construção Rural".

Processo 24745/1938 - "Solicitando relevação de penalidade de pagamento de emoluentes em dobro sobre obras construídas em S. Miguel".

Processo 0.025.958/1947- "Alvará de Construção".

Processo 0.026.177/1952- "Alvará de Construção".

Processo 29846/1945- "Construção Rural".

Processo 29848/1945- "Construção Rural".

Processo 29849/1942- "Construção Rural".

Processo 30095/1945- "Construção Rural".

Processo 30097/1945- "Construção Rural".

Processo 30599/1945- "Alvará de Construção".

Processo 30598/1945- "Construção de Prédio Rural".

Processo 0.034.147/1952- "Alvará de Construção".

Processo 37631/1942- "Construção Rural".

Processo 37633/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 37634/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 37791/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 37792/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 37793/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 38008/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 38009/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 38010/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 38011/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 38012/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 38013/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 38152/1942- "Solicitação de Alvará de Conservação de Obras".

Processo 38390/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 38391/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 38392/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 38393/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 38570/1942- "Construção de casas operárias sem licença".

Processo 38703/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 38705/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 38706/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 38707/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 38708/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 38709/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 38713/1942- "Construção Rural".

Processo 38715/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 38716/1942- "Construção Rural".

Processo 0.039.077/1942- "Alvará de Conservação de Obras".

Processo 0.039.078/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 0.039.079/1942 - "Alvará de Construção".

Processo 0.039.080/1942- "Alvará de Construção".

Processo 0.039.081/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 39403/1942- "Construção Rural".

Processo 0.039.404/1942- "Alvará de Construção".

Processo 0.039.405/1942- "Alvará de Construção".

Processo 0.039.406/1942- "Alvará de Construção".

Processo 39624/1942- "Construção Rural".

Processo 39625/1942- "Construção Rural".

Processo 39626/1942- "Construção Rural".

Processo 39627/1942- "Construção Rural".

Processo 40308/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 40309/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 40310/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 40668/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 40669/1942- "Construção de Prédio Rural".

Processo 41422/1939- "Construção de casas sem licença".

Processo 41439/1939- "Construção de casas operárias sem licença".

Processo 0.050.023/1946 - "Auto de Conclusão – Habite-se".

Processo 0.052.927 /1946 - "Alvará de Reforma".

Processo 0.053.036/1951- "Alvará de Construção".

Processo 54411/1942- "Solicitação de Alvará de Conservação de Obras".

Processo 54888/1942- "Solicitação de Alvará de Conservação de Obras".

Processo 54891/1942- "Solicitação de Alvará de Conservação de Obras".

Processo 0.054.892/1942- "Alvará de Conservação de Obras".

Processo 0.054.893/1942- "Alvará de Conservação de Obras".

Processo 54894/1942- "Solicitação de Alvará de Conservação de Obras".

Processo 54898/1942- "Solicitação de Alvará de Conservação de Obras".

Processo 54935/1942- "Solicitação de Alvará de Conservação de Obras".

Processo 0.054.937/1942- "Alvará de Conservação de Obras".

Processo 54939/1942- "Solicitação de Alvará de Conservação de Obras".

Processo 0.054.940/1942- "Alvará de Conservação de Obras".

Processo 54942/1942- "Solicita Alvará de Conservação de Obras".

Processo 54943/1942- "Solicita Alvará de Conservação de Obras".

Processo 54944/1942- "Solicitação de Alvará de Conservação de Obras".

Processo 54945/1942- "Solicitação de Alvará de Conservação de Obras".

Processo 54946/1942- "Solicitação de Alvará de Conservação de Obras".

Processo 54950/1942- "Solicitação de Conservação de Obras".

Processo 54951/1942- "Solicita Alvará de Conservação de Obras".

Processo 0.056.629/1941- "Solicitação de Alvará de Conservação de Obras".

Processo 0.060.271/1945 - "Alvará de Construção".

Processo 0.061.195/1946- "Alvará de Construção".

Processo 0.065.129/1949- "Alvará de Construção".

Processo 0.065.784/1944- "Alvará de Construção".

Processo 70701/1951- "Construção Rural".

Processo 70955/1942- "Construção Rural".

Processo 0.075.953/1937- "Alvará de Construção".

Processo 0.084.339/946 - "Auto de Conclusão – Habite-se".

Processo 0.114.518/1942- "Reconsideração de Despacho de Edificações".

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

<http://www.votorantim.com.br>
<http://www.artdecobrasil.com.br>
<http://www.klabin.com.br>
<http://www.pjf.mg.gov.br>
<http://www.klabin.com.br>

<http://www.mendes.rj.gov.br>

http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico

BIBLIOTECAS E ACERVOS

Memória Votorantim

Biblioteca Central da EESC

CEPDOC SAP EESC

CEPDOC SÃO MIGUEL – FUNDAÇÃO TIDE SETÚBAL

Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da

Biblioteca FAU USP

Biblioteca FAU-Pós Graduação USP

Biblioteca FEA USP

Biblioteca FFLCH USP

Departamento do Patrimônio Histórico - DPH

Divisão de Arquivo Municipal de Processos – MDGDP-2

Arquivo Histórico de São Paulo

Centro de Memória Klabin

Instituto de Estudos Brasileiros – IEB USP